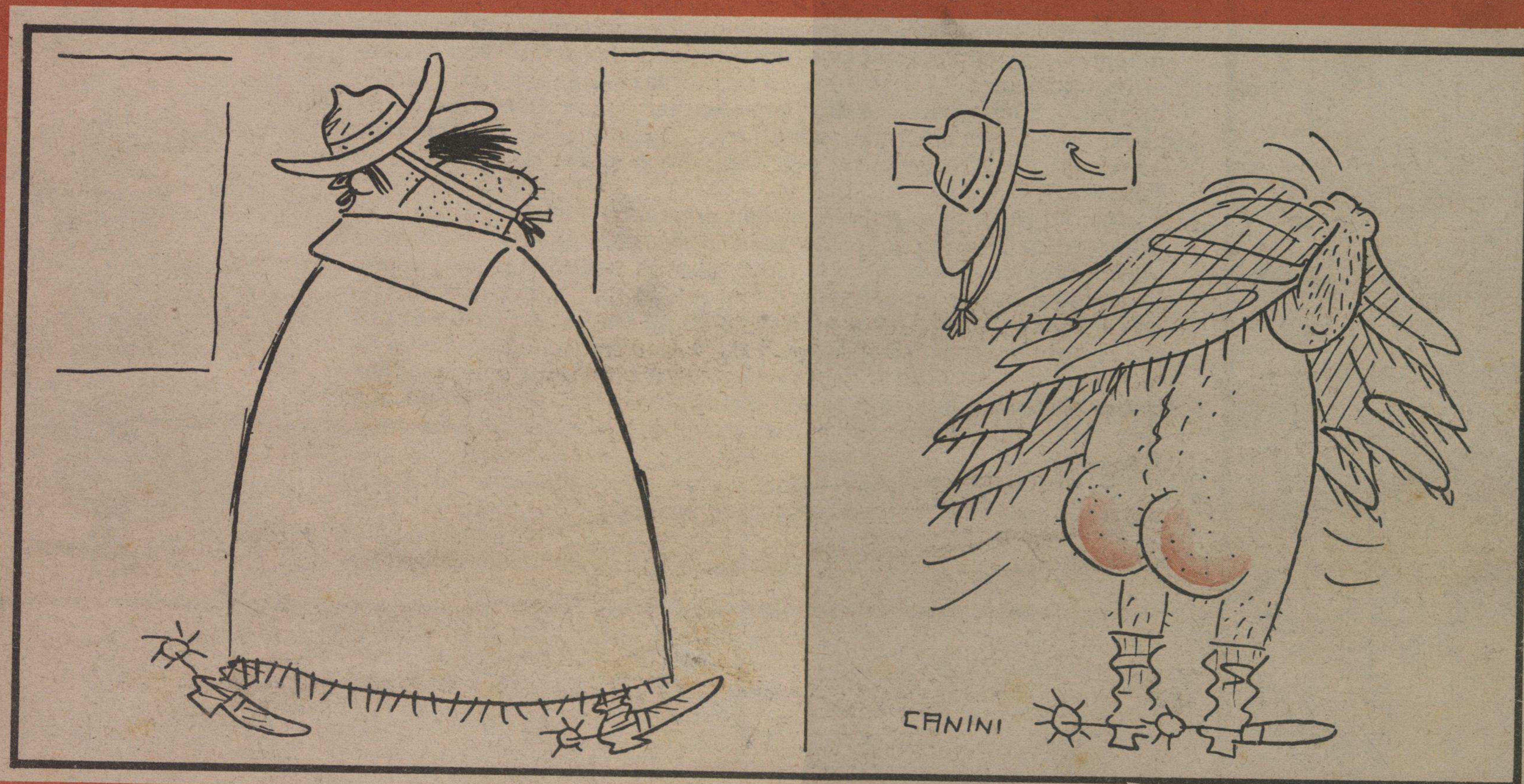


HUMOR AS PAMPAS

Edição Especial
COOJORNAL



A OUTRA FACE DO GAÚCHO

- ZIRALDO
- JAGUAR
- SAMPAULO
- SANTIAGO
- ITARARÉ
- VERÍSSIMO
- VASQUES
- CHICO CARUSO
- CANINI

O POVO
TÁ RINDO
DE QUÊ?

32 páginas
de cartuns,
causos
e piadas.

Este jornal, criado em 15 de novembro de 1975, pertence à primeira Cooperativa de jornalistas do Brasil, a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., fundada em 24 de agosto de 1974. A COOJORNAL tem 310 sócios. É uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em assembléia geral. Cada associado, independente de sua participação em capital, tem os mesmos direitos nas decisões de assembléia. Além da diretoria, a COOJORNAL tem um Conselho Editorial para orientar a linha e a qualidade de suas publicações próprias e de 15 outras publicações que faz para terceiros.

Participaram desta edição:

Editoria: Sérgio Batsow, Elmar Bones, Fraga e Edgar Vasques
Diagramação: Lilian Ben David
Arte: Juvenal e Ferré

Reportagem e pesquisas: Angélica de Moraes, Paulo Pereira e Euclides Tóres

Fotografia: Pedro Flôres

Cartum e texto: Luis Fernando Veríssimo, Tarso Riccardi, Jaguar, Ziraldo, Chico Caruso, Canini, Uberty, Schroeder, Juska, Alf, Santiago, Hartur, Jaca, Beto Silveira, Corvo, Ferré, Batsow, Bendatti, Edgar Vasques, Edson, Wilmarx, Ronaldo, Sosa e Magno

Participação especial: Sampaolo

Industrial

Francisco Alba (coordenador), Lindomar da Silva, Sílvia Berni, Edison Ubiratan Trindade, Maria de L. B. Lima (revisão), Carlos Milton Rios (produção), Júlio Ferrari, Atil Vineton, (fotolito), Paulo Sá, Ivan Carlos Franco, Hélio Pinho, Júlio César Martins (fotocomposição), Luiz Augusto de Oliveira, Luiz Gustavo Machado, Léo Roberto dos Santos (montagem).

Administração

Eládio Vieira da Cunha

Comercial

Enio Lindenbaum, Francisco Cleber Bressani

Circulação e Assinaturas

Renan Carvalho Rodrigues (coordenador), Suzi de Ávila Bérni e Gilberto Taurino.

Números atrasados

A venda somente a partir da edição nº 13. Custo de cada exemplar: preço da última edição na banca. Pedidos devem ser acompanhados do respectivo valor, em cheque ou vale postal em nome de COOJORNAL.

Endereço

Rua Comendador Coruja, 372
 CEP 90.000 — Porto Alegre — RS
 Fones 218984 e 240951 — Telex (051) 1605
 Registro nº 33170/Livro A 1

Impressão: Diário de Notícias

COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE LTDA.

ASSOCIADOS: José Antônio Vieira da Cunha (Presidente), Tomas Pereira (Vice-Presidente), Rosvita Saueressig (Secretária), Alfonso Ritter, João Souza, Jorge Polydoro, Osmar Trindade, Pedro Maciel, Baru Derquin, Jorge Gallina, José Emanuel de Mattos, Ricardo Chaves e Sérgio Batsow (Conselheiros de Administração), Antônio Oliveira, Agnese Schifano, Danilo Ucha, Hermelindo Macedo, Luiz Vitello e Regina Vasques (Conselheiros Fiscais), Assis Hoffmann, Elmar Bones, Hélio Gama, João Aveline, Luiz Carlos Merten, Carlos Bastos, Jorge Olavo Leite, Guaraci Fraga, Luiz Cláudio Cunha e Paulo Burd (Conselheiros de Edição), Adélia Porto da Silva, Ademir Vargas, Ângela Beatriz Riccardi, Antônio Brito, Antônio Dreon, Arthur Monteiro, Carlos Alberto Koleczka, Carlos Urbim, Carlos Mosmann, Celso Rosa, Claiton Selistre, Clarice Aquistapace, Cláudio Barcelos, Delmar Marques, Fernando Albrecht, Edgar Vasques, Erni Quaresma, Euclides Torres, Floriano Soares, Cládis Ybarra, Imara Stallbaum, Jandira César, José Antônio Ribeiro, José Félix Valente, Julieta Pereira, Leo Tavejnhansky, Licínio de Azevedo, Luiz Terra Júnior, Luiz Fonseca, Maria Angélica de Moraes, Marina Wodtke, Mário Marcos de Souza, Marques Leonam, Nirce Levin, Otacilio Grivot, Paulo de Tarso Riccardi, Paulo Gerson de Oliveira, Renato Pinto da Silva, Sérgio Moita, Silmar Müller, Walter Molina, Clóvis Malta, Omar de Barros Fº, João Carlos F. da Silva, Lenora Vargas, Leonid Streliaev, Divino Fonseca, João B. Scalco, Eva Caparelli, Maristela Bairros, Telmo Zanini, Iara Bendati, Afonso Licks, Carlos Rodrigues, Victor Hugo Sperb, Jaime Klintowitz, Sílvia Ferreira, Ana Amélia de Lemos, José Onofre, Alberto André, Alberto Blum, Flávio Dutra, Jorge Freitas, Renan de Oliveira, Antônio Gonzalez, Mário Villas-Boas da Rocha, Dorival Pacheco, José Lauro Dieckmann, Gerson Schirmer, Rejane Baeta, Fernando Goulart, Comercindo Coutinho, Carlos Salzano, Laíla Pinheiro, Marinória Schilling, Geraldo Hasse, Gilberto Pauletti, Jorge Escosteguy, Luiz Oscar Matzenbacher, Olyr Zavaschi, Ademir Fontoura, Flávio Porcello, Virson Holderbaum, Carlos Fehlberg, Jussara Pereira Coelho, Paulo Maciel, Luiz Afonso Franz, André Pereira, Eugênio Bortolon, Mário Madureira, Roberto Manera, Cláudio Levitan, José Antônio Simch, Maria da Graça Guindani, Sérgio Caparelli, Lauro Quadros, Marcelo Oscar Lopes, Maria Inês Burger, José A. Pinheiro Machado, Olivio Lamas, Sílvia Costa, Judith Martins Costa, Sérgio Tonello, José Abu-Jamra, Sérgio Becker, Francisco Dias Lopes, Lilian Bem David, Nilson Figueiredo, Roberto Alves D'Azevedo, José Erasmo Nascentes, Beatriz Polydoro, Hipólito Pereira, Fernando Bueno, Edgar Lisboa, Antônio Carlos Mafalda, Carlos Kamas, Valdir Paz, Sérgio Arnoud, Ivan Pinheiro Machado, Marconi João da Silva, Vera Regina Monteiro, Amauri Melo, Paulo Macedo, Marco Antônio Schuster, Neuza Tasca, Otília Goulart, Roberto Appel, Ivo Egon Stigger, Elaine Lerner, Alda Souza, Carla Irigaray, Tânia Barros, Tânia Faillace, Paulo Denis Pereira, Avrton Kanitz, Pedro Macedo, Terezinha Figueiredo, Iraporan Müller, Zélia Leal, Luiz Artache, Neusa Ribeiro, Marcos Antônio Baggio, Edna Della Nina, Armindo Antônio Ranzolin, Vilmo Medeiros, Paulo Poli, André Joskyman, Jayme Copstein, Raul Rubenich, Citina Leal, Leonardo Dourado, Edson Gomes Chaves, João Paulo Lacerda, Luiz Fernando Lima da Silva, Veraine Silveira, Adroaldo Correa, Vera Daisy Barcelos, Maria da Graça Seligman, Humberto Andreatta, Ronaldo Westermann, Luiz Carlos Mello, Alfonso Abraham, Wladimir Ungaretti, Danilo Miralles, Gabriel Matias, José Luiz Chiarelli, Fernando Dibe Pinto, Floriano Correa, Milton Saldanha Machado, Miriam Tereza Moura, Paulo Fogaça, Severino Goes, Fernando Guedes, Neltair Abreu, Maria da Graça Silva, Walmaro Paz, Milton Fernando Wels, Maria Helena Brancher, Maria Luisa Teixeira, Júlio Sortica, Ana Maria Lopes de Almeida, Edson Luiz Kozminski, Najjar Tubino, Marise Fetter, Luiz Antônio Kozminski, Jurandir Silveira, Alfredo Fedrizzi, Carlos Dorneles, Ricardo Schmitt, Carmen Laviaguerra Silveira, Nelson Baibich, Francisco Daniel Silva, Orlando Carlos Brasil, Vera Costa, Juarez Fonseca, Maria Eloi da Silveira, Renato Kern, Vera Kern, Valmório Oliveira Rios, Evaldo José Gonçalves, Helton Ricardo Barreto, Higinio Barros, José Eneid Francisco, José Roberto Garcez, Valdir da Silva, Cândido Cruz, Luiz Carlos Felizardo, Francisco Juska, Carlos Rafael Guimarães Fº, Carlos Frederico Menz, Eduardo San Martin, Ilza Girardi, Eugênio Neves, Carlos Eduardo Athanazio, Renato Canini, Wilmar Marques, Acari Amorim, Waldoar Teixeira, José A. Pinto Netto, Pedro Sosa Pereira, Ennio Nugent da Rocha, Ana Maria Smidt, Eduardo Soares Guimarães, Alberto Filgueiras, Antônio Carlos Rosito, Iara Terezinha Schilling, Fernando Lindote, Fernando Saes, Miriam Costa Correa, Nestor Fedrizzi, Odilon Abreu, Laerte Martins, Sílvia Correa, Luis Carlos Ferreira, Amibal Bendatti, Arthur Oliveira Fº, Carlos Roberto Silveira, Carlos Alfredo Simch, Olides Canton, Roberto Augusto Thomé, Rogério Ruscinel, Luis Fernando Veríssimo, José Luiz Prévidi, Maria Elaine Borges, Eduardo Bueno, Marco Túlio de Rose, Mauro César Silveira, Mauro Toralles, Luiz Lanzetta, Alice Urbim, Ana Maria Barros, Lotário Neuberger, Ubirajara Silva Prate, Antônio Canabarro Trois, Bernadete Viana, Eloisa Beatriz Enck, Carlos Alexandre Castro, Cristina Baptista Pereira, Jane Peters, José Ribeiro Fontes, Mário Nascimento, Paulo Antônio Barros, Riomar Trindade, Rômulo Krafta, Vera Maria Bosak, Patrício Davila Bentes, Raul Quevedo, Ricardo Bolsoni, Mirta Vieira Coelho, Juvenal da Luz Neto, Juan Carlos Gómez, Luiz Recena Grassi, Ariosto Paz Teixeira, Avrton Centeno, Celso Schroeder, Milton Ribeiro da Silva, José Antônio Severo, Lucila Camargo, Paolo Marconi, Armênio Abascal, Maurecy Santos, Hélcio Ferreira, Luis Humberto, Valter Firmo, Manuel Joaquim Martins, Jorge Meditsch, Pedro Flores e Zeka Araújo.

Caro leitor

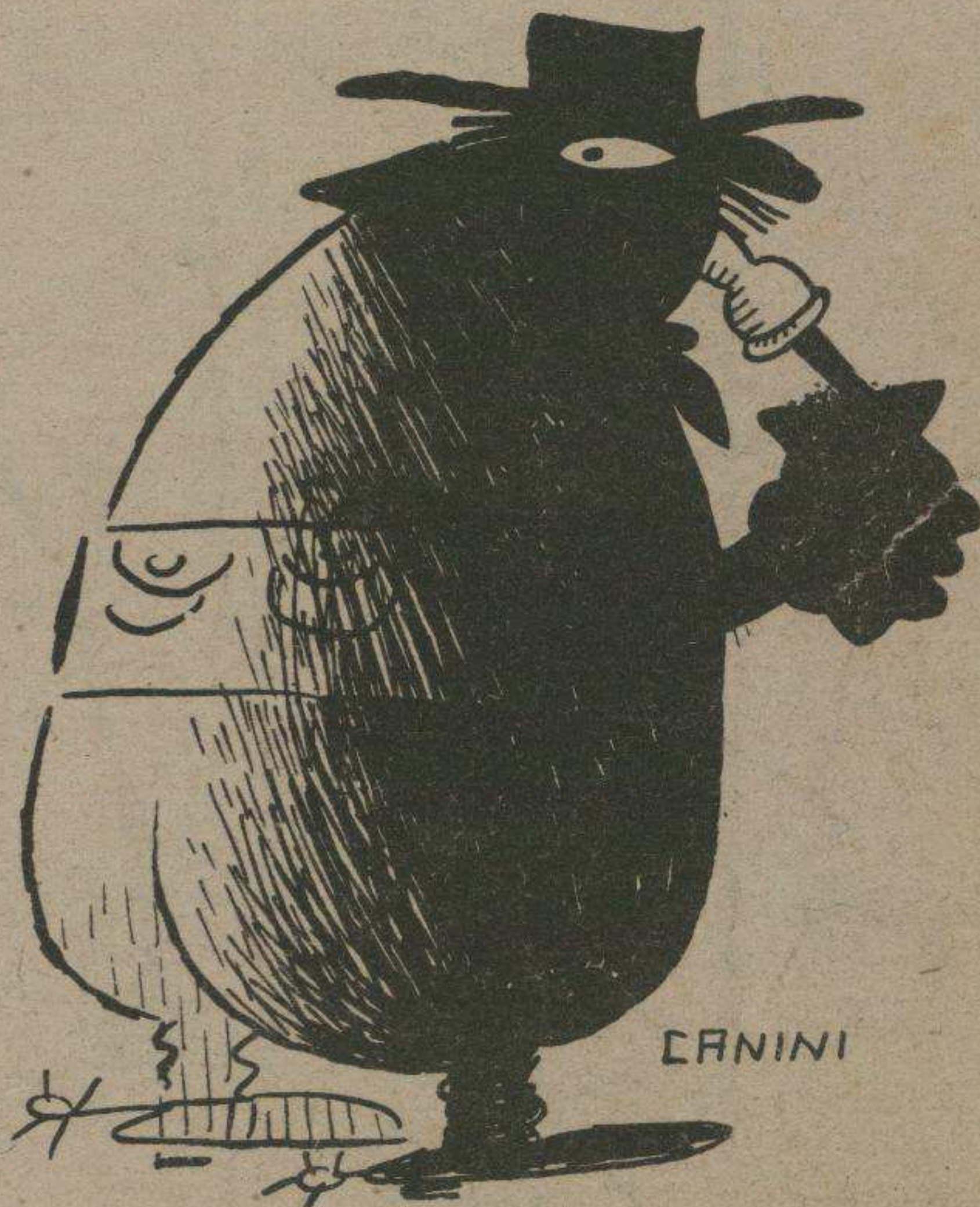
Não existe um humor "tipicamente" gaúcho. Se afirmamos que existe é em autodefesa, pois durante muito tempo ninguém acreditou que existia humor gaúcho de espécie alguma, típico ou não. O gaúcho estereotipado era um grosso que respondia à piada com cara feia, quando não com a ameaça de puxar o facão, e só era engraçado inconscientemente. Nos outros estereótipos regionais nunca faltava um traço de humor: na matreirice do caipira paulista, na malandragem carioca, na esperteza mineira, na resignação nordestina. Só o gaúcho era gozado e nunca gozava. Faltava ao gaúcho, principalmente, a capacidade de rir de si mesmo, que é a primeira condição para fazer humor.

Esta idéia acabou, por muitas razões. Primeiro, porque todos os estereótipos regionais estão acabando num País que, apesar de tudo, se integra e se conhece melhor. E também porque era uma idéia tão errada que não poderia sobreviver por muito tempo. Não vamos nem lembrar que o Barão de Itararé, o pai do moderno humorismo brasileiro, ou pelo menos o nosso primeiro humorista profissional de expediente inteiro, era gaúcho. Bastava prestar um pouco mais de atenção na cultura popular gaúcha para descobrir que muitas vezes ela era engraçada por gosto, e que até no nosso machismo exacerbado havia um toque de paródia. Nos nossos ditos folclóricos há, não raro, uma mordaz percepção de ridículo humano. E nos seus desafios nossos melhores repentistas se revelam polemistas inspirados e agudos, mesmo que seja polêmica com sanfona. O humor, afinal, também é a arte do insulto bem feito.

A cultura urbana gaúcha igualmente tem uma longa tradição humorística. Nossa imprensa teve, proporcionalmente, até mais humoristas do que a carioca. Hoje, nossos cartunistas se igualam — em quantidade e qualidade — ao que existe no resto do País. O que é típico neles? Talvez só a decisão de acabar de uma vez por todas com antigas idéias sobre a falta de graça gaúcha. O alvo de grande parte do humor destas páginas é o próprio gaúcho. Mas quase sempre o que está sendo gozado é o velho estereótipo. E o que está sendo reafirmado é que sabemos, sim, rir de nós mesmos. E fazer rir.

Se depois ainda vierem com aquela história de grossura, aí sim a gente limpa a bosta da espora e pega o facão.

Luis Fernando Veríssimo



INÉDITO
EXCLUSIVO
FURO

PELOS DIREITOS HUMANOS DOS CAVALOS

*Direitos reservados

Dia 10 de maio de 1977. Ao som do Hino da Cavalaria executado pelos clarins do Regimento Bento Gonçalves, era afastado da vida pública o cavalo Jaguarão Silva, que tentava arregimentar adeptos para a formação do PBB (Partido dos Bichos Brasileiros). O líder Jaguarão foi confinado a uma baía comum do Regimento, em Porto Alegre, onde encontra-se até hoje, in-comunicável. Sua história é completamente desconhecida do grande público. Jornais da capital gaúcha, na época, divulgaram em grandes manchetes apenas a versão da Brigada Militar. Eis o que diz o Boletim Especial da Brigada:

"A BM, através do Regimento Bento Gonçalves, decide reformar o cavalo Jaguarão, mais para preservar a imagem de animal invencível que ostentou títulos sucessivos na arte do salto durante quase 9 anos nos campos hípicos do País e do Exterior. A BM garante ao cavalo-símbolo da milícia gaúcha o direito à estabulação, forragem e cuidado médico veterinário enquanto viver".

Nesta reportagem exclusiva, Jaguarão Silva apresenta a sua versão e denuncia um oficial da BM. "Ele traiu a causa dos animais". O oficial era assessor político de Jaguarão.

— Ele entregou ao alto comando a minha edição da *Revolução dos Bichos*, um disco dos Saltimbancos e uma lista de correligionários nossos.

Repórter: Prazer, seu Jaguarão...

Jaguarão: Boa noite. Chegue para cá, a baía é grande...

Repórter: Mas, disseram que o senhor morde.

Jaguarão: Intriga dos homens. São coisas inventadas pelo alto comando para denegrir minha imagem de líder. Antes de mais nada, quero esclarecer um boato que anda circulando por aí. Não sou símbolo sexual. Como o senhor pode ver, eu sou castrado...

Repórter: O major Porto nos falou de seus resquícios de sexualidade. De casos seus com algumas éguas. E o seu tratador contou que certa vez o senhor se tomou de simpatias por um pônei...

Jaguarão: Sei, sei. Já insinuaram, inclusive, que eu mantenho relações com soldados. Mas isto já é uma questão histórica...

Repórter: Como assim?

Jaguarão: Não estranho a sua desinformação. Acontece que o gaúcho sempre teve uma relação mais íntima com o cavalo mas a história dos homens não conta isto. Eu vou escrever a verdadeira história dos cavalos gaúchos.

Repórter: E o PBB?

Jaguarão Silva: O PBB é um partido surgido no século passado, em plena Revolução Farroupilha, através de um ancestral meu, Farrapo Silva. Naquela época se acreditava que um pacto com os homens traria aos animais a sua verdadeira valorização dentro da sociedade brasileira. Era uma teoria do Farrapo, que manteve várias conversações com o general Bento Gonçalves. Até a minha aposentadoria eu acreditava nisso. Eu, inclusive, cheguei a apoiar publicamente a dona Palmira Gobbi a protetora dos animais. Mas agora chega! Basta de populismo. Nesses meus tempos de prisão — que cnicamente chamam de aposentadoria — tenho refletido muito sobre o assunto. O senhor pode botar aí no seu jornal um recado para a dona Palmira: "Os cavalos não querem chapéus para se proteger do sol ou da chuva. Não queremos versos dos poetas. Queremos, isto sim, a legalização do nosso partido. E o direito ao voto para todos os animais. Nós sabemos o que nos serve ou não".

Repórter: Qual é o respaldo popular do PBB?



Jaguarão homenageado e aposentado com regalias...

Jaguarão: Temos encontrado algumas dificuldades — especialmente agora, com minha prisão — para conscientizar os cachorros, principalmente esses pequenes...

Repórter: Pelegos?

Jaguarão: ... esses estão sendo completamente dominados pelas madames. Recordo-me bem de um caso com ex-militante do partido, o Totó Andrade. Ele rompeu com o PBB, dizendo que sua dona compreendia até seus latidos e que ele acreditava na lealdade entre os homens e os animais. Um mês depois, a mulher se separou do marido. Me informaram que Totó Andrade está amasiado com a dona. Abandonou a causa por uma mulher! Também temos sofrido pressões daquele assessor político do general Figueiredo, o Eustáquio Potranca de Macedo. O Potranca distribuiu uns panfletos em favor da conciliação nacional. Ele crê que o general Figueiredo vai resolver o problema dos animais brasileiros. Os panfletos circularam em todo o país, junto com uma foto do general, outra do Eustáquio, e a frase do general "Prefiro o cheiro dos cavalos".

Repórter: Por que o senhor comeu a coroa de cenouras na cerimônia da aposentadoria?

Jaguarão: O senhor sabe? Eu recebi inúmeras congratulações pelo meu gesto. Foi um gesto político, que só mesmo os reais admiradores da causa animal compreenderão. Esta idéia de aposentadoria para os animais estava ganhando força entre os militares. Aqui no Regimento mesmo



...e com destaque na imprensa.

vários companheiros vieram me falar, emocionados, que os homens iam dar aposentadoria para todos. "Assim a gente até vai poder fazer sindicatos", me disseram. Mas isto não passa de mais uma fórmula paternalista, para atrelar os animais. Por isto eu comi a coroa de cenouras. Por sinal, muito gostosas.

Repórter: O senhor se considera o animal mais indicado para liderar os animais brasileiros? Não seria melhor um leão, por exemplo? Ou um porco, como sugeriu o livro *Revolução dos Bichos*?

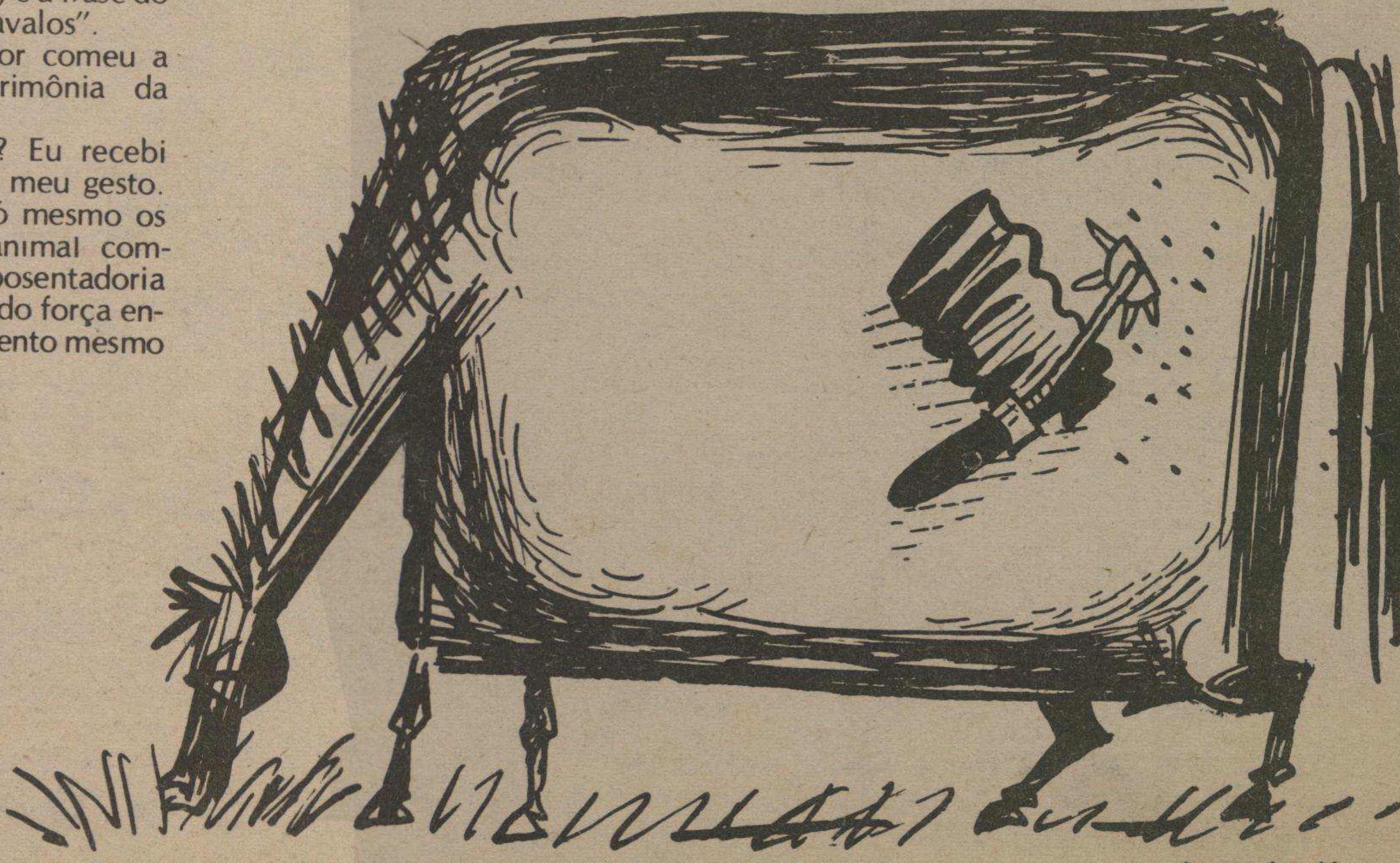
Jaguarão: O leão realmente tem um considerável apreço popular, por causa dessa literatura infantil dos homens. O porco também, particularmente entre os bichos intelectuais. A *Revolução dos Bichos*, aliás, chegou a ser o livro que estabelecerá as diretrizes da nossa revolução. Isto, antes de abolirmos com a idéia de tomada do poder através da força, uma tática sutilmente lançada pelos homens. A luta armada seria o extermínio da raça animal. Eu cansei de dizer, em reuniões do partido, que os macacos não conseguiriam tirotear com os homens. Eu serei o líder. O senhor sabe? Talvez o senhor não compreenda porque o senhor é homem, mas o cavalo tem um... digamos... sexto sentido e compreende melhor as aspirações dos animais. Digo que sou o líder por que tenho estudado com afinco a história dos animais

Repórter: Quais são os planos do PBB?

Jaguarão: Logo que surgir a oportunidade, eu pretendo fugir dessa baía e iniciar uma caminhada pelo país buscando o consenso popular animal. Eu acho que, dentro de pouco tempo, nos encontraremos nas urnas. E apagaremos aquele erro histórico do Incitatus, que aceitou o cargo de cônsul dos romanos.

(Nesse momento, o líder Jaguarão Silva deu por encerrada a entrevista. Com seu caminhar ainda altivo mas já cansado pela idade, foi para o canto da baía. Três ratinhos haviam chegado e se curvavam respeitosamente diante do líder. Um era secretário do partido. Os outros dois estavam interessados em saber como era o PBB. Jaguarão levantou a pata direita e bradou: "Viva o Partido dos Bichos Brasileiros!". Em seguida, passou a doutrinar os ratinhos enquanto comia a cenoura que eles tinham trazido.)

Paulo Pereira



"O tambor faz um grande barulho, mas é vazio por dentro"

O Barão de Itararé — como auto-intitulou-se o jornalista gaúcho Apparício Torelly — respondia processo diante do temido Tribunal de Segurança Nacional, inquisição criada por Getúlio Vargas, durante o Estado Novo. Acusavam-no de ter recebido "ouro de Moscou".

Ouviu pacientemente as arengas do promotor, esperou o julgamento e finalmente foi absolvido por falta de provas. Então pediu a palavra:

— Aproveito a ocasião para fazer uma reclamação contra os Correios. O ouro de Moscou deve ter vindo pelo Correio e até hoje não me foi entregue. Fui vítima de algum funcionário desonesto. Quero que este tribunal registre em seus anais que ainda não recebi o ouro".

A assistência explodiu em gargalhadas, levando ao ridículo a caça às bruxas promovida pela ditadura.

Era assim. Com as armas da ironia e da sátira, Torelly causava danos irreparáveis a todos seus adversários políticos. Algumas de suas frases antológicas foram criadas quando integrava a bancada de 18 representantes do partido Comunista Brasileiro na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, em 1947. Estava iminente um golpe de Estado? Ele contentava sardônico: "Existem mais coisas no ar além dos aviões de carreira!". Frases que, em meio a ferinhas sáticas políticas e fotos retocadas (ancestrais da foto-fofoca) formavam o atrativo conteúdo do jornal *A Manhã*, fundado por ele em 1926, para cumprir a mais extensa existência de uma publicação humorística no País, apesar das inúmeras interrupções forçadas pela prisão de seu criador.

NETO DE AMERICANO COM ÍNDIA CHARRUA

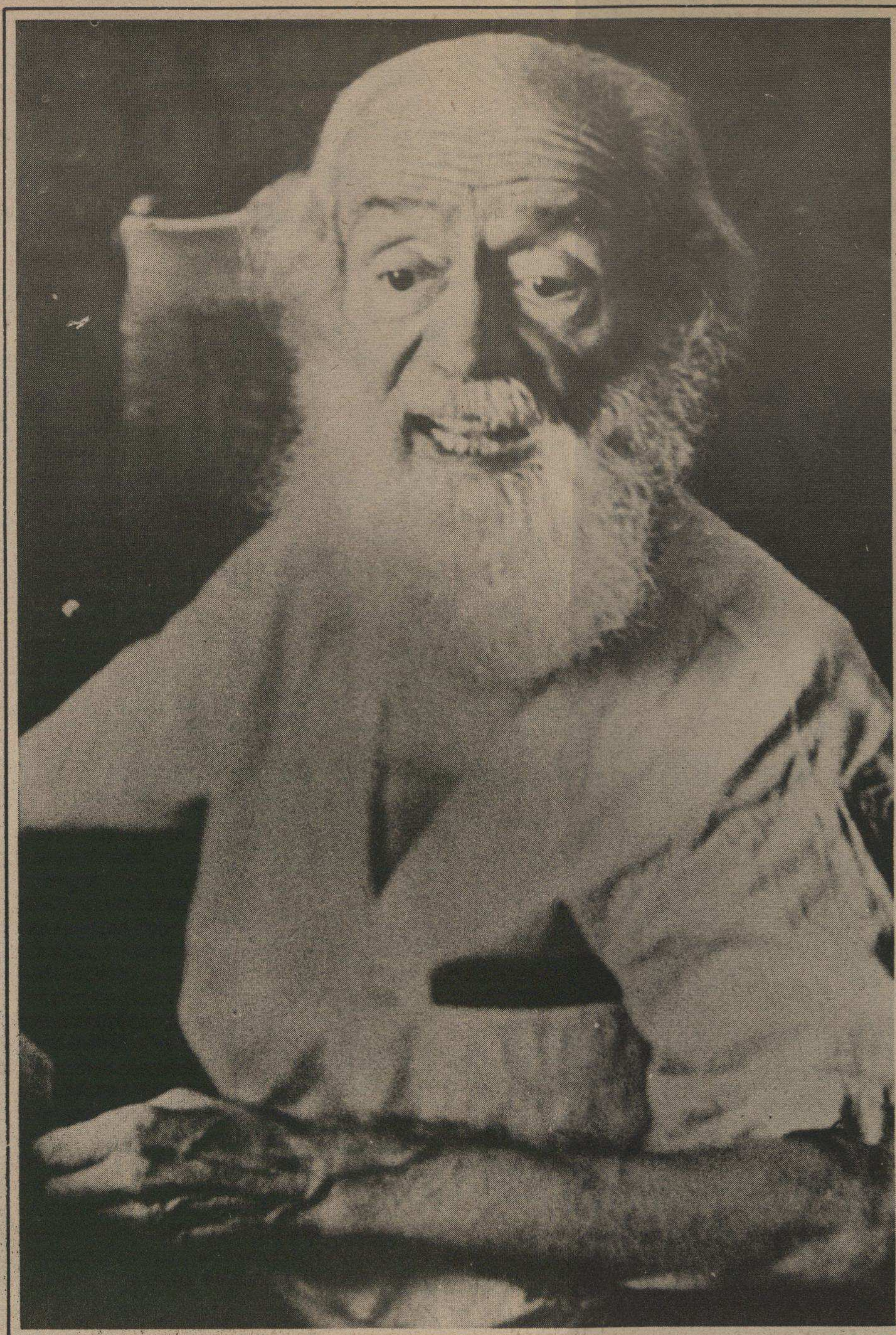
O Barão exigia que se escrevesse seu nome com todas as letras: Apparício Torelly. Ou, como na certidão, Fernando Apparício de Brinkeroff Torelly. Pseudônimo: Aporelly. E explicava que "o y é indispensável porque é altamente decorativo e artístico. Veja o que aconteceu com Niterói. Depois que lhe tiraram o c, o h e o y, aquela cidade ficou devastada".

Embora alguns de seus biógrafos registrem o nascimento do humorista em São Leopoldo ou Rio Grande, o notável jornalista satírico gaúcho nasceu mesmo no departamento uruguaio de Treinta y Tres, fato que ele próprio admitiu em depoimento a Remy Gorga Filho, em 1969:

— Sou neto de um norte-americano que se casou com uma índia charrua no Uruguai. Desse casamento nasceu minha mãe Maria Amélia, que casou com João da Silva Torelly e veio morar em Rio Grande.

Quando estava para nascer o primeiro filho, Maria Amélia insistiu para ter o parto em sua terra, na fazenda de seus pais, em Treinta y Tres. Essa viagem, na época, era uma aventura arriscada. Além da distância alongada pelos péssimos caminhos, havia restos de rixas pela demarcação de fronteiras. "A meio caminho, uma das rodas da diligência partiu-se e minha mãe levou um susto. E eu vim ver, de curioso, o que estava acontecendo". Era o dia 29 de janeiro de 1895. Sua mãe morreria dois anos depois e Apparício aprenderia primeiro a falar e escrever em espanhol, pois ficara aos cuidados dos avós.

"O fígado faz muito mal à bebida"



"A força é o mais desagradável dos instrumentos de corda"

"DIPLOMA NÃO ENCURTA AS ORELHAS DE NINGUÉM"

Deixando o colégio interno dos jesuítas, Torelly foi para Porto Alegre, estudar Medicina. Iniciava também sua vida política intensa. E era personagem de piadas. No exame oral, o catedrático pega uma tibia e exhibe-a ao futuro Barão: "Conhece este osso?" Segurando com firmeza, Apparício responde de imediato: "Muito prazer".

Para o fato de ter abandonado o curso de Medicina no quarto ano, ele tinha uma curta explicação: "Diploma não encurta as orelhas de ninguém". Discordava do conceito de cura que lhe queriam impingir. E conservou até a morte curiosos métodos de combate à doença. Que, segundo ele, se instalava em um organismo com a finalidade de destruí-lo ou forçá-lo ao repouso. O processo de cura seria encontrar modos de enganar a doença.

Esses conceitos muito particulares de Medicina Torelly teria ocasião de aplicá-los em seu próprio benefício, depois de testar outros não menos curiosos métodos de lazer. Calculou que, para ter férias como os burgueses — que ficavam em média 15 dias nas praias tomando banhos de mar de uma hora diária — ele, Barão, precisaria apenas de um dia, em que ficaria de molho por 15 horas. Cumprida a primeira parte da jornada pela manhã, almoçou bastante e voltou para as ondas. Foi então que teve uma congestão que lhe deixou paralisado.

Hospitalizado, os médicos lhe proibiram o travesseiro. Mas utilizando o expediente de ir empilhando toalhas sob a cabeça de cinco em cinco minutos, conseguiu "enganar a doença" e obter um travesseiro alto. Igual sistema adotaria para coordenar os movimentos do braço: fingindo que o esticava conseguia flexioná-lo. Recuperou a saúde, apesar de ter sido alertado pelos médicos que só teria seis meses de vida.

O BARÃO DA BATALHA QUE NÃO HOUE

Antes de adoecer e depois de abandonar a faculdade, o Barão já tinha ingressado no jornalismo e empreendido uma série de viagens pelo interior do Rio Grande do Sul, dando concorridas conferências e fundando jornais que eram sucessivamente fechados pelos poderosos locais, atingidos por suas críticas. "Eu vivia maragateando, feliz como um beduíno, abarracando em qualquer lugar", conta ele. Em 1925, já com o único livro (*Pontas de Cigarro* — versos) publicado, vai para o Rio de Janeiro, doente e sem dinheiro. ("Tomei um Ita no Sul"). Apresenta-se a Irineu Marinho que o emprega em *O Globo*. Ficaria pouco tempo, logo passando a trabalhar em *A Manhã*, jornal governista onde escrevia a seção "Amanhã tem mais...".

Já no ano seguinte (1926) deixava *A Manhã* e, parodiando-o, funda o seu "ôrgão de ataques... de riso": *A Manhã*. Empastelada várias vezes pelos políticos atingidos pelo seu humor e apesar de inúmeras interrupções também causadas por dificuldades econômicas ou prisão de seu diretor e proprietário, *A Manhã* duraria 32 anos.

"Quem inventou o trabalho não tinha o que fazer"

O PAI DE TODOS

Depois de voltar com o pai para a cidade de Rio Grande, seria enviado ao colégio interno dos jesuítas, em São Leopoldo (hoje Universidade do Vale dos Sinos — Unisinos). Lá fundou seu primeiro jornal, *O Capim Seco*, escrito a mão, redigido, editado e distribuído clandestinamente entre os estudantes pelo próprio Torelly. Na ocasião, seu assunto principal eram os métodos rígidos do diretor do colégio.

Do convívio com os jesuítas e a comunidade alemã de São Leopoldo ele recolheria o sotaque que mais tarde transformaria em saborosos jogos de palavras no *Zubblemend to alle... manha*, seção de

seu jornal *A Manhã* onde ridicularizava os sonhos imperialistas de Hitler e combatia o fascismo tupiniquim: o integralismo.

Aliás, críticas que lhe valeram uma surra. Foi assim: em 1934, oficiais da marinha ligados ao Movimento Integralistas seqüestraram o Barão e levaram-no até o Alto da Boa Vista, onde lhe bateram muito. Assim que o largaram, Torelly vai ao primeiro telefone e liga para a redação do jornal: "Olha me deram uma surra, raspam minha cabeça e me deixaram só de cuecas. Mas não tem nada. Vou pegar um táxi e estou logo aí". Pouco depois chegava o Barão, todo arrebatado. Precavido, pendurou na porta de entrada de *A Manhã*: "Entre sem bater".



Director-proprietario: APORELLY

"O homem
que se vende,
recebe mais
do que vale"



A Manha, do Barão, ainda hoje com um recorde entre os jornais de humor: durou 32 anos

façanha jamais alcançada por qualquer outra publicação humorística no Brasil.

Na primeira fase, até 1936, *A Manha* era inteiramente escrita pelo Barão de Itararé. O título de nobreza também surgiu nesse período. Itararé, a batalha que não houve durante a Revolução de 1930, foi o mote de Torelly para gozar a história brasileira, feita de golpes e quarteladas.

Quando o Partido Comunista saiu da clandestinidade em 1945, o Barão de Itararé intensificou sua militância política. Pelas páginas de *A Manha* fez a campanha à Presidência da República do candidato do PC, Yedo Fiúza, que concorreu contra o brigadeiro Eduardo Gomes e o general Gaspar Dutra. Torelly foi candidato do PC à Câmara de Vereadores do Rio, conseguindo eleger-se junto com outros 18 colegas de legenda.

Suas brilhantes e demolidoras críticas, que freqüentemente faziam o plenário inteiro da Câmara cair na gargalhada, não durariam muito. Empossado em março de 1947, o Barão seria cassado em janeiro de 1948. Malinha com objetos pessoais sempre pronta, seguiu ele para a Central de Polícia. Na porta, causa um rebuliço. Quase os policiais o atacam quando o Barão grita: "Viva a Revolução... de 30!". Passou um longo período preso em um navio ao largo da Baía da Guanabara.

Recuperada a liberdade, o incansável

Barão voltou a publicar *A Manha*, agora ajudado por uma equipe de jornalistas, entre eles, Rubem Braga, José Lins do Rego, Aurélio Buarque de Hollanda e Pompeu de Souza. E o jornal ressurgiu, retomando batalhas como as pela emancipação nacional, a defesa da paz e a luta sob o slogan *O Petróleo é Nosso*.

DO SUCESSO DA MANHA NASCE O ALMANHAQUE

Irregular na chegada às bancas "porque uma grande folha não pode estar subordinada à folhinha", *A Manha* era muito lida e procurada pelo público. Procura que justificou a criação do *Almanhaque*, que circularia por três anos seguidos. Nessa publicação saía o que de melhor fora escrito no semanário durante o ano. Como as notícias divididas em suplementos dedicados à colônia alemã, italiana ou portuguesa.

Tinha o *Supplemento de Portugali*, que estampou como manchete: "Inconsiderações a respeito do trevalho de julho D'Antas". Sob o lema "Organo uff da golia intaliana fasciste de San Baolo", publicava o *Supplemento Intaliano*, cujo direttore era Juó Bananère, apresentado como "poete, barbiere e giurnaliste".

Nos últimos anos (a partir de 1950), *A Manha* passou a ser impressa em São Paulo, custando dois cruzeiros o exemplar

de 12 páginas tamanho tablóide. Mas nunca repetiu (e quem o faria?) a façanha de vender 125 mil exemplares diários. Isso ocorreu quando, depois de relutar e impor condições, o Barão aceitou o convite de Assis Chateaubriand para encartar sua *A Manha* no Diário da Noite, órgão oficial da Aliança Liberal.

Depois de fazer a circulação do jornal "do chato Brião" (como o chamava) pular dos 14 mil exemplares para 21 mil, o Barão conseguiu o recorde dos 125 mil. Era 1930 e Getúlio Vargas fizera seu discurso anunciando o programa da Aliança Liberal. Mas o Barão logo voltava aos moldes habituais de trabalhar, separando sua publicação do diário de Chateaubriand.

Convencido por amigos em 1956 a fazer uma edição nacional de *A Manha*, o Barão retornou ao Rio Grande do Sul em busca de anunciantes e para formar uma equipe gaúcha de colaboradores. A edição nacional não saiu. Motivo: a irreverência de Torelly. Resolveu alertar ao primeiro empresário visitado: "O senhor pode pensar que sou vigarista por oferecer-lhe a compra de espaço. Afinal, o senhor não é avião...". Josué Guimarães, João Aveline e Gilda Marinho — a equipe gaúcha — divertiram-se muito com a piada do Barão, que sepultava todos os planos da edição. Afinal, mesmo velhinho, mantinha-se fiel ao que já dissera: "Meu jornal não tem expediente. Um jornal sério não vive de expediente".

"Negociata é um
bom negócio
para o qual não
fomos convidados"

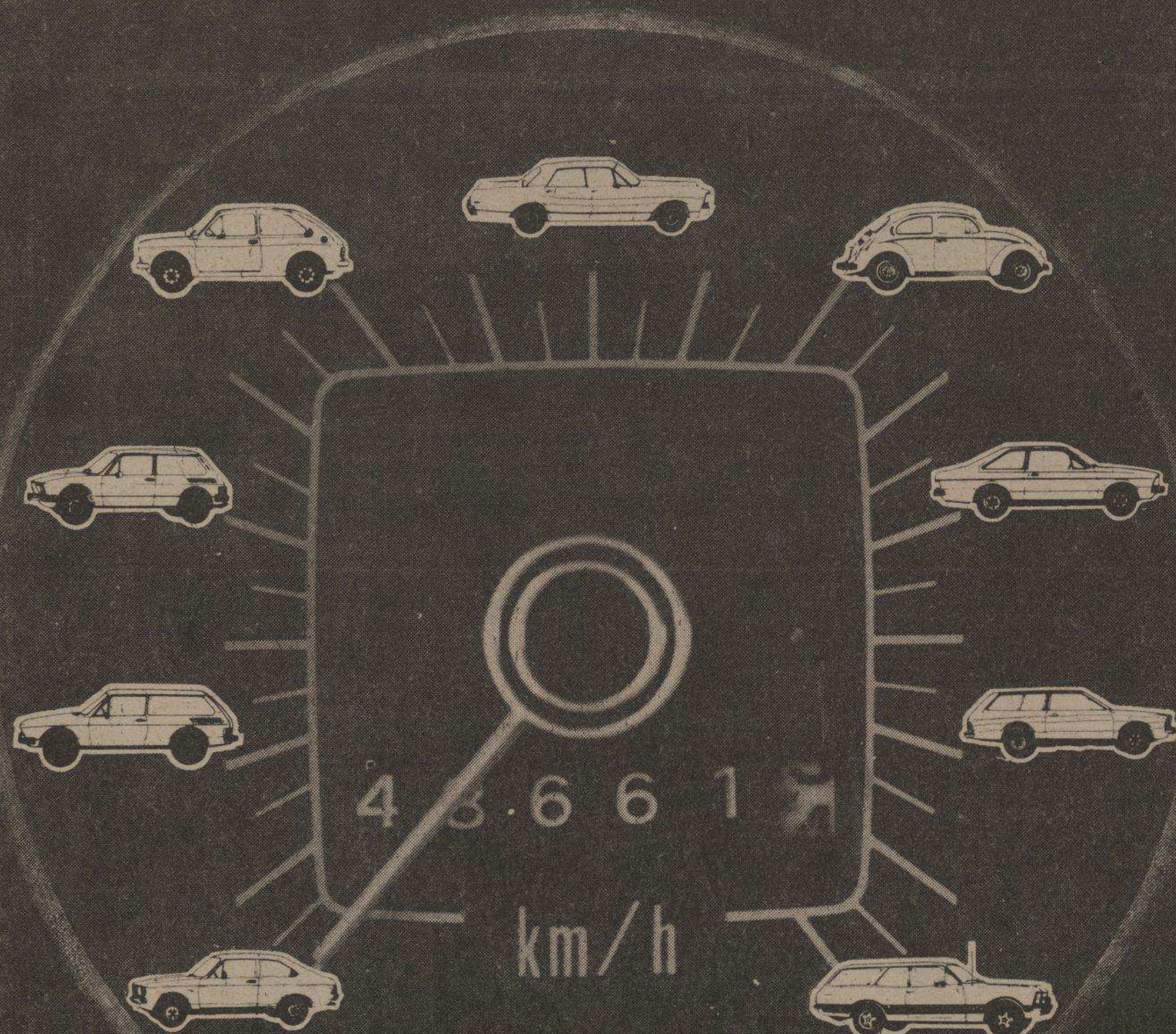
"A DIGNIDADE É A INDEPENDÊNCIA DO HOMEM"

O último número de *A Manha* circulou em junho de 1958. A manchete: "Feola para o Ministério da Fazenda e Alkmin para um Canto do Rio qualquer". Os últimos anos de sua vida, o Barão passaria em um humilde apartamento no Bairro das laranjeiras (Rio), às voltas com sua comida vegetariana e seus estudos científicos e vivendo de uma pequena pensão obtida pela Câmara de Vereadores carioca. Inventor da vacina contra a febre aftosa e (para o Barão não existiam contradições) dedicando muito de seu tempo a estudar horóscopos.

Num depoimento a Nilo Ruschel, em 1969, o Barão de Itararé afirmava: "Tenho uma mesadinha vagabunda mas não aceito nada de ninguém. Posso mostrar documentos comovedores de amigos e até inimigos políticos querendo me auxiliar. Mas não aceito. A dignidade é a independência do homem".

O Barão morreu aos 76 anos — no dia 26 de novembro de 1971 — de coma diabética. Sem experimentar a anistia, que ele definia como "um ato pelo qual os governos resolvem perdoar generosamente as injustiças e os crimes que eles mesmos cometem".

ACELERE SEU FINANCIAMENTO.

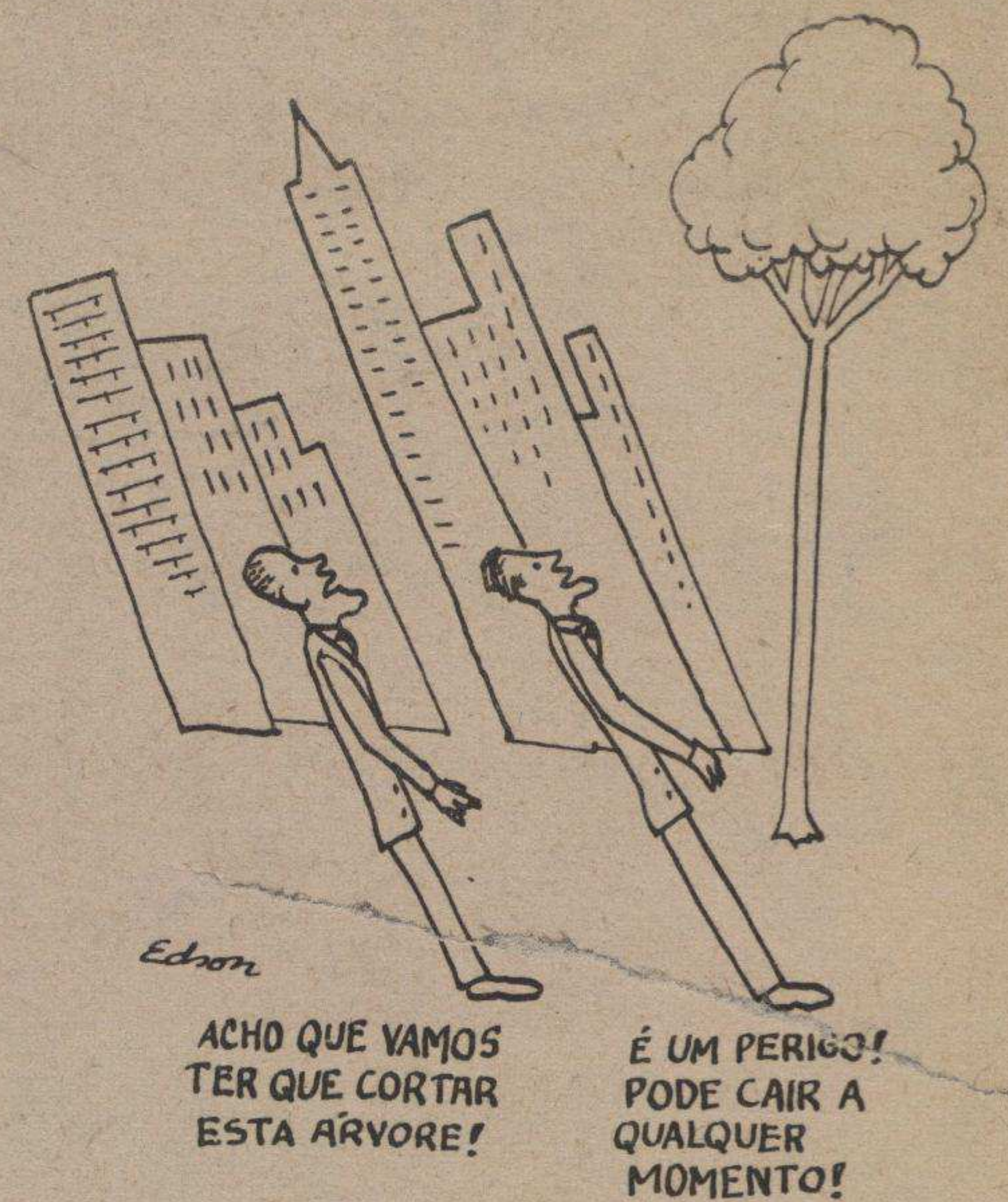
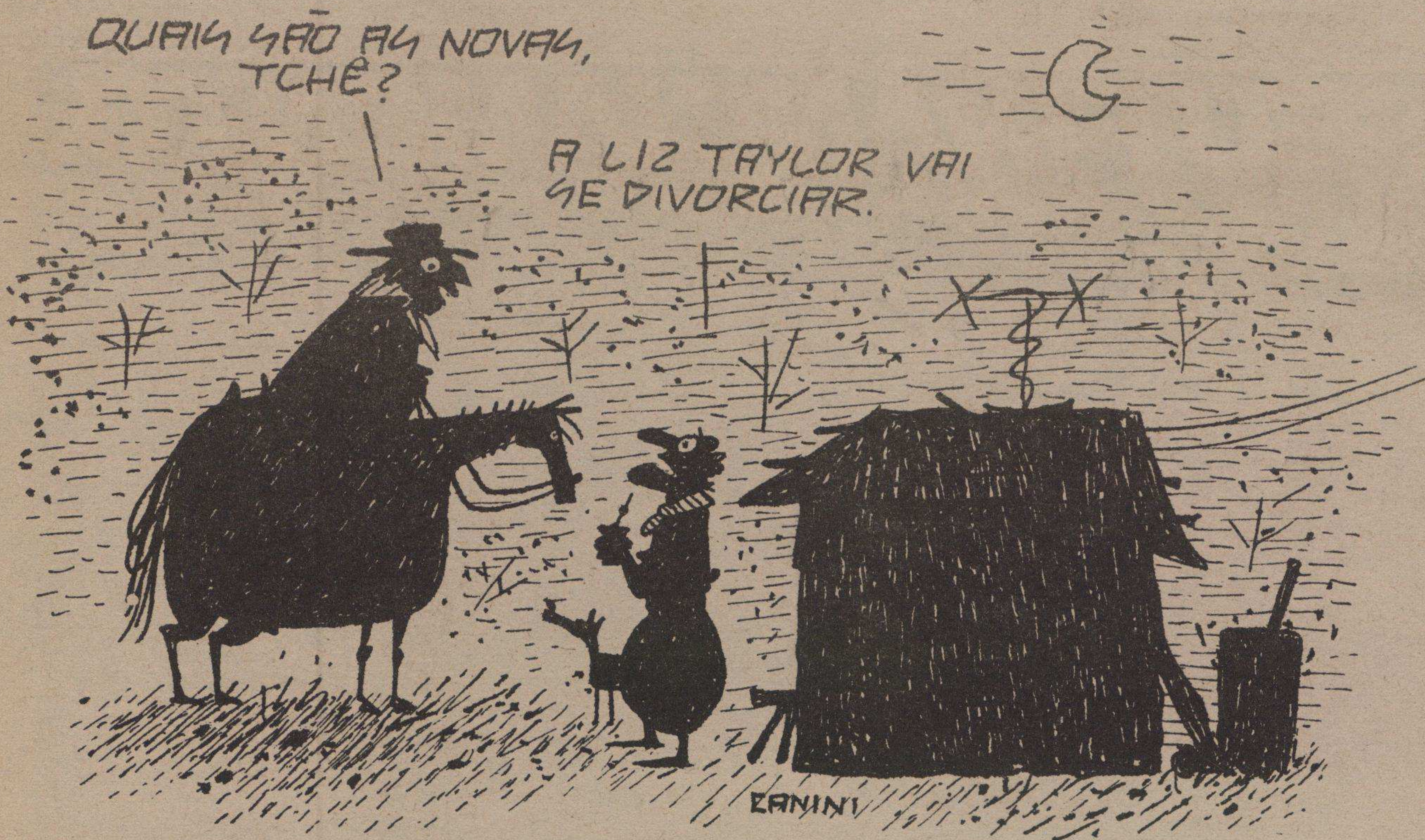
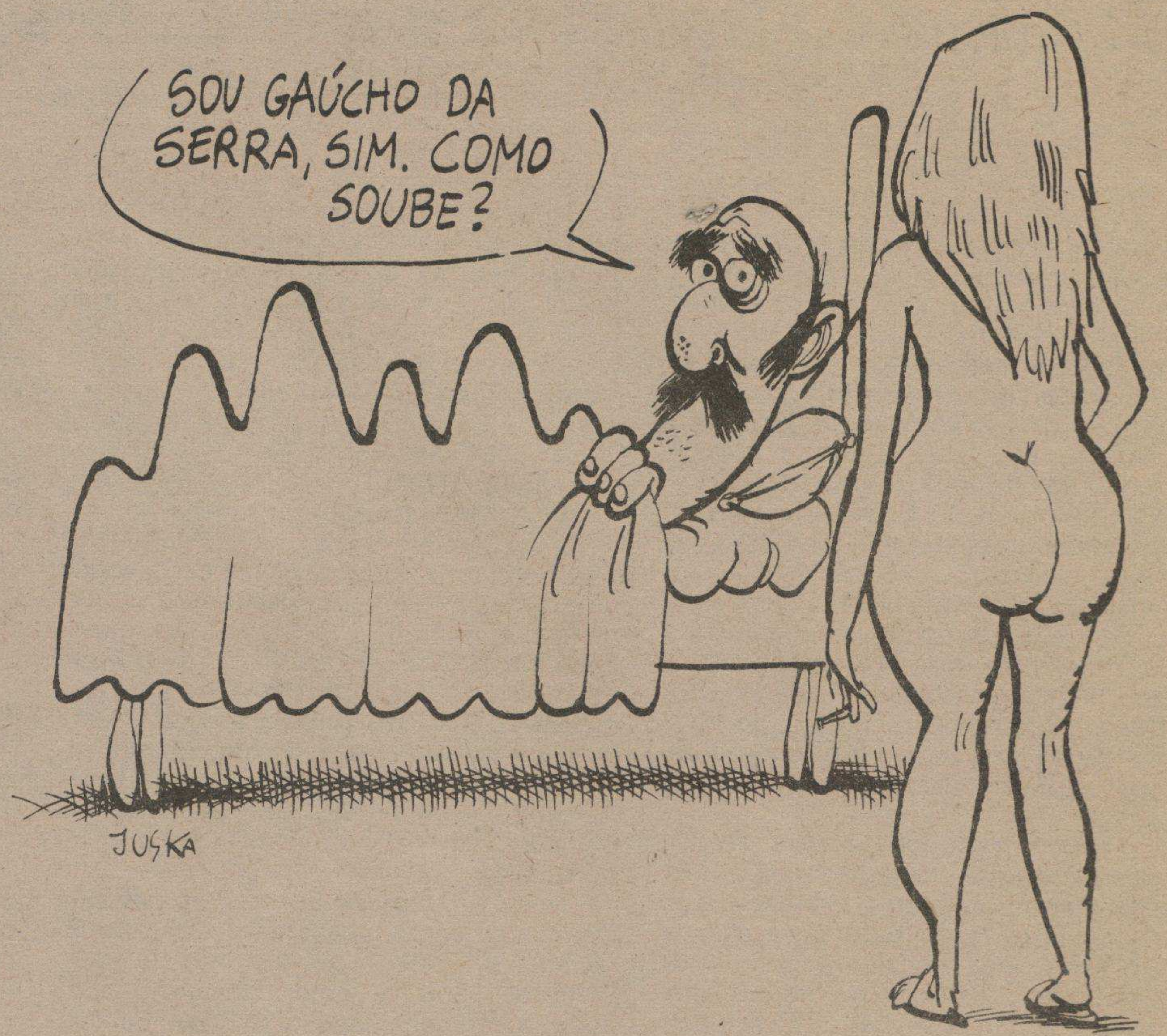


Você chega muito
mais rápido ao seu
automóvel zero
quilômetro
utilizando-se das
vantagens do
Crédito Direto
ao Consumidor
Maisonave.
As taxas são
convenientes
e a liberação
imediate.
Acelere seu
financiamento:
procure-o
junto ao
Banco
Maisonave.



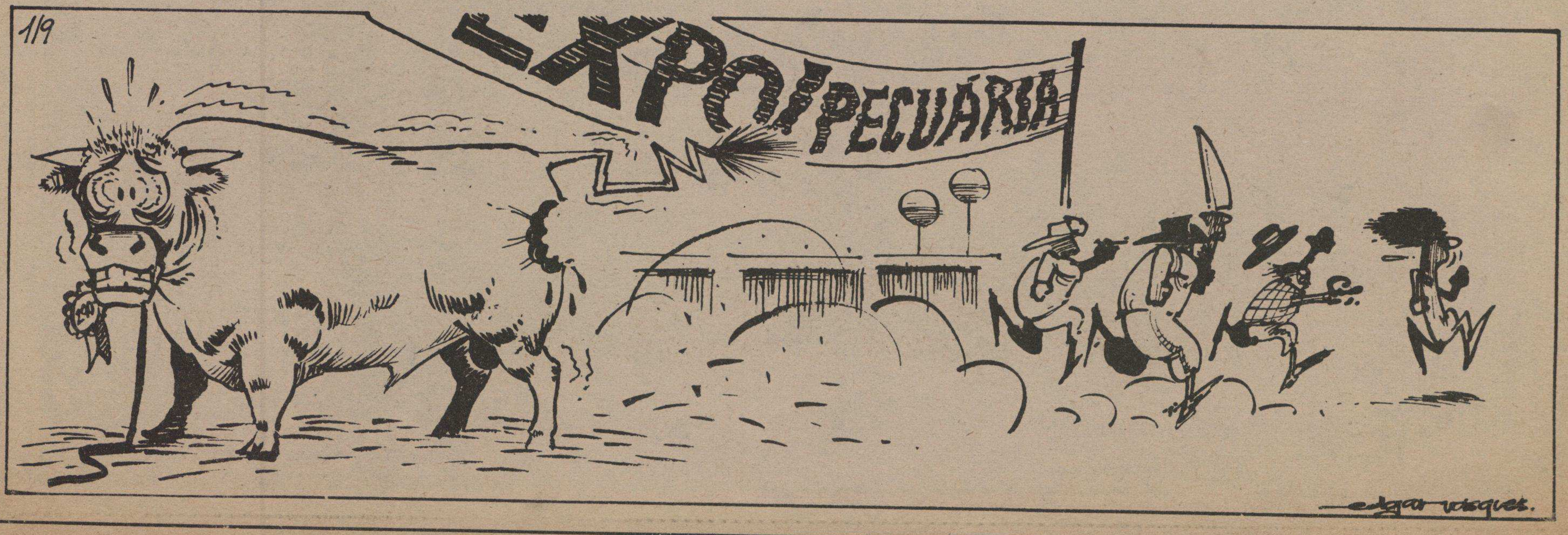
Maisonave

Porto Alegre (RS): Sete de Setembro, 760 - Fone: 24-3566

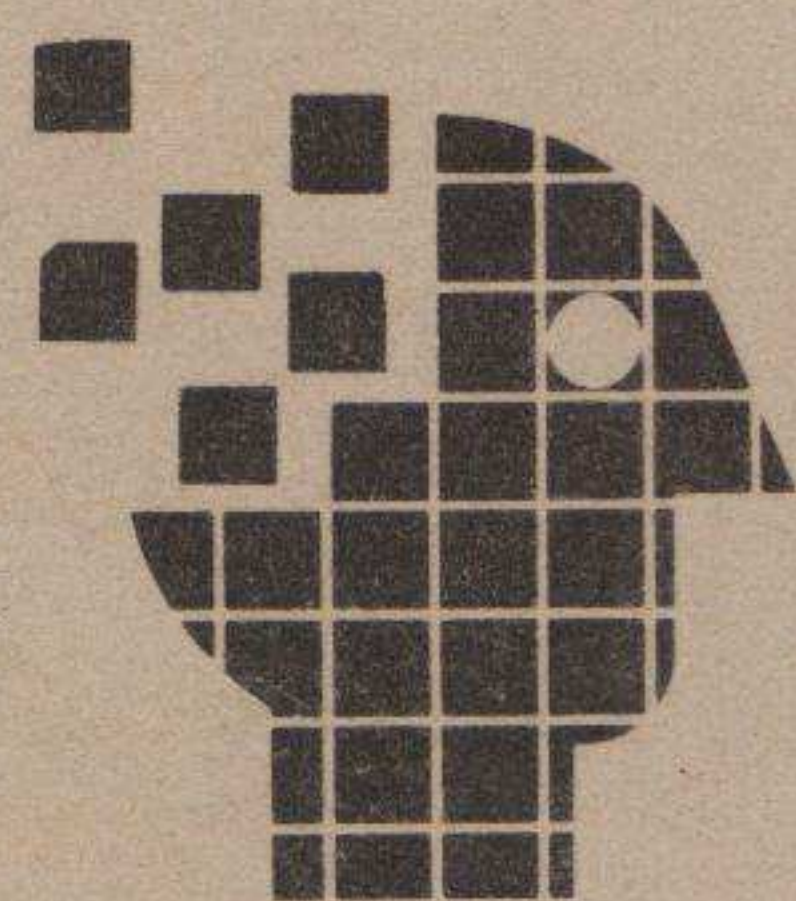


RANGO

EDGAR VASQUES

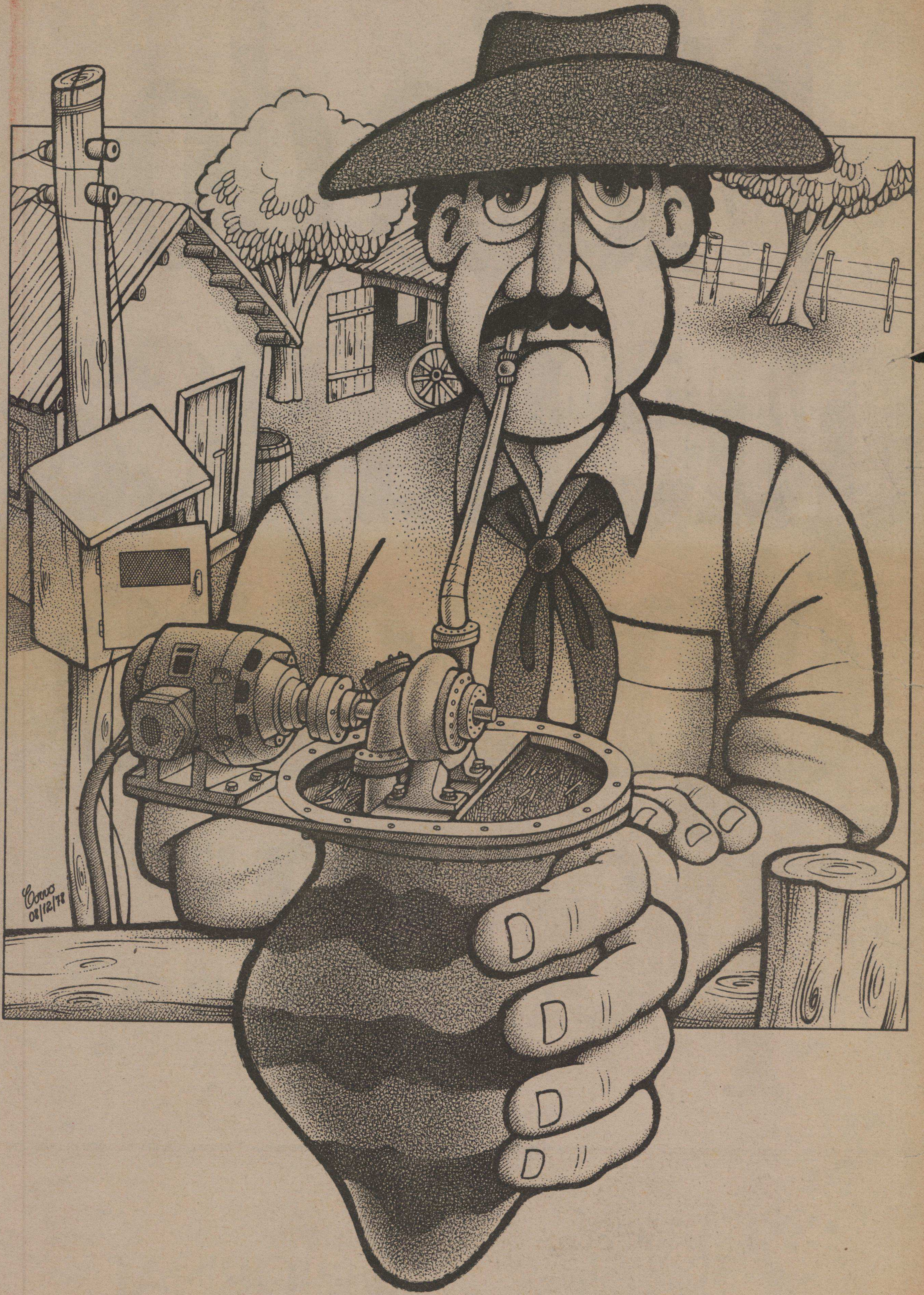


**Mais do
que nunca
é preciso
pensar.**



**Arme-se.
Use a cabeça.**

Leia e assine
cooJORNAL



ALUGUE UM CARRO DA AUTO LOCADORA GAÚCHA. A VIDA É CURTA E ISSO É MUITO BOM.

Nos sábados e domingos fica assim de gente na Auto Locadora Gaúcha: todo mundo alugando carro pra sair por aí. Faça isso também.

Só não esqueça de que na segunda a vida continua.

E para que ela continue boa, você às vezes precisa alugar um carro no meio da semana. Quer ver?

Ou o seu carro foi para a oficina e você fica a pé.

Ou você tem que viajar e não quer gastar o seu carro.

Ou sua mulher precisa dar umas voltas de carro e você empresta o seu, o que fazer? E vai por aí.

Razões não faltam pra que você fique na mão uma ou outra vez.

Nessas horas, lembre-se de que a vida é curta. E que é preciso aproveitá-la, como diz o sujeito aquele na televisão. E alugue um carro da Auto Locadora Gaúcha.

É mais barato do que você pensa e é muito bom.



**AUTO LOCADORA
GAÚCHA**

O carro que você quiser, na hora que você quiser. Sempre.
Loja 1: Conceição, 364 - fones (PABX) 21-3333, 21-5555 e 24-5166 - Horário: 7 às 22h,
inclusive domingos e feriados. Loja 2: Av. América, 211 - fones 22-4510 e 22-2121
Horário: 7 às 22h, inclusive domingos e feriados. Loja Aeroporto: fones 42-4510 e 42-5363
Horário: Atendimento até à chegada do último voo.

ZIRALDO REVIVE

A BICHA GAÚCHA

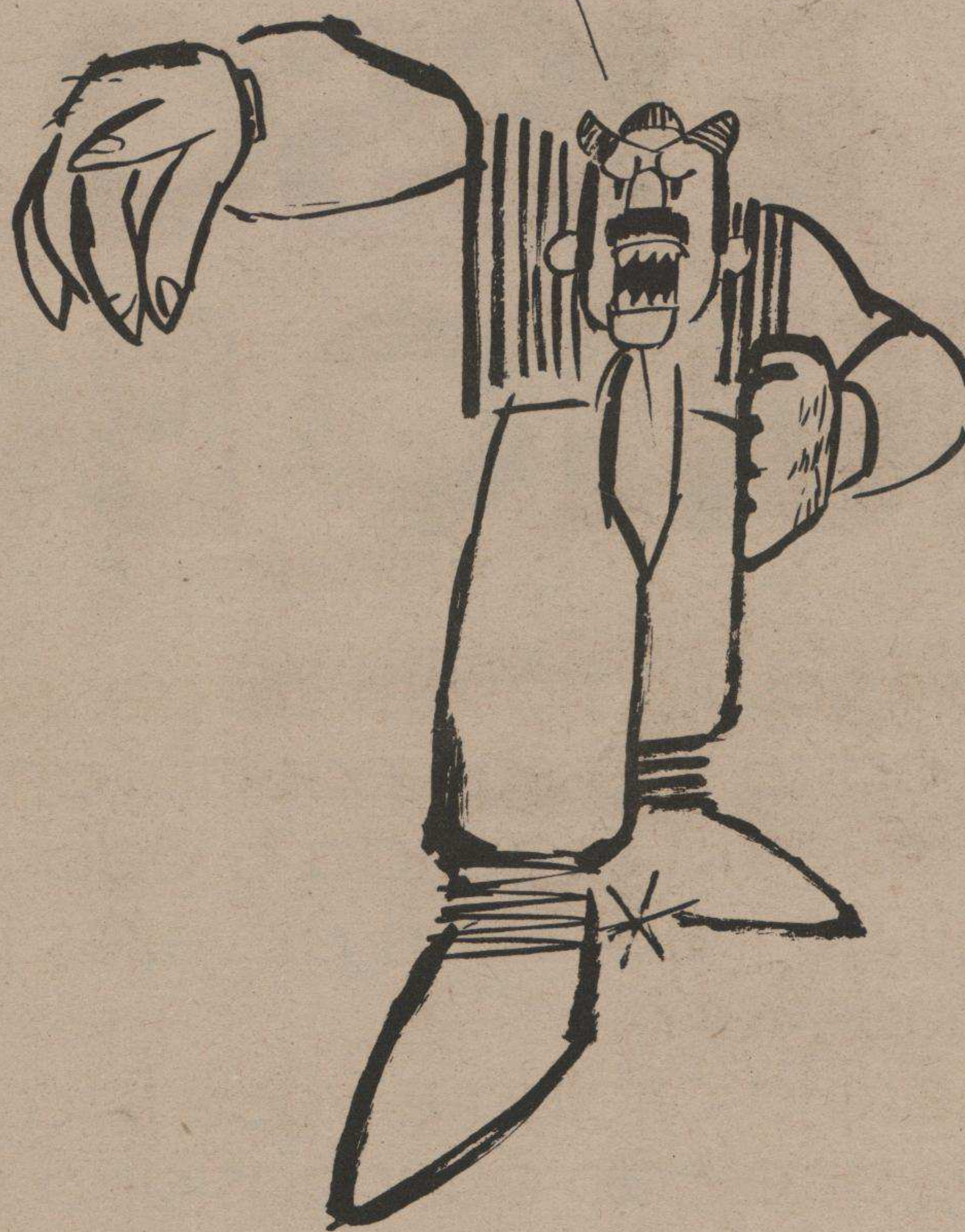
Zirardo

ATENÇÃO: ESTA PÁGINA PRA TER SENTIDO, TEM Q. SER LIDA EM SOTAQUE BICHUCHO, ISTO É, UM SOTAQUE MEIO BICHA E MEIO GAÚCHO.

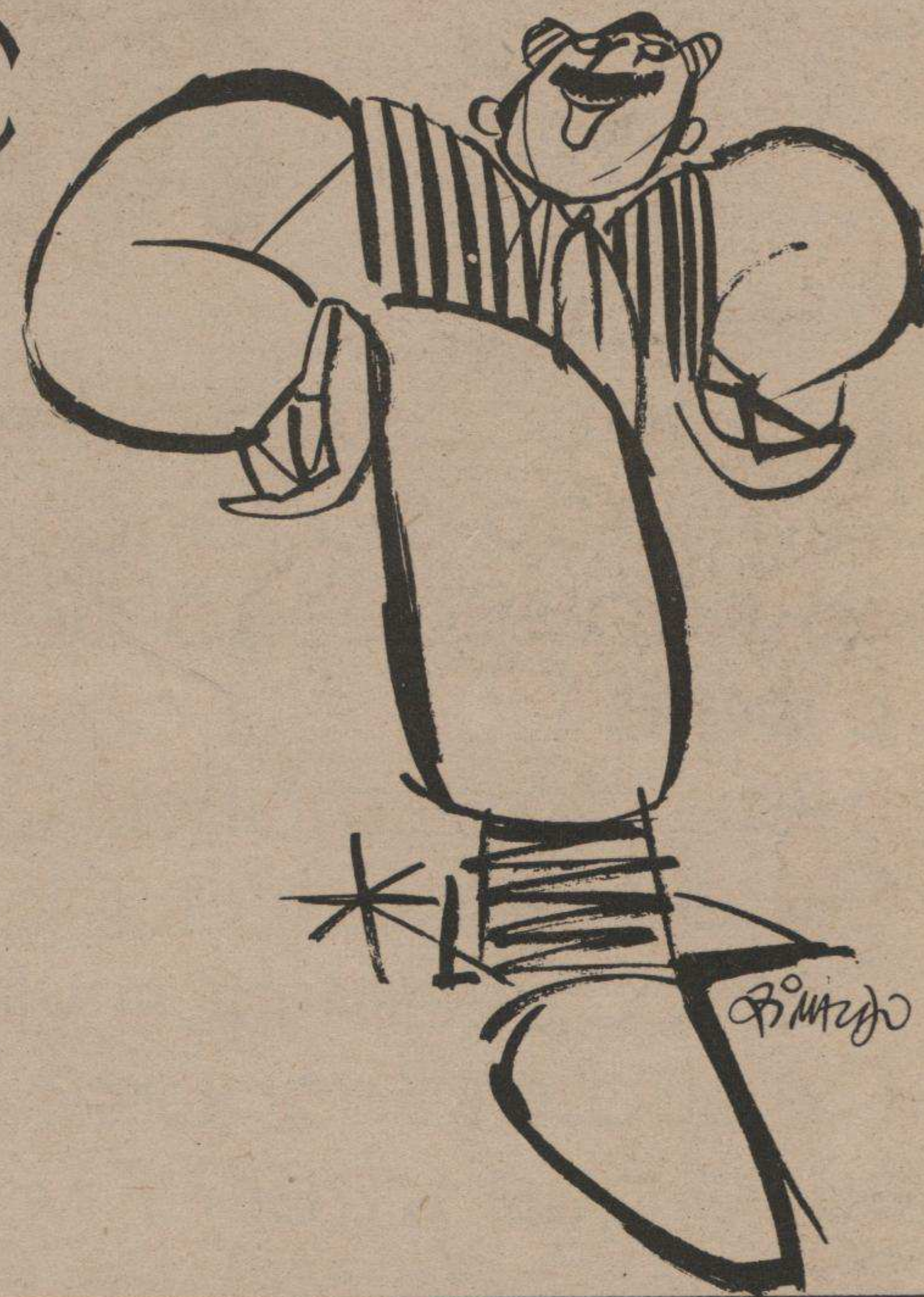
ORA, PELOTAS...



PARA AGÜENTAR
ESSA VIDA...



HAY QUE SER
MACHO!



Enquanto o livro do General Olympio Mourão Filho está apreendido, Você pode ler outros bons lançamentos da L & PM Editores



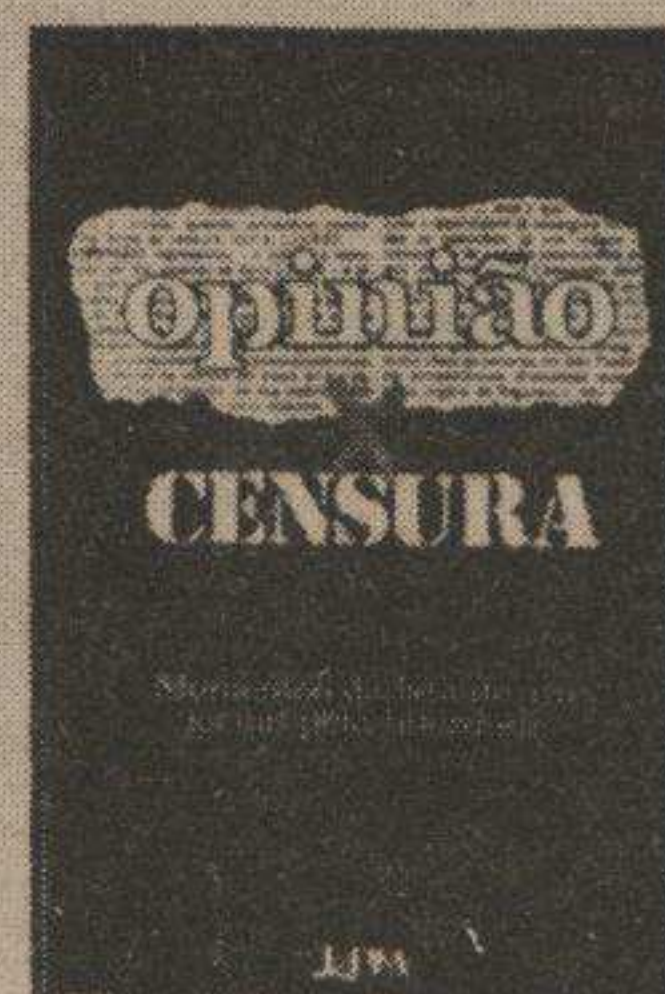
A1 - O mais completo documento sobre o movimento de 31 de março de 1964. 2.ª edição. Cr\$ 250,00



A2 - Um livro corajoso e veemente. Mais denúncias contra o totalitarismo e as arbitrariedades do Governo. Cr\$ 80,00



A3 - As denúncias do pacote de abril e da corrupção. Um brado pela volta ao estado de direito. Cr\$ 80,00



A4 - Um livro que conta os bastidores da truculenta censura à imprensa exercida em nosso país. Cr\$ 90,00



A5 - O novo romance de José Guimarães. A votação da emenda do divórcio é assistida na "casa" de Dona Anja. Cr\$ 120,00



A6 - Todo o humor e a ironia de Woody Allen, já em 3.ª edição. Ganhador de 4 Oscars em 77. Cr\$ 100,00



A7 - Contos e novelas curtas tratando da solidão e da miséria nas grandes cidades. Um livro impressionante. Cr\$ 120,00



A8 - Uma novela sobre a noite e o submundo. Uma história urbana, e personagens singulares. Cr\$ 80,00



A9 - A volta de um grande sucesso. 7 histórias de grande qualidade literária. Cr\$ 80,00



A10 - O "espírito" de Hitler paira sobre os anos 70. Muito humor, numa incrível história de aventuras. Cr\$ 80,00



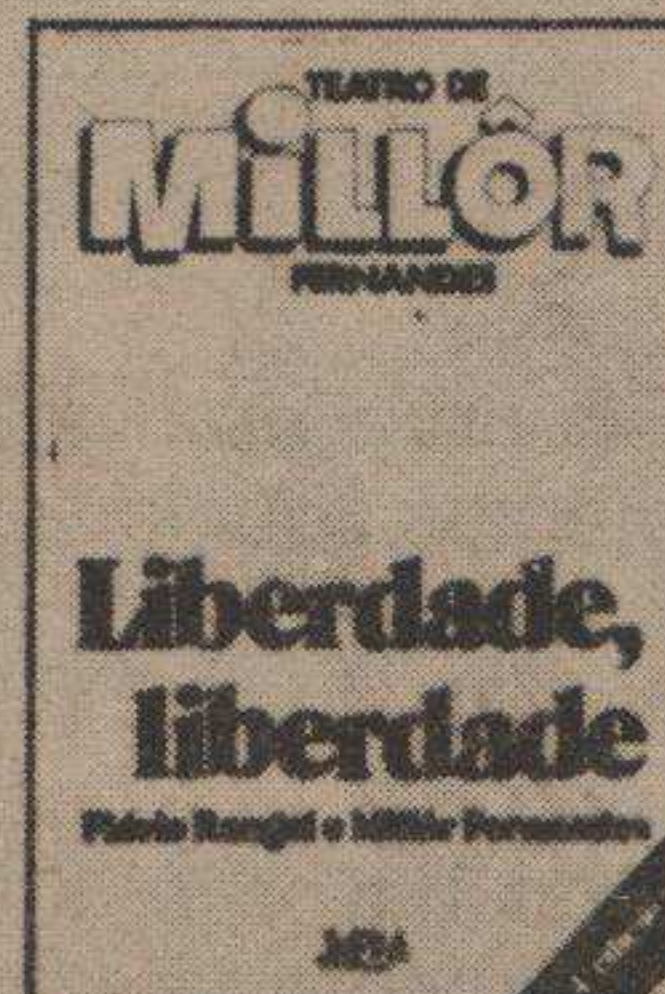
A11 - O mais completo quadro do humor brasileiro, com 82 dos maiores humoristas. 2 volumes. Cr\$ 90,00 cada



A12 - Humor. Cartuns sobre poluição, censura e realidade brasileira em geral. Cr\$ 70,00



A13 - O maior sucesso teatral dos últimos anos. Humor e drama em situações reais. Cr\$ 90,00



A14 - A volta do grande sucesso. Em 4.ª edição. Textos e a história da liberdade através dos tempos. Cr\$ 70,00



A17 - O homem da pré-história ao seu fim. Um livro importante. Humor. Cr\$ 90,00



A18 - Rango reeditado em seus primeiros números. 240 pg. Cr\$ 70,00

Em todas as livrarias, ou pelo reembolso postal

Peço que me enviem pelo reembolso postal os seguintes livros

A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13
A14				A17	A18							

(marque com um "x" os livros desejados)

Nome

Endereço

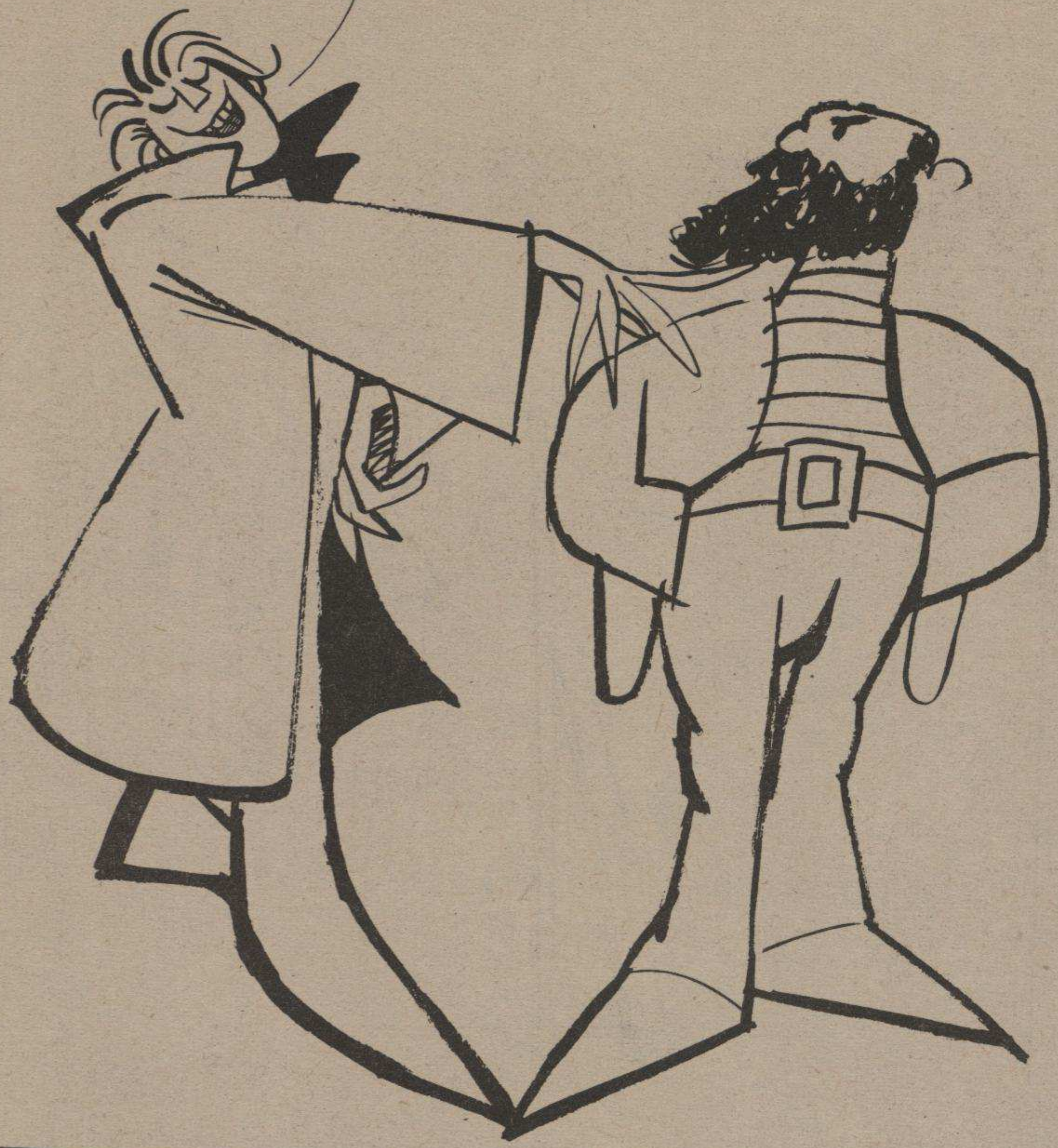
Cidade CEP Estado

Recorte este cupom e envie para a L&PM Editores Ltda. Rua Comendador Coruja, 372 - 90.000 - Porto Alegre - RS.

Não mande dinheiro agora

pedidos acima de Cr\$ 200,00 terão 10% de desconto

BARBARIDADE, CHÊ!

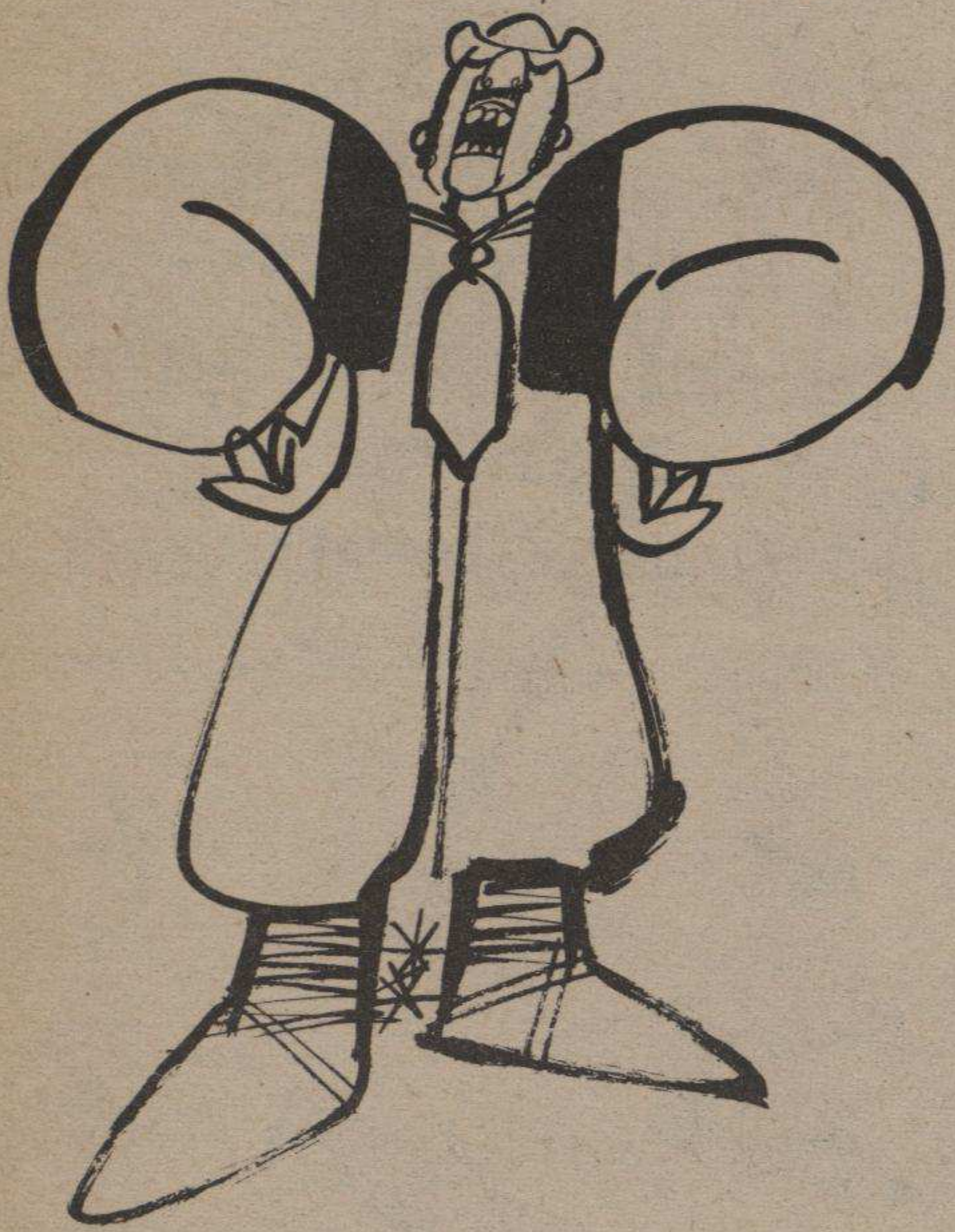


MUITO PRAZER.
ODÊTE...
DÊ PELOTAS!

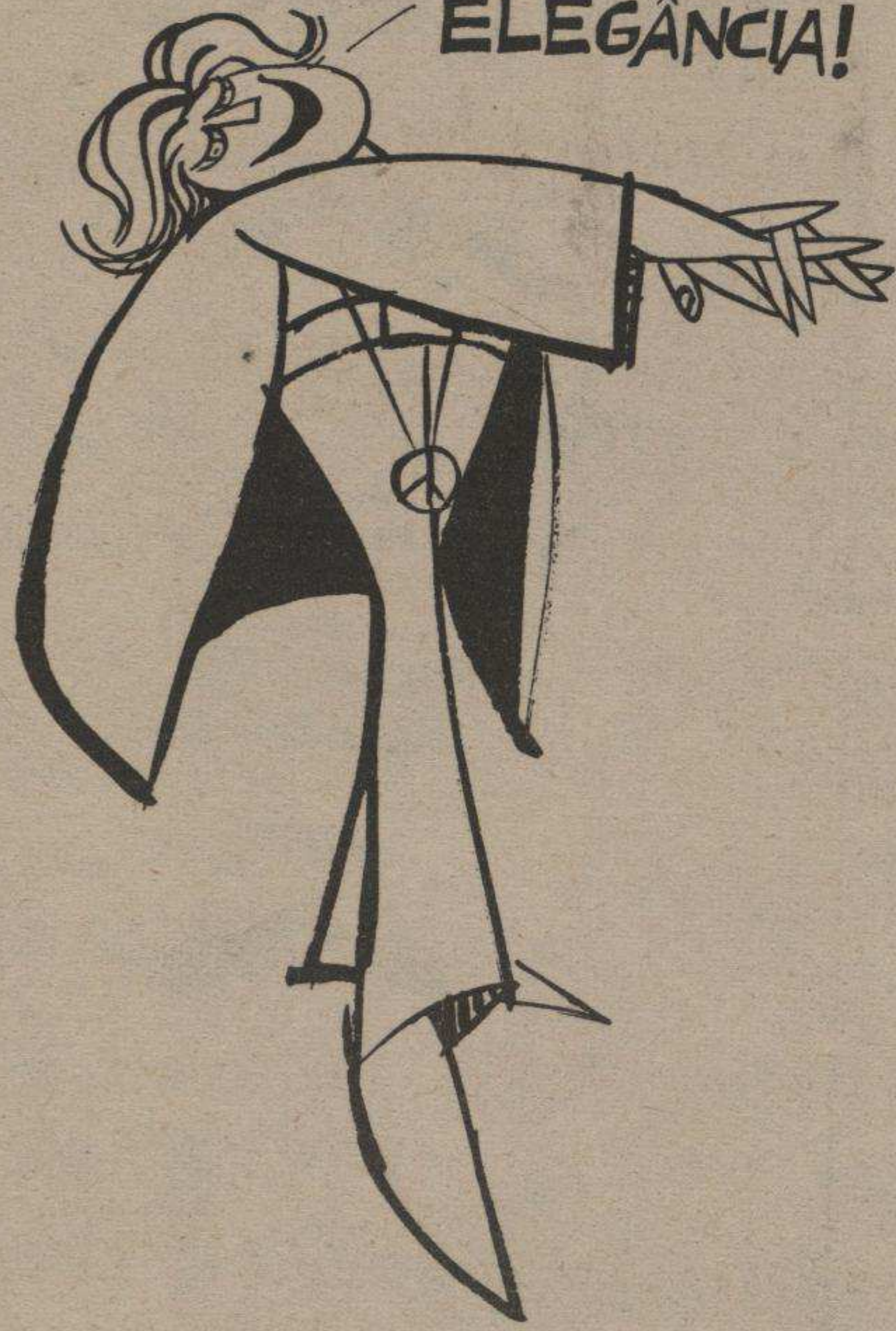
ENCANTADA.
HELGA...
DE LAGUNA!



E' BRÛTÔ
NADAR
DÊ
PÔNCHÔ!



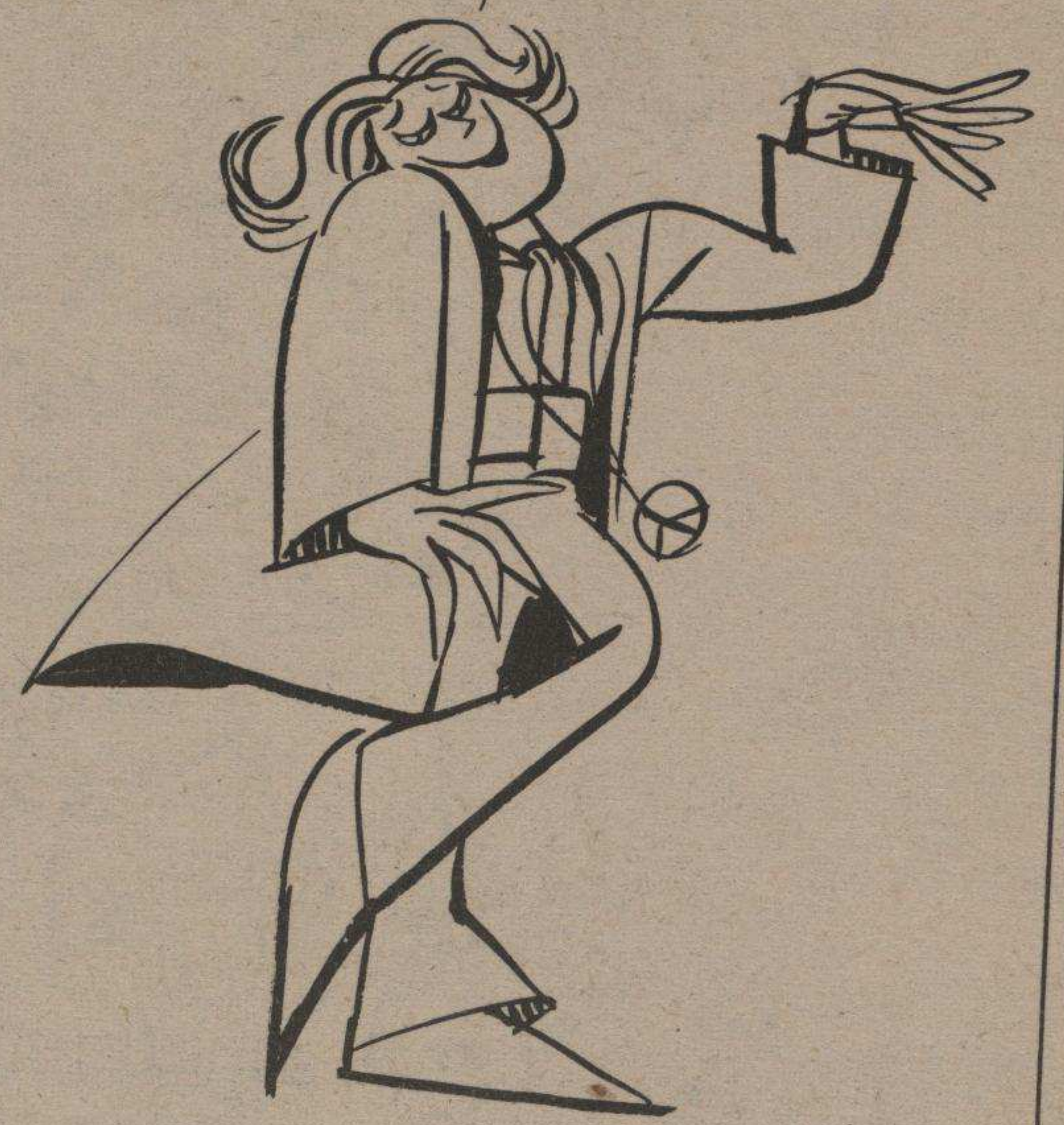
ADORO CAVALO... A-
DORO!!! O DESENHO
MAIS BELO DA NATUREZA...
QUE GARBO, QUE
ELEGÂNCIA!



...NA
PRÓXIMA
ENCARNAÇÃO...



...QUERO
VOLTAR
POTRANCA!



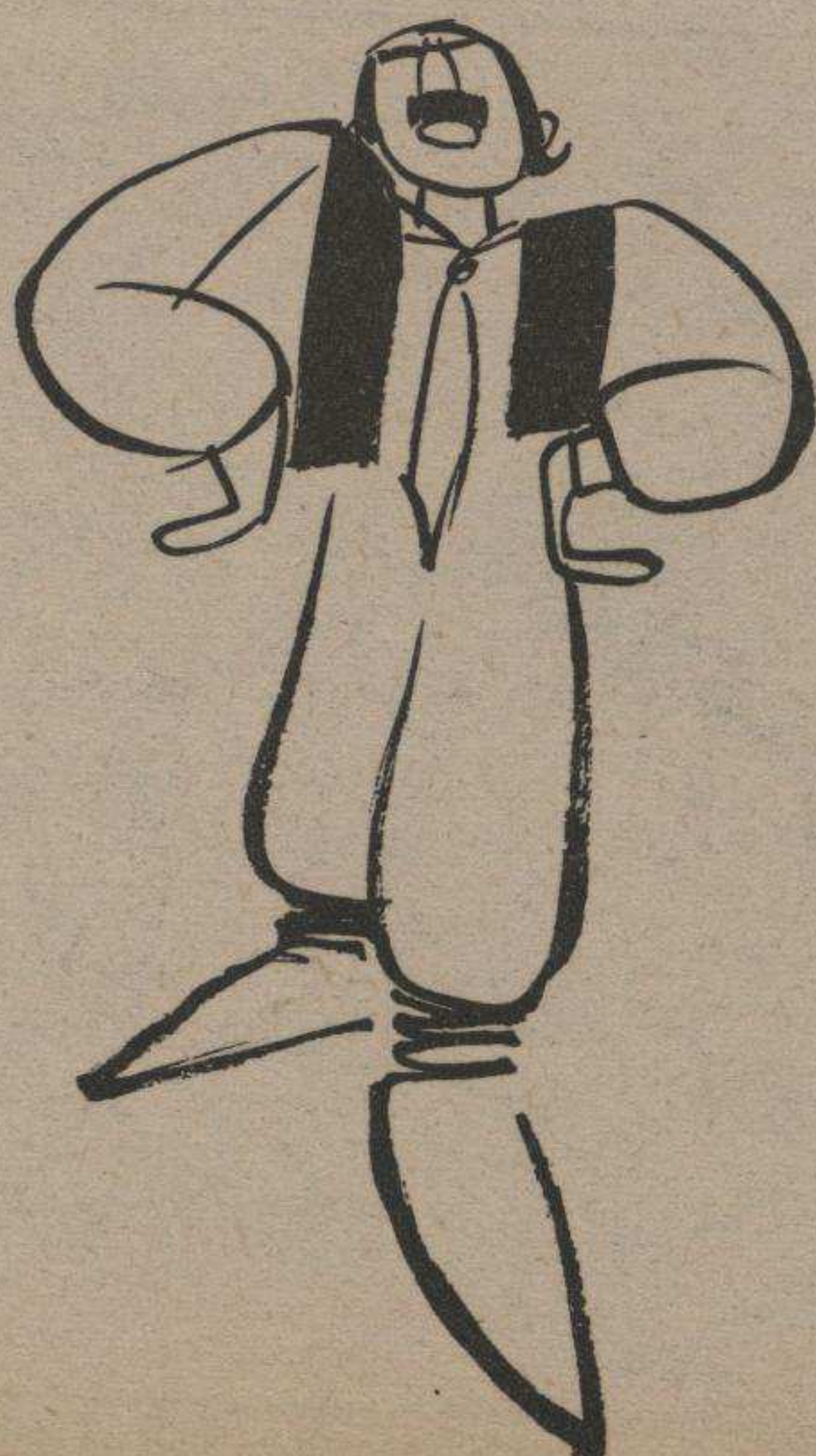
E' PRECISO
ACABAR COM ESSA
PROPAGANDA,
ESSA BADALACÃO,
ESSA PROMOÇÃO
INJUSTIFICADA...

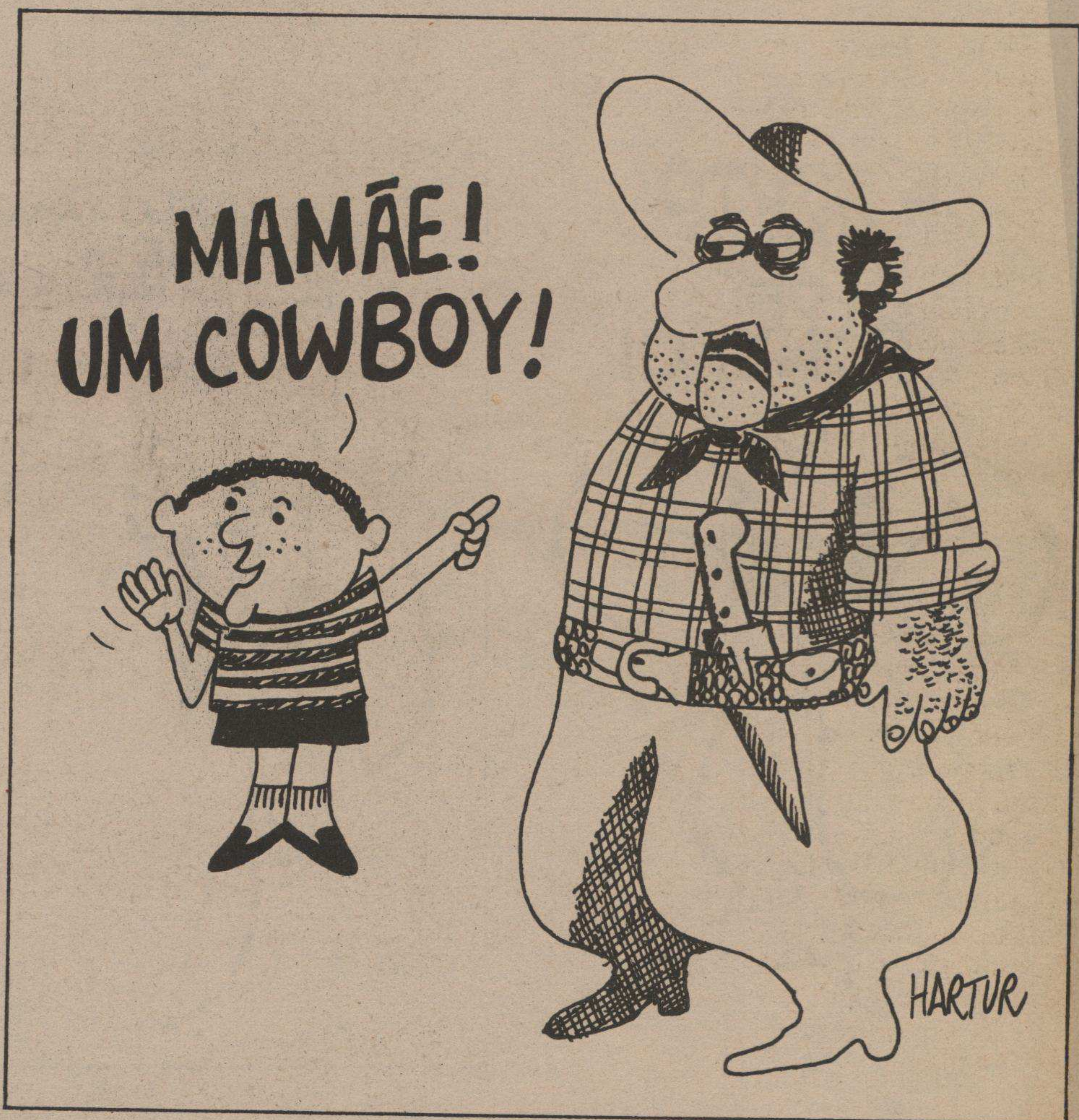
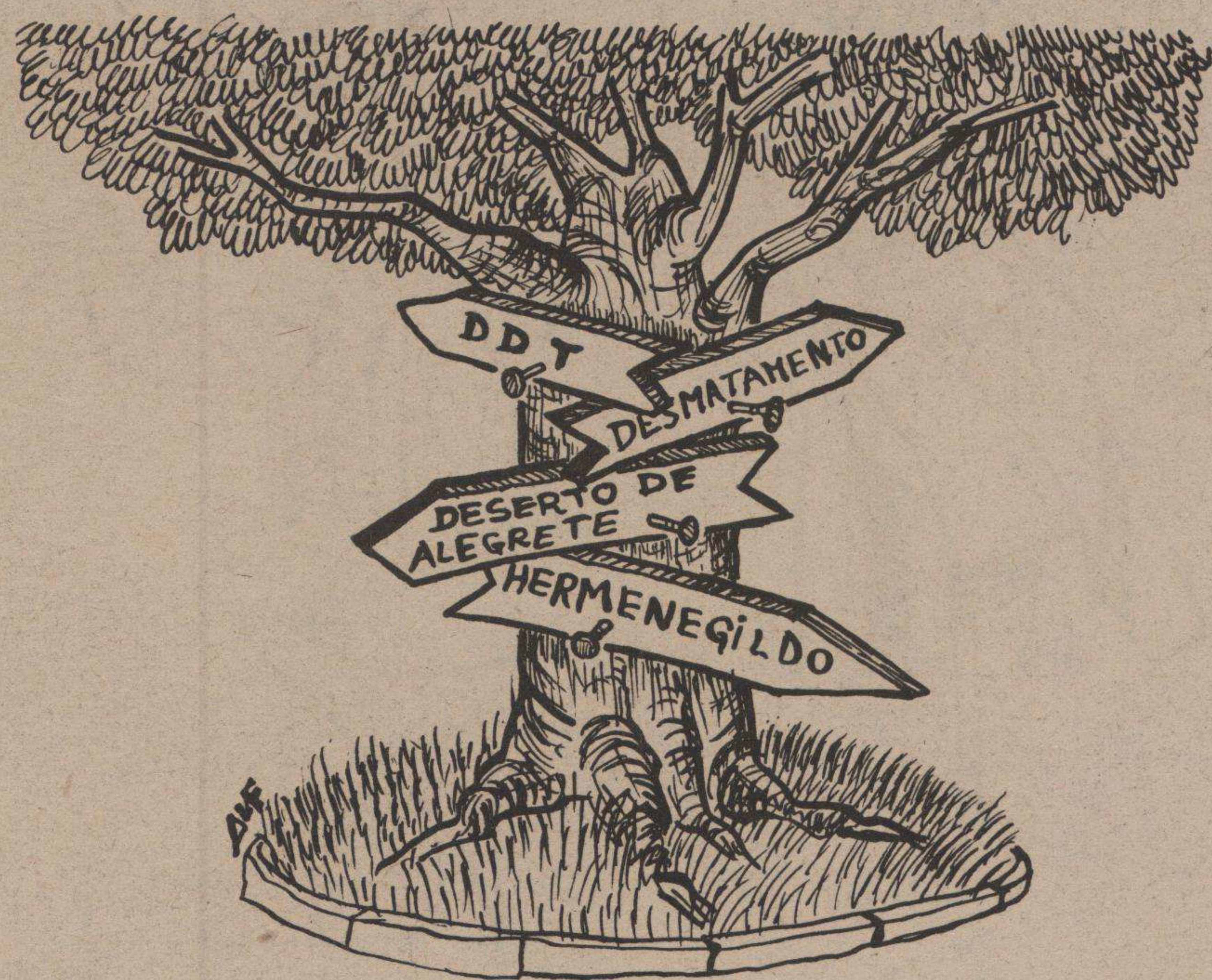
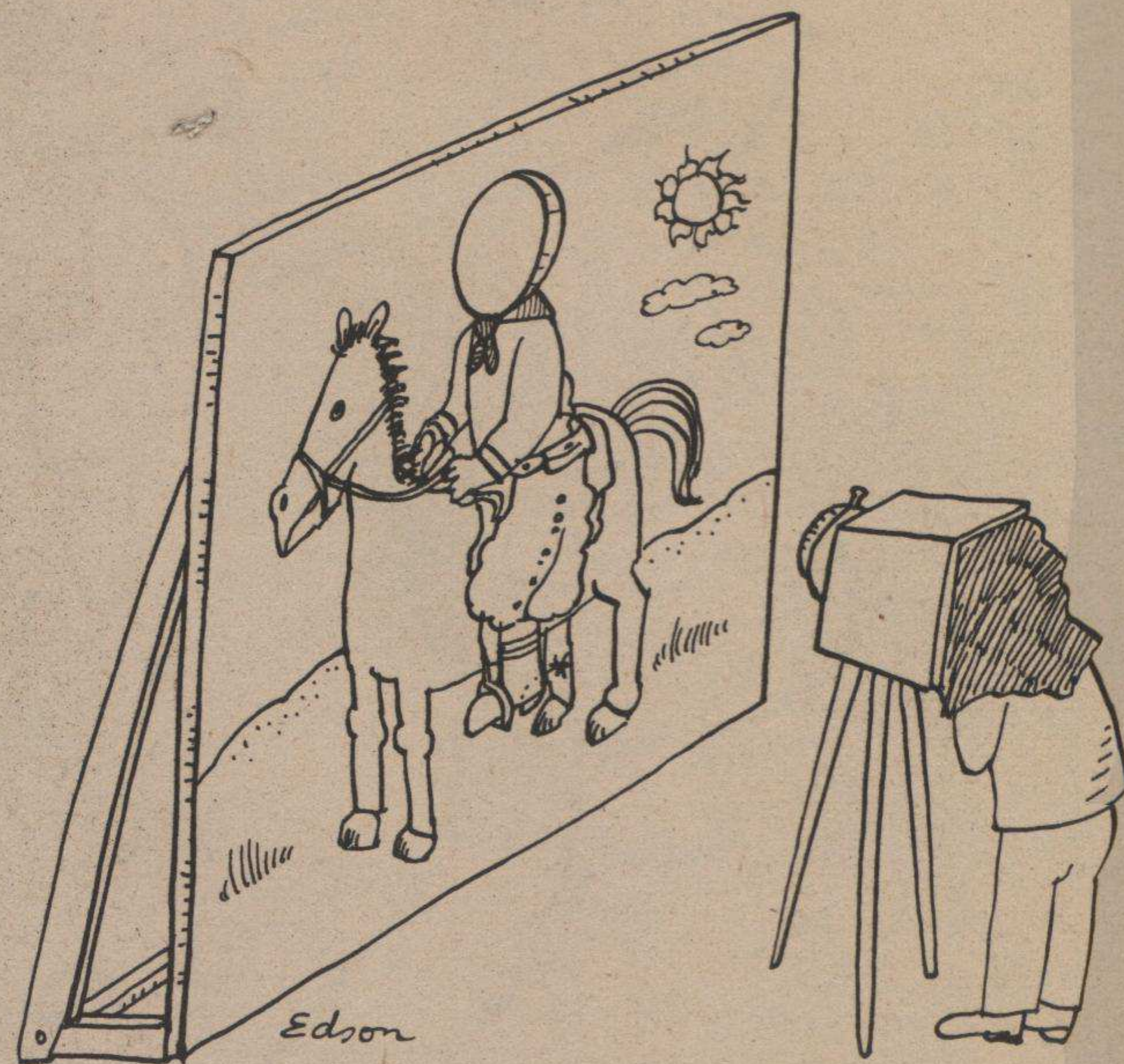
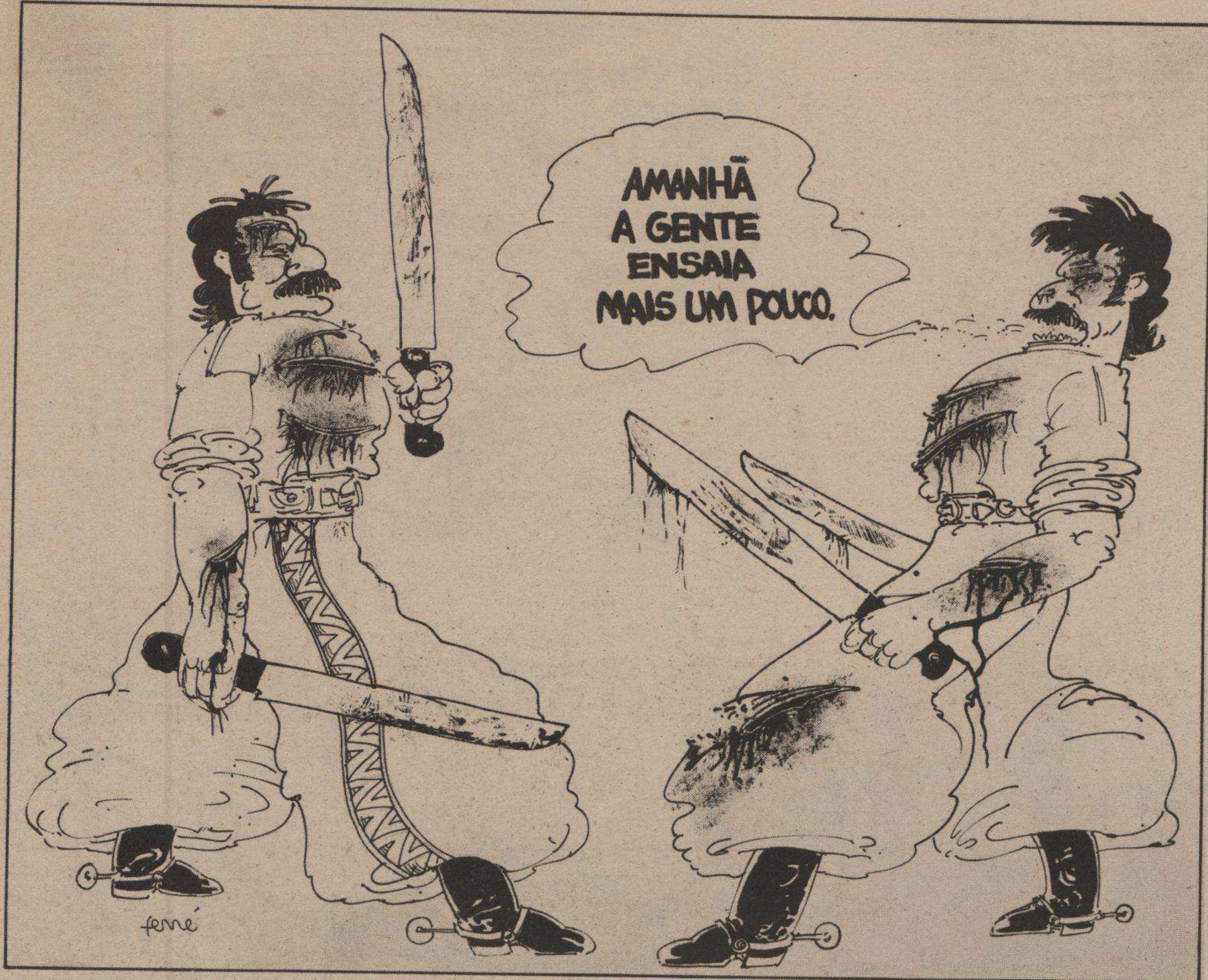
SÔ SÊ FALA
EM PELOTAS,
PELOTAS,
PELOTAS...

BAAA...

EU,
POR
EXEMPLO...

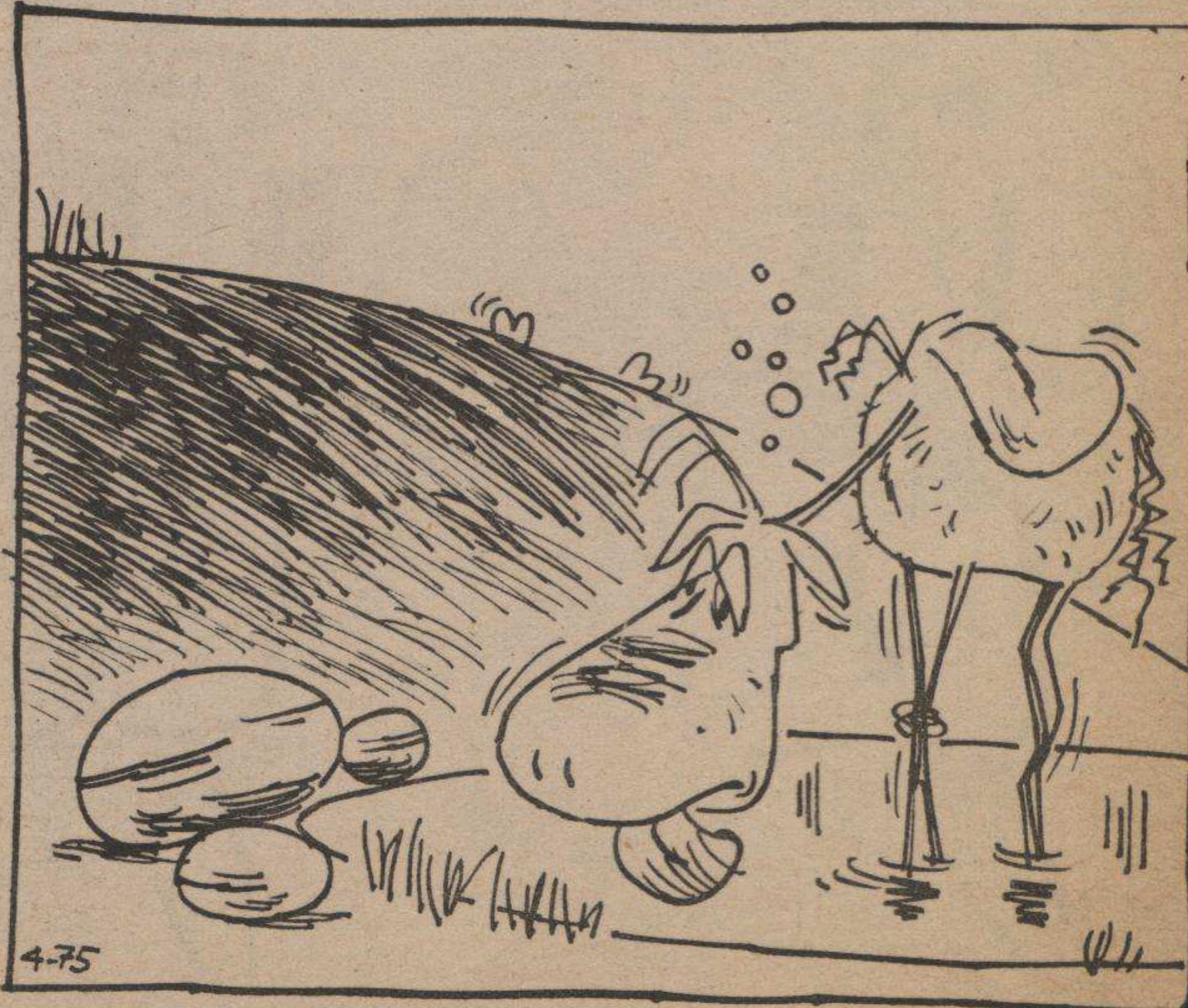
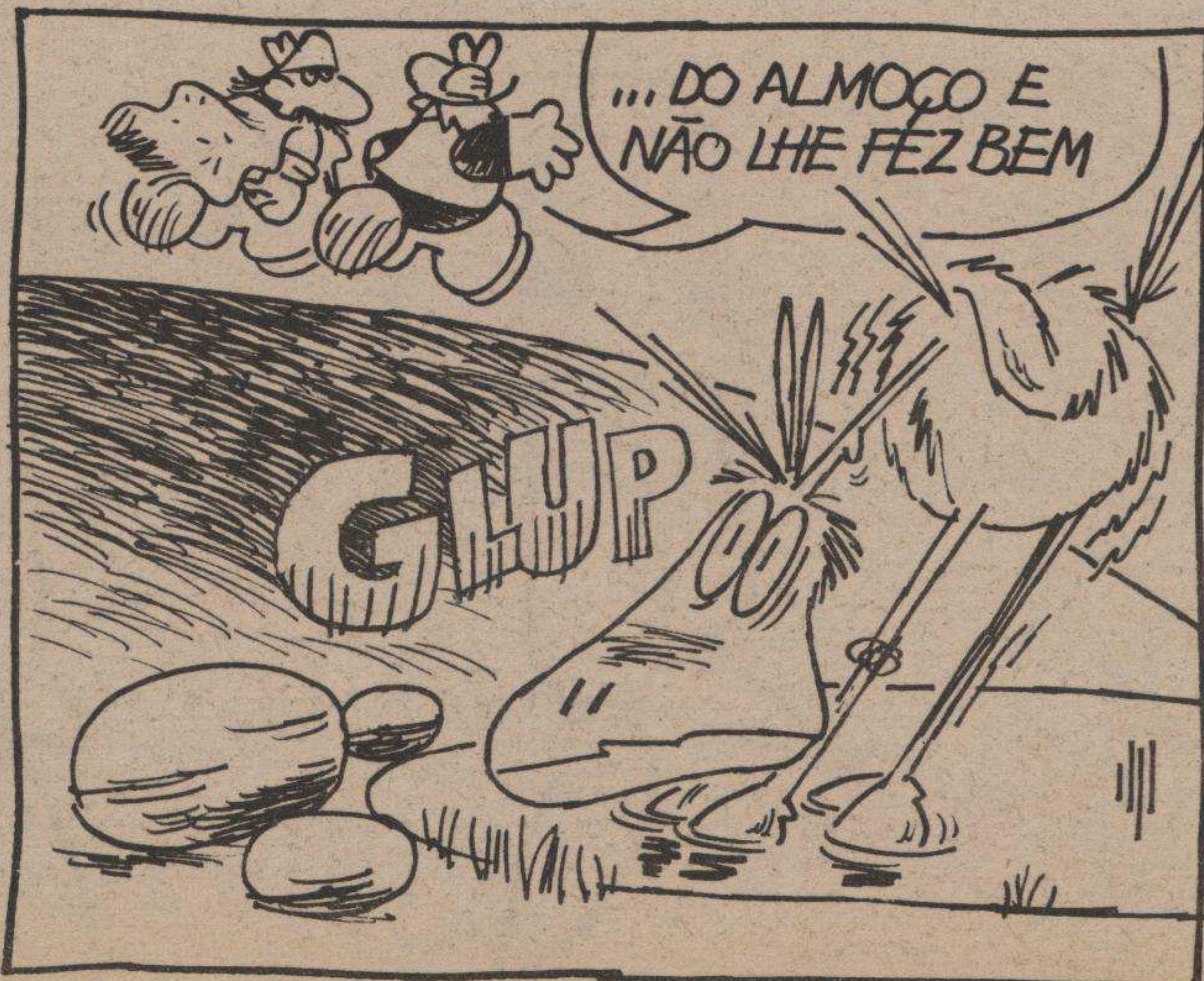
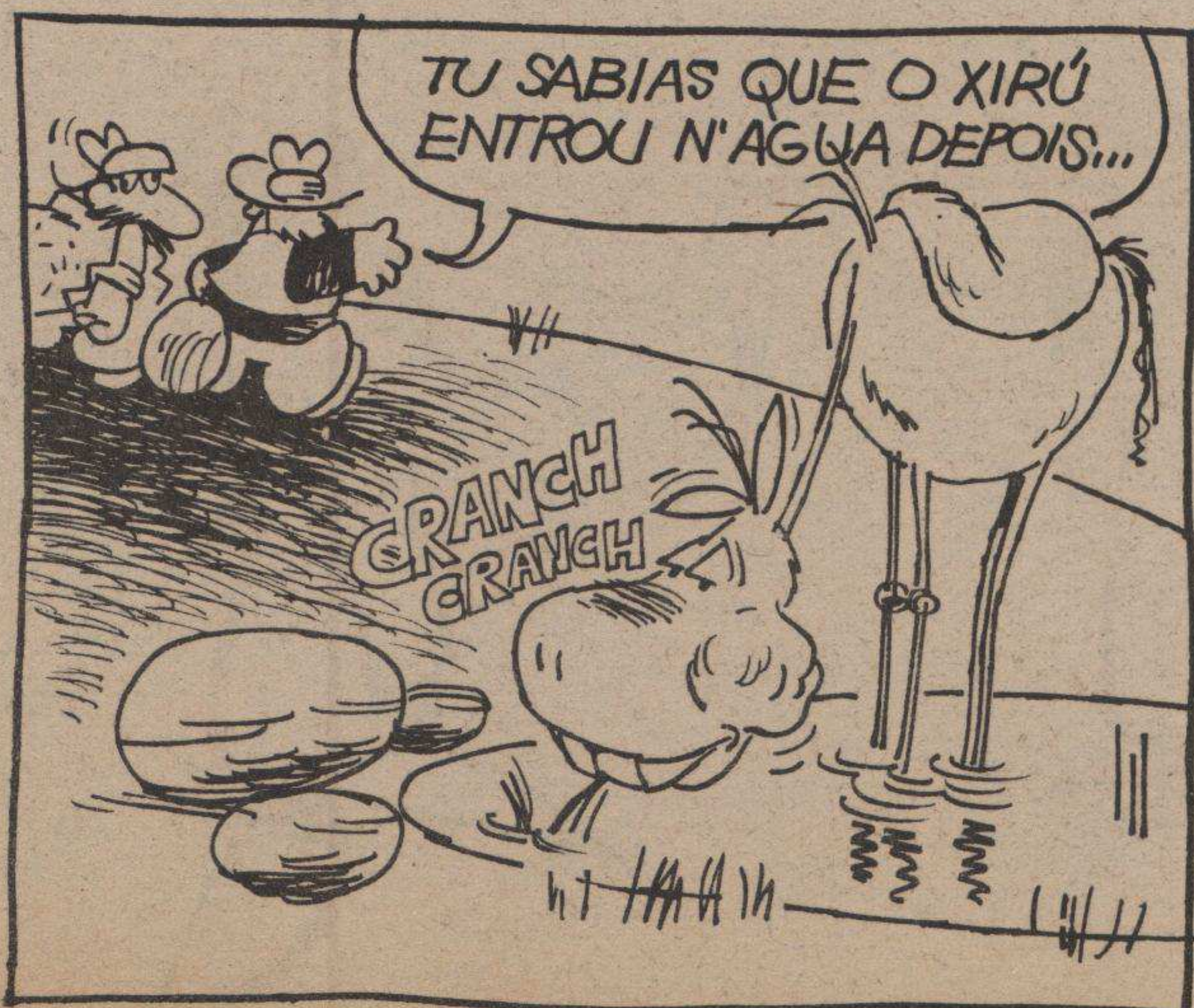
...SOU
DÊ
SANTA
MARIA!





MILONGA & MALACARA

UBERTI



Novas Lendas do Sul II

O Maneco voltara da Exposição todo assanhado. Nunca tinha ido a Porto Alegre. Achara a cidade grande de uma lindeza nomás.

— Que foi que tu mais gostou, Maneco?

— Dos fandango.
— Mas Porto Alegre tem fandango, Maneco?

— Fui a uma porção. Coisa especial barbaridade.

— Lá também é em salão de Igreja, Maneco?

— É em coteca.
— Coteca? Que nome esquisito.
— Eu também custei a aprender.

Mas de tanto me mandarem, "diz coteca, diz coteca" acabei aprendendo a dizer. Uma lindeza.

— E o que é que se dança?

— Cada um dança o que quer. Dancei o pezinho, dancei a chirmarrita e só quando eu ia dançar o facão é que me agarraro. Todo mundo dança com todo mundo. As luzes apagam e acendem depressa. Côsa de louco. Aqui tem que fazer uma igual.

— Acho que o padre não vai deixar.

Maneco não perde baile no salão da paróquia. Mas não é mais o mesmo. Só quer dançar separado e se retorcendo todo. E está sempre piscando os olhos. Rápido.

— Pra dá o efeito de coteca — expica.

O padre sempre temeu que isto acontecesse com o Maneco desde que ouviu a sua versão do pezinho, quando Maneco ainda era guri. Maneco não dizia "pezinho". Substituída por um som safado:

"Ai bota aqui, ai bota aqui o seu rum-rum.

O seu rum-rum, bem juntinho com o meu...

E depois não vá dizer, etc."

Mais cedo ou mais tarde Maneco se mudaria para a cidade grande, suspirava o padre. E o Maneco no meio do salão se torcendo todo para dançar o chote. Sempre piscando.

— E o que é que se dança?

— Cada um dança o que quer.

Dancei o pezinho, dancei a chirmarrita e só quando eu ia dançar o facão é que me agarraro. Todo mundo dança com todo mundo. As luzes apagam e acendem depressa. Côsa de louco. Aqui tem que fazer uma igual.

— Acho que o padre não vai deixar.

Maneco não perde baile no salão da paróquia. Mas não é mais o mesmo. Só quer dançar separado e se retorcendo todo. E está sempre piscando os olhos. Rápido.

— Pra dá o efeito de coteca — expica.

O padre sempre temeu que isto acontecesse com o Maneco desde que ouviu a sua versão do pezinho, quando Maneco ainda era guri. Maneco não dizia "pezinho". Substituída por um som safado:

"Ai bota aqui, ai bota aqui o seu rum-rum.

O seu rum-rum, bem juntinho com o meu...

E depois não vá dizer, etc."

Mais cedo ou mais tarde Maneco se mudaria para a cidade grande, suspirava o padre. E o Maneco no meio do salão se torcendo todo para dançar o chote. Sempre piscando.

— E o que é que se dança?

— Cada um dança o que quer.

Dancei o pezinho, dancei a chirmarrita e só quando eu ia dançar o facão é que me agarraro. Todo mundo dança com todo mundo. As luzes apagam e acendem depressa. Côsa de louco. Aqui tem que fazer uma igual.

— Acho que o padre não vai deixar.

Maneco não perde baile no salão da paróquia. Mas não é mais o mesmo. Só quer dançar separado e se retorcendo todo. E está sempre piscando os olhos. Rápido.

— Pra dá o efeito de coteca — expica.

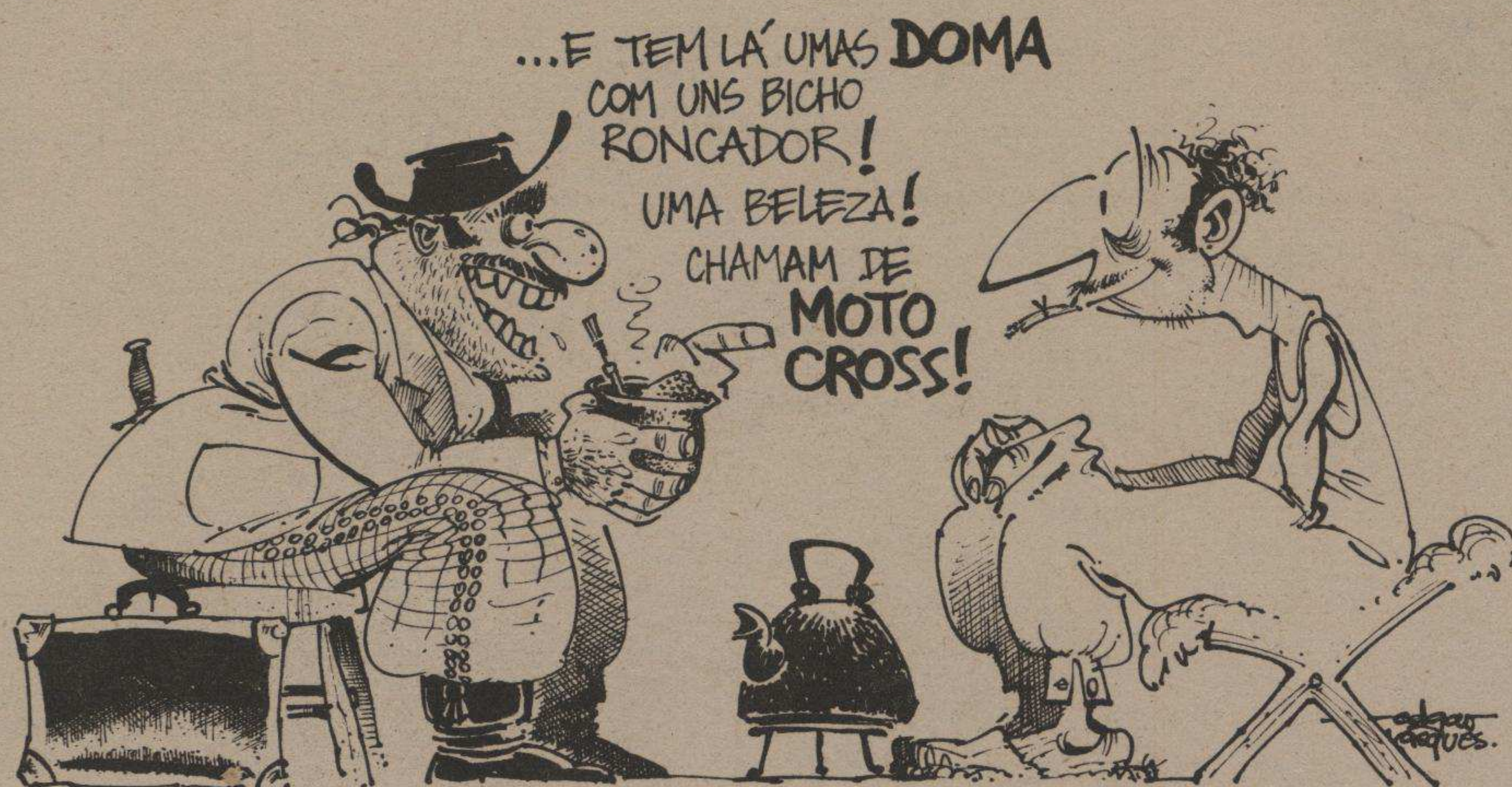
O padre sempre temeu que isto acontecesse com o Maneco desde que ouviu a sua versão do pezinho, quando Maneco ainda era guri. Maneco não dizia "pezinho". Substituída por um som safado:

"Ai bota aqui, ai bota aqui o seu rum-rum.

O seu rum-rum, bem juntinho com o meu...

E depois não vá dizer, etc."

Mais cedo ou mais tarde Maneco se mudaria para a cidade grande, suspirava o padre. E o Maneco no meio do salão se torcendo todo para dançar o chote. Sempre piscando.



Causo I

O poeta Vargas Neto costumava contar o causo dum tal Andrino Sutil das Dores, um preto valentão, herói de muitas revoluções e duelos. Forçado a uma cirurgia de certa gravidade, já estava na mesa de operação, prestes a ser anestesiado, quando viu o médico aproximar-se com o bisturi. Olhou bem para o médico e disse:

— Doutor, esse vai ser em toda a minha vida o primeiro talho que não defendo!

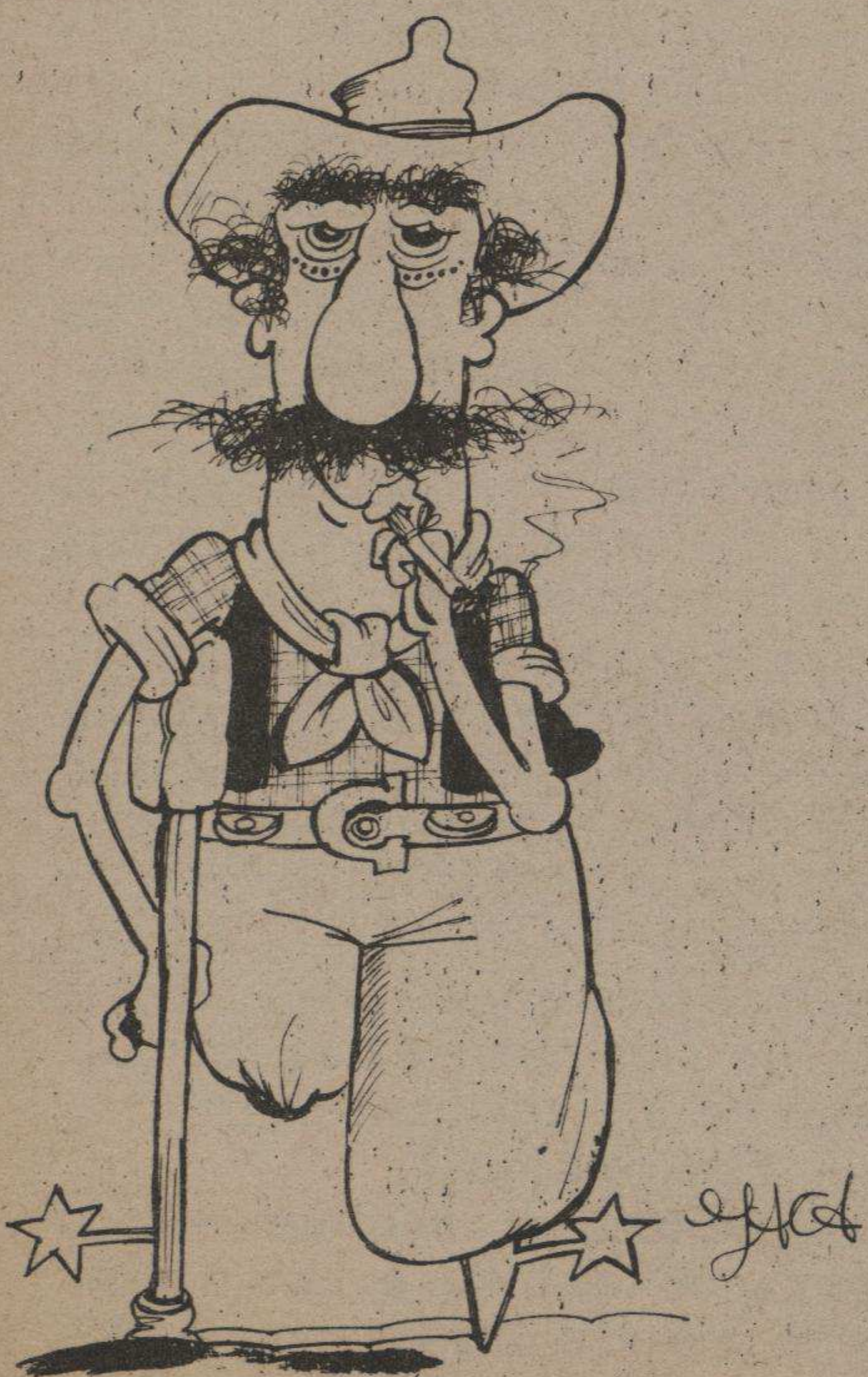
(Causo narrado por Érico Veríssimo)



Ganhe em desempenho e economia.

Com óleos lubrificantes Ipiranga você percorre todos os caminhos com muito mais economia. Nossos lubrificantes otimizam o rendimento do motor de seu carro. E você ganha em desempenho.

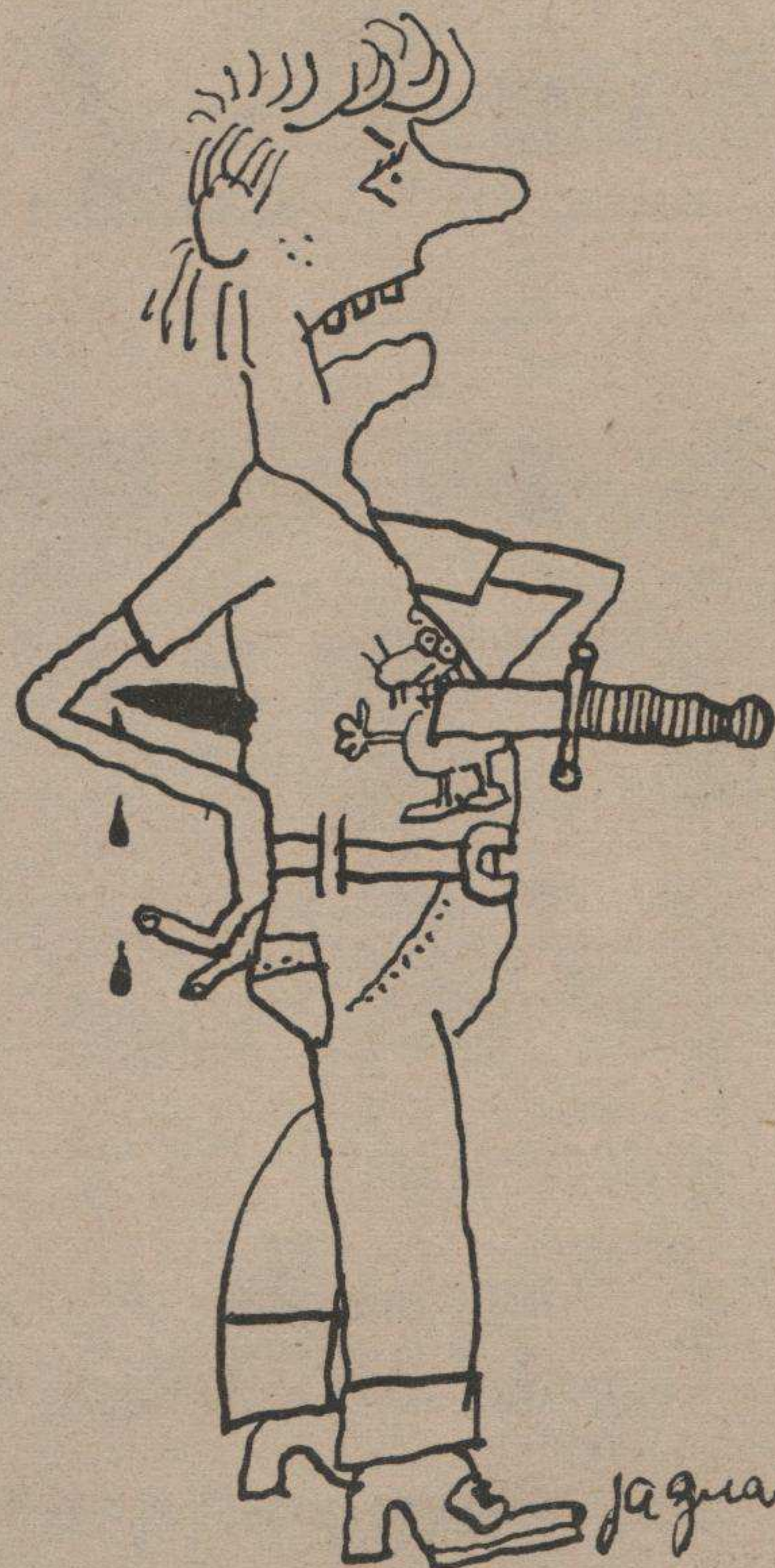
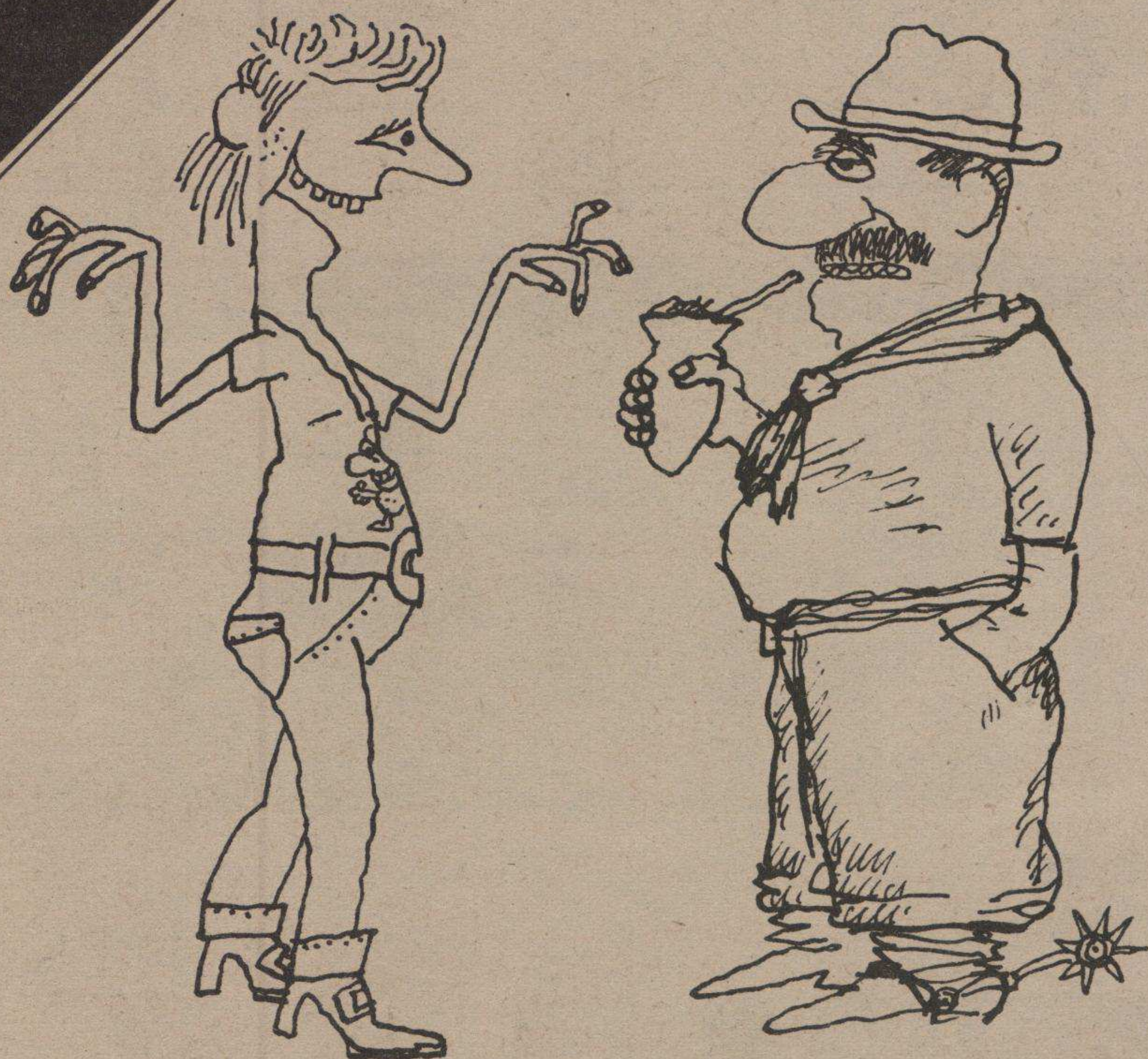
IPIRANGA



Fêlo como talho na bunda.

da Jaguar.

A BICHA DO PASQUIM em VISITA a PELOTAS



É aqui que é Pelotas, onde a lotação do estádio de futebol cabe cinquenta por cento sentada e cinquenta por cento no colo, onde tem a Discotêque Day Sim Day, onde passa a Transviadônica (Campinas-Pelotas), onde os machões locais, depois da convenção anual pegaram uma moto e foram embora pra casa, onde os carros não têm cinto de segurança e sim pino de segurança e...

... onde as bichas locais não têm o menor "sense of humour"?

UM DRAMA DO NOSSO TEMPO.

Todo aquele que tenha um mínimo de consciência precisa ler esta obra.

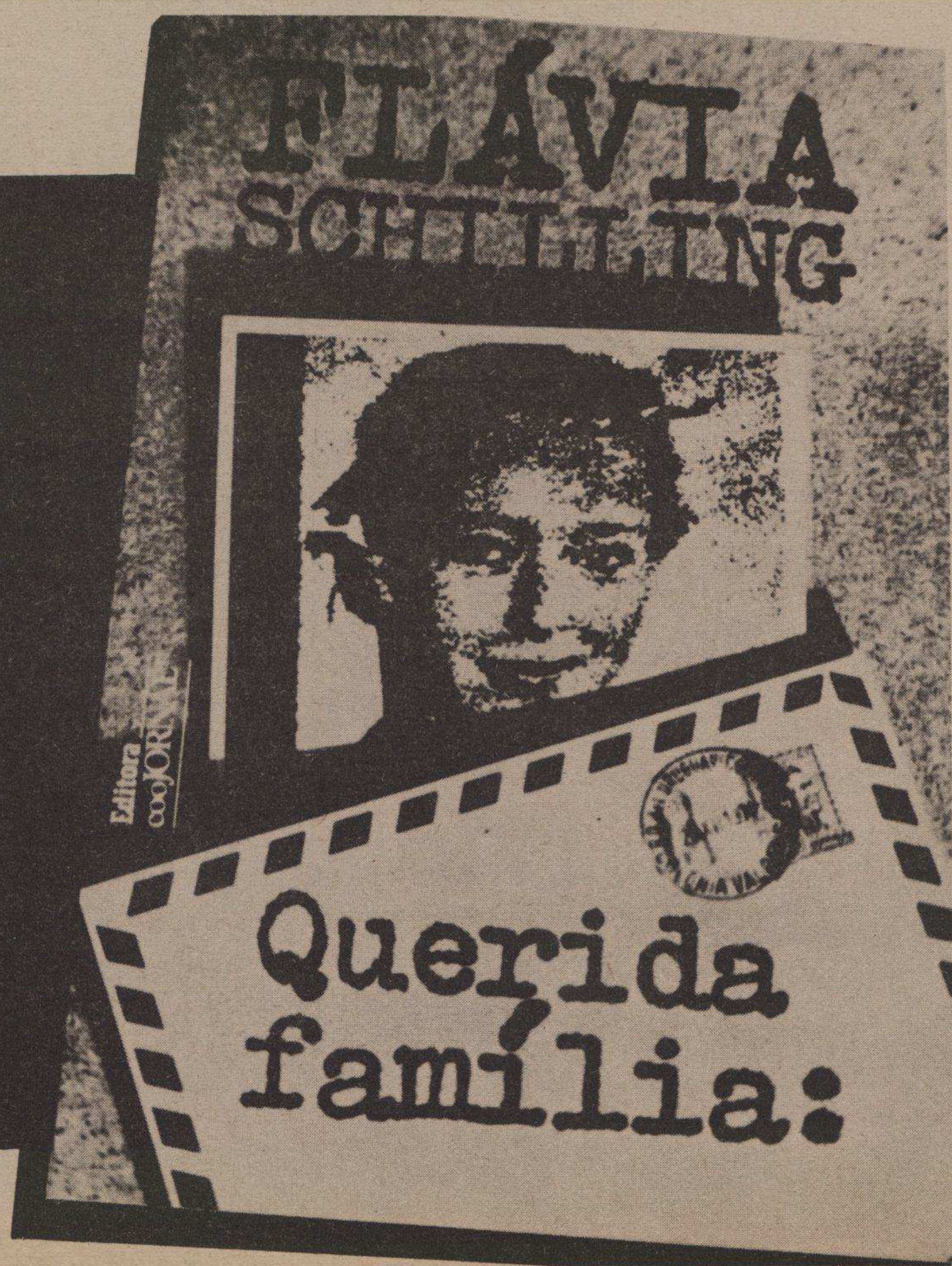
— **Querida Família:** as cartas de Flávia Schilling, relatando toda sua amarga experiência vivida nos cárceres uruguaios.

— **Querida Família:** um depoimento impressionante.

— **Querida Família:** a verdade. Nada mais que a verdade.

Leia e reflita. São Cartas que poderiam ser dirigidas a você.

Cr\$
70.00



Uma publicação da Editora Coojornal.

Causo II

Conta-se que num trem que vinha do Rio para São Paulo, um passageiro entregou, petulantemente, ao condutor o seu bilhete espetado na ponta de uma adaga, assim com um arzinho de provocação.

O condutor puxou do bolso um revólver, picotou o bilhete com dois tiros, devolveu-o ao viajante e disse no mesmo tom:

— Eu também sou de Bagé.

(Causo narrado por Érico Veríssimo)

Novas Lendas do Sul III

Quando a peonada se reúne no galpão nas noites de inverno e o mate corre de boca em boca e o fogo projeta sombras fantásticas na parede enquanto o vento geme lá fora, o velho Libório gosta de contar causos de assombração.

Como o de Gervásio, que todos consideravam o melhor piloto de pulverizador dos pagos. Por onde Gervásio passava no seu avião prateado não ficava praga viva. As prendas saíam de casa para ver Gervásio zunir em vôo rasante sobre a lavoura de soja, largando sua fumaça mortal e sorrindo com seus óculos de raibã. Uma prenda em especial, Lucélia das Levis, assim chamada pelas calças justas que sempre usava, ficava abanando, abanando até Gervásio desaparecer por trás da nuvem de pesticida antes de fazer uma pirueta e passar zunindo outra vez, oigalê gavião atrevido.

Um dia Gervásio bateu na porta da casa de Lucélia das Levis e lhe deu uma lembrança para que nunca esquecesse dele. Um leva-tudo de imitação de couro com chaveiro, o retratinho da mãe, isqueiro Ronson e um cartucho de cassete.

Por que me dás tudo isto? — perguntou a prenda.

— Porque hoje eu vou morrer — respondeu Gervásio, simplesmente. E disse para Lucélia só tocar o cartucho depois da sua morte.

Naquele mesmo dia, lá para as bandas de Coronel Bicaco, o avião de Gervásio se espatifou no meio da soja. Gervásio escapou com vida da queda mas não conseguiu fugir dos pulgões, que só esperavam aquela oportunidade para se vingar. De Gervásio e do seu avião só sobraram os óculos de raibã e a fivela da cinta.

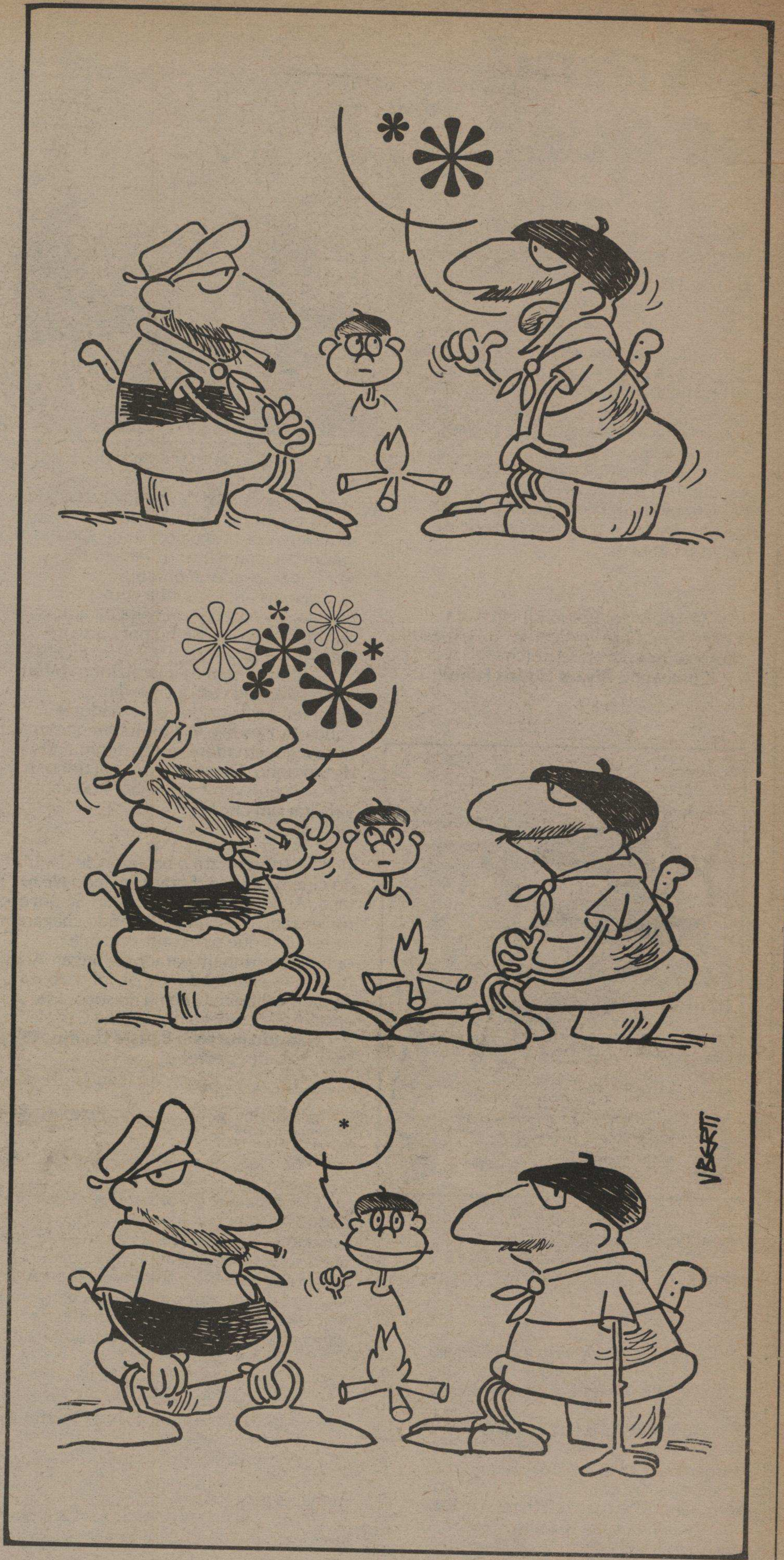
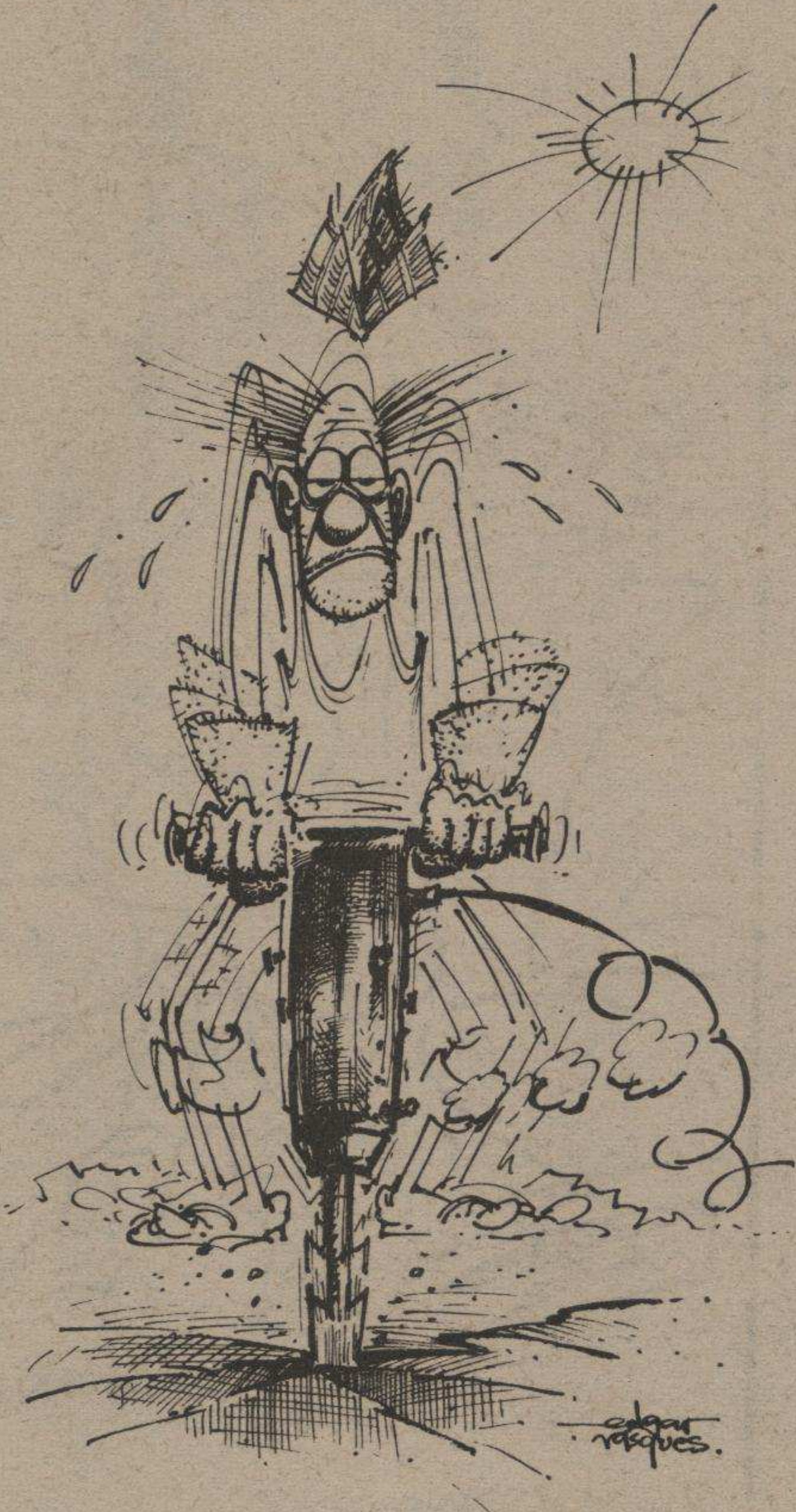
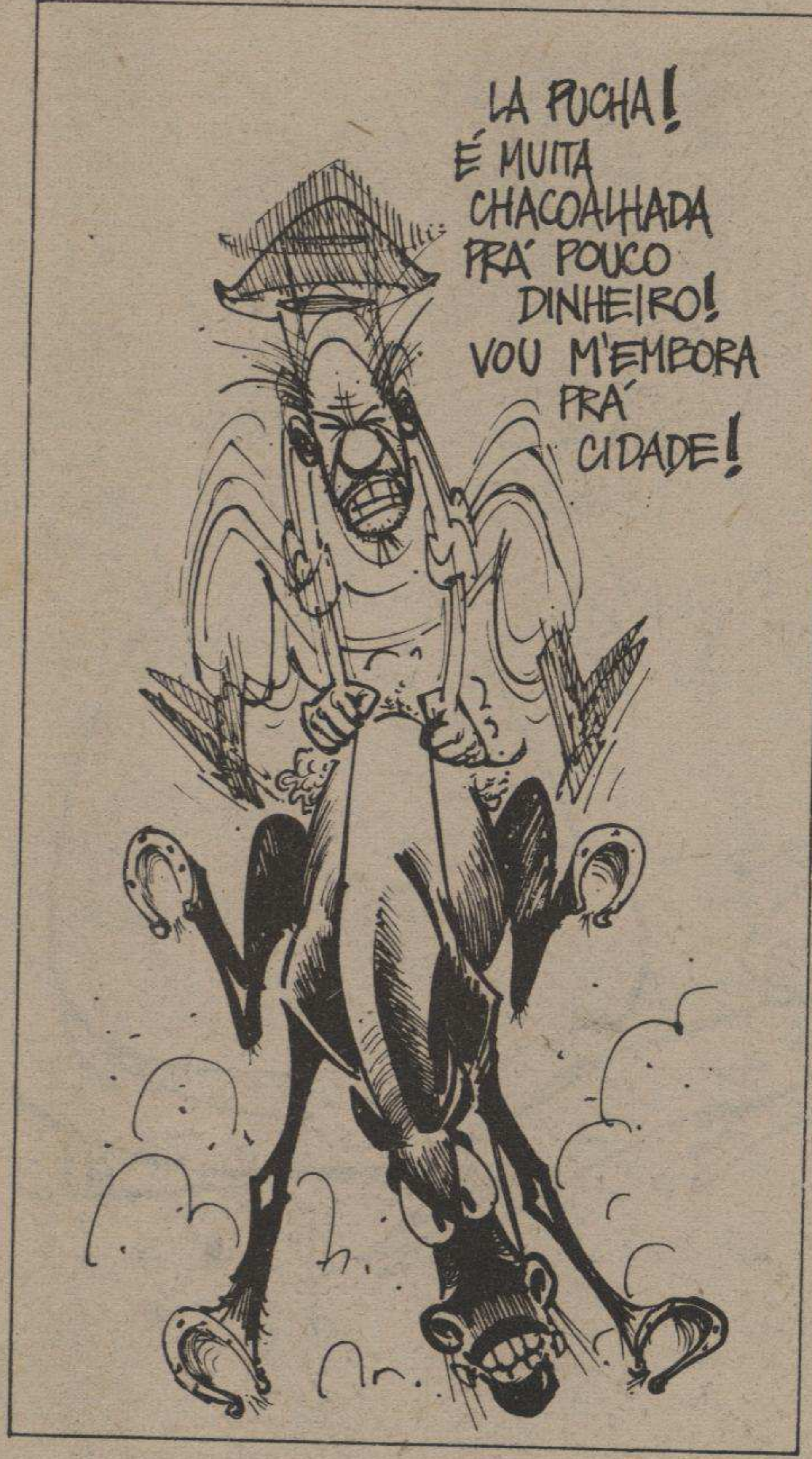
Hoje, quando o vento sopra na lavoura, quem aguçar o ouvido pode ouvir o ronco do avião prateado de Gervásio zunindo sobre a soja. E, mais ao fundo, o som do cartucho que Gervásio deixou para Lucélia das Levis, e que ela nunca pára de tocar. "Feelings", de Moris Albert.

Neste ponto, o velho Libório interrompe o causo, levanta a cabeça, põe um dedo na frente dos lábios e, depois de um certo tempo, diz:

— Estão ouvindo?

A peonada escuta o vento e ouve o ronco de um avião e, bem no fundo, a melodia do cassete. Todos fazem o sinal da cruz e chegam mais perto do fogo, que de tanto se agitar também parece estar com medo.

Causo como caise de papilo.



TCHÊ

BETO



Beto

Tá rindo do quê? I

Durante uma semana os pesquisadores do *Instituto Galope-Coojornal* perguntaram aos gaúchos de que eles andaram rindo neste ano. Aqui em primeiríssima mão os resultados:

- 41% acham que o gaúcho ri pouco
- 39% disseram que o gaúcho ri tanto quanto qualquer outro brasileiro
- 7% não têm opinião formada
- 3% responderam que não tinham motivos (ou dentes) para rir
- 6% correram nossos pesquisadores a facão.

RIU DO QUÊ?

Com essa pergunta nos lábios, nossos pesquisadores foram à rua. Depois de computadas as respostas para o quadro estatístico acima, eles fizeram um resumo, com os trechos mais interessantes. Eis:

Nossa reportagem dirige-se agora para o centro da cidade, Amir. Rua da Praia, a cantada pelos poetas e agências de turismo. Vamos falar com este cidadão baixinho, magrinho, já perto dos 60. O nome dele é Mário. Ei, Mário. Ele não ouviu. Mário tem essa mania. Cada vez que passa uma mulher boa (e aqui passam dezenas por minuto) ele sai atrás, mãozinha magra no bolso, olhinhos fixos na bunda da dona. Ah agora ele está voltando, vamos poder ouvir a sua valiosa opinião. Mário, por favor, de que você riu este ano? Hein? Não entendi, Amir. Ele disse apenas: Olha nos meus olhos e vê se descobre quantas eu comi hoje?

Não faz mal, vamos em frente.

Nossa reportagem agora volta para perto da lancheria *Bruxa*. Mas o leitor já fique avisado: de vez em quando despenca de lá de cima dos edifícios um saquinho de mijo. O bancário Maneca, freqüentador das redondezas é quem nos avisa. De que é que tu tá rindo, Maneca?

Tô lembrando do saco de mijo que caiu em cima do irmão do Guazzelli (Governador Sival Guazzelli). No dia seguinte, tava cheio de guarda aqui, olhando pra cima. Outro dia, foi na cabeça de um general reformado.

Bem, já que o assunto descambou para a política, vamos registrar o que tem a dizer este cidadão aqui na frente da *Bruxa*:

O fato mais engraçado do ano, pra mim, foi o povo votar no Pedro Simon desprezando três nomes importantes. Eta povo ignorante. Esse povo não tá preparado pra votar.

O cidadão chama-se Osvaldo Blasckese e... "Eu sou responsável pelo que eu digo!" Está bem, está bem, seu Osvaldo. Não precisa gritar. Podemos prosseguir? Gratos. Pois seu Osvaldo tem 45 anos, é casado e corretor autônomo.

Nossa reportagem continua em ação na rua democrática! Estamos colhendo agora as impressões deste apressado traseunte. É o fotógrafo Magadan, da *Folha da Tarde*. Muito prazer:

Olha, o que eu mais ri este ano foi dessa reforma da Praça de Alfândega. O trânsito aqui ficou interrompido seis meses e a Praça tá a mesma coisa.

Está anoitecendo. Vamos à Vila Beco do Carvalho.

Positivamente, não é uma vila democrática. A reportagem só encontra um tipo de eleitor: o eleitor mal-vestido, mal-dormido, mal-comido. Por sobre as malocas, há muitas antenas de televisão. Tem razão nosso Presidente... Vamos ouvir alguns telespectadores. A senhora aí! (Cruzes, que mulher feia! Que sujeira! Nem tem banheiro nessa casa? Olha o filho dela, todo ranhento. Ai vem ela... que mau hálito!). Minha senhora, é uma pesquisa para um jornal sobre os fatos mais engraçados do ano... Ih, o que que ela tá rindo? Parece uma doente mental. Desembestou a rir.

Olha, o que eu mais ri foi das mulhé se agarrando pro causa de marido...

Ih, ela não vai parar mais de rir? Seu nome, por favor. "É Zenira Lima Vasconcelos..." Idade? "35 anos". Com Licença. Adeus. A gente tem que ter cuidado ao caminhar por aqui. Se a gente pisa em falso, tá dentro do valo, lambuzado de cocô, mijo, borra de café. Vamos falar com essa velha aqui. Essa com cara de índia. Sentada, com as mãos nos joelhos: Aláides Teixeira Fiuza, 68 anos. "Eu já tô velha.

Não saio de casa. O que eu gosto é o programa do Minêlis..."

Ora, Minêlis! Até parece a Dinorá do *Planeta dos Homens*. Não seria o programa do Miêle. *Praça da Alegria*, minha senhora? É? Haja Deus!

— Eu chuleio a hora do programa dele. Eu gosto mais daquele do livro (Walter D'Ávila), daquela moça do brasileiro bonzinho (Kate Lira) e do que ensina as coisa errada prô gorducho (Carlos Alberto da Nóbrega e Jô Soares). Rio que escangalho. Tomo um fartão.

A velha fica se chacoalhando na cadeira e rindo. O filho dela, o João Carlos — 30 anos, casado, vendedor de cachorro-quente — tem a resposta na ponta da língua: "O mais engraçado este ano foi as cara dos político na televisão. Nunca vi tanta cara engraçada. E aquelas roupa, aquela gravata... Sinceramente".

Cheiro de bosta de petição. Mijo, bosta e suor de gente. Crianças lambendo ranho, brincando nos valos. Chega! A reportagem ruma para a Avenida Coronel Bordini. Aqui se respira o cheiro da grã-finagem. As empregadas dão banho nas folhagens, nos gramados. Cachorros policiais de papo prô ar, na sombra e na água fresca, só levantam pra correr pé-de-chinelo que chegue no portão.

— Ele é um dos homens mais ricos de Porto Alegre — diz um vigilante da casa. O velho Kurt Peter, um dos donos da Siderúrgica Rio-Grandense, não tem tempo para pesquisas de jornal. Fala enrolado, com sotaque:

— Não me tome o tempo, não me leve a mal.

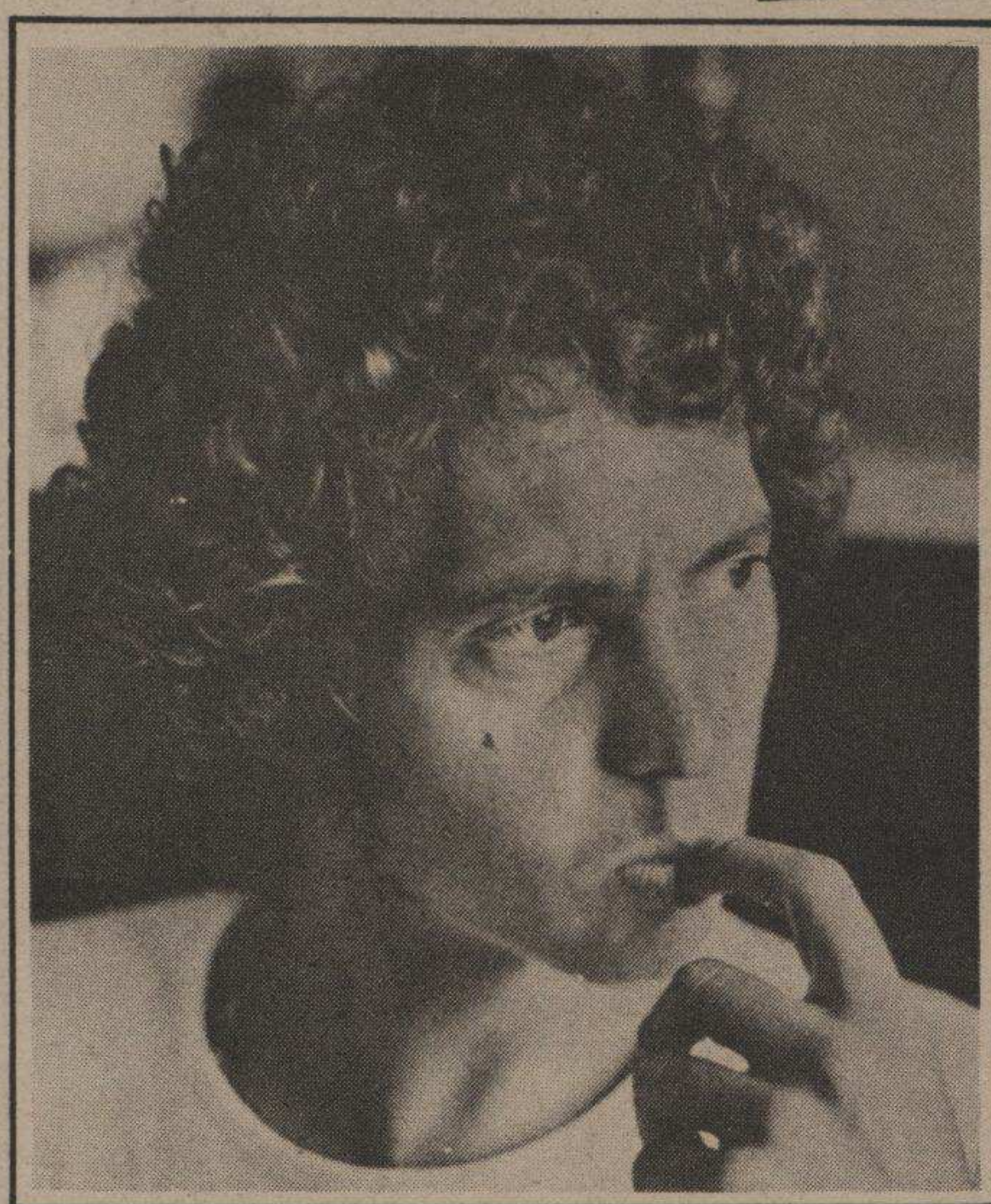
No palacete em frente, é o doutor Arno que não tem tempo para rir. Na Quintino Bocaiúva, madames de rolos na cabeça e meladas de maquiagem também estão atarefadísimas. Casamentos, formaturas, visitas.

— Desculpe, filhinho. Eu tenho um casamento daqui a meia hora. Se eu pudesse, ajudava. Volta outro dia, tá?

Em passeio vespertino pela chiquerrima Casemiro de Abreu, madamoiselle Geny Bortoluzzi (24 anos, professora de Relações Públicas) revelou com exclusividade à reportagem que a máxima do ano foi dada pelo cronista social de televisão Roberto Gigante:

— O Roberto se rasgou todo na televisão. E entrou na piscina com roupa e tudo. Em pleno inverno.

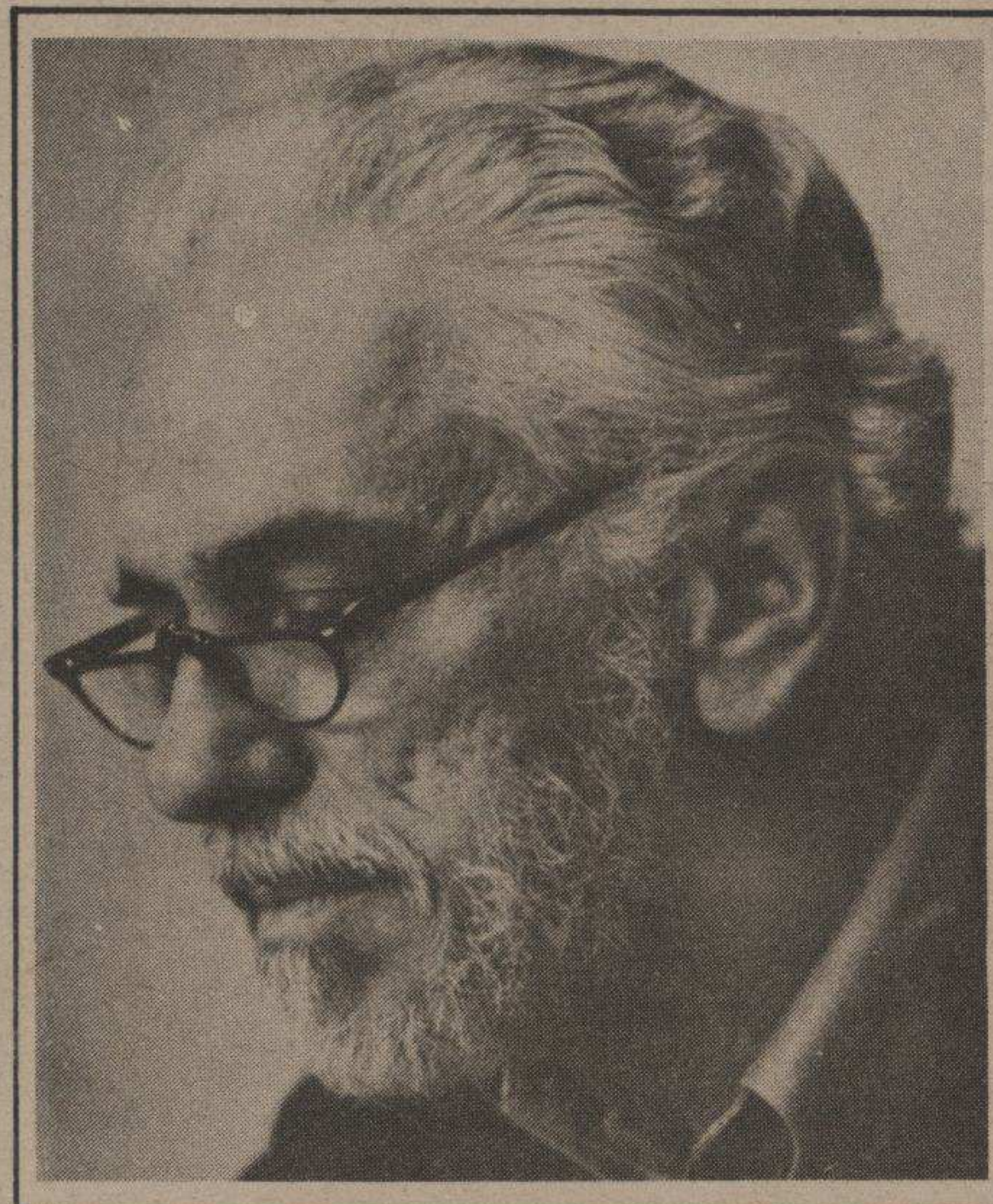
É isso aí, pessoal! Das ruas da cidade para Galope-Coojornal, **Paulo Pereira**.



"A coisa mais gozada que eu vi este ano foi uma charge do Sampaolo, na *Folha da Tarde*. Foi na época da seca. No céu tinha uma gotinha de água por cair. Embaixo, um gaúcho olhando e dizendo assim:

— Ala fresca! Eta aguaceiro!"

(**Falcão, capitão do Sport Club Internacional**)



"Engraçado foi o *Pacote de Abril*" (Josué Guimarães, escritor e jornalista)

"E o tal de Sadat aquele que ganhou o Prêmio Nobel da Paz? Eles continuam guerreando, não se acertaram até hoje. Isso não é de rir?"

E a lei do Inquilinato, a Denúncia Vazia? Eles aprovaram e depois desaprovaram, não é? Isto não sai nunca, é a força da burguesia, do tubarão.

Outra coisa que é de rir é a promessa de reclassificação dos cargos dos servidores públicos."

(**Antônio Brandão Oliveira, funcionário da Secretaria de Educação e Cultura, 38 anos, casado**)

"Querem ver um fato engraadíssimo? O Grêmio teve que perder prô Juventude para se classificar. Outro é um operário que eu conheço que ganha Cr\$ 1.700,00 por mês e está pedindo divórcio. Já pensaram? Um operário querendo divórcio!"

(**Antonino da Silveira, 40 anos, casado, comerciante**)

"Diz que toda a primavera dá isso nele. O homem se enfureceu e saiu cortando gente a facão. Foi ali na Praça do Chalé, a Praça 15. Os jornais fizeram reportagem. O cara er vigilante, chamavam ele de Gaúcho. Era lá da Alvorada. Ele até deu um tiro num brigadiano. Mas o homem era violento. Sem mais, nem menos saía dando pau. Imaginem! Todas primaveras".

"Outra que eu vi e foi de morrer de rir foi ali no Pronto Socorro. Eu tinha ido lá a serviço quando eu olho pra porta e vejo um boneco todo rebentado entrando, em cima numa maca. Olho prô cara e parece mentira. O cara tá com um pé em cima do peito, segurando com as duas mãos. É triste mas é de rir, não é?"

(**PM Aldemir Barbosa Medeiros, da Companhia de Choque, 25 anos, casado**)

A professora se escabelava e o aluno gritava:

— Puta! Diaba! Fedorenta! A aula caía na gandaia. Este foi o fato mais cômico do ano para mim.

(**Vilmar Wendt Kappes, de 8 anos, filho de um soldado da Brigada Militar**)

EXTRA

Prepare-se, leitor:
Está nas bancas a edição extra do *Coojornal* com um dossiê completo sobre o

URUGUAI

incluindo o caso Flávia Schilling e o seqüestro do casal de uruguaios em Porto Alegre.

COOJORNAL

Já nas bancas

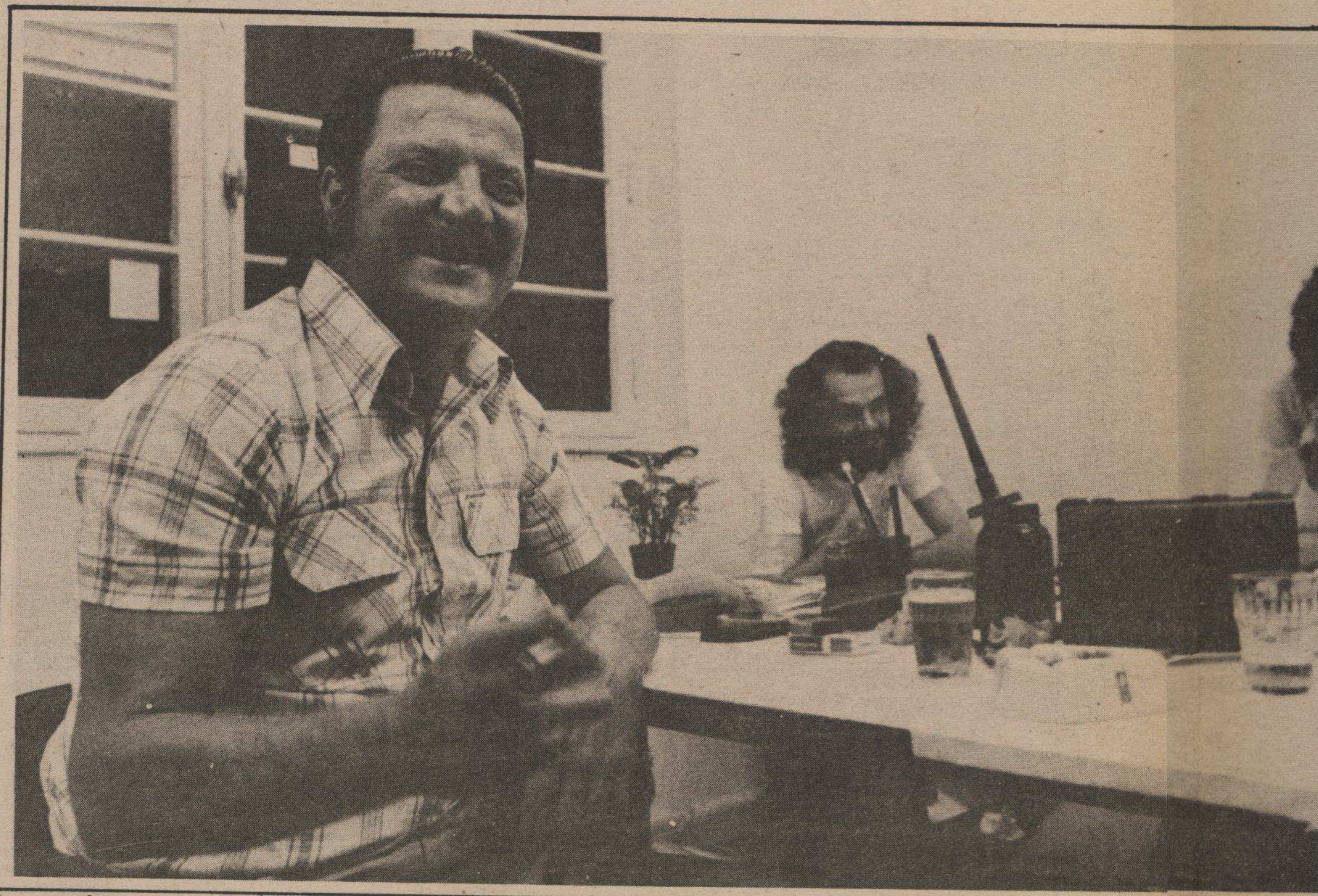
SAMPAULO

A aparência é de gaúcho. O cabelo negro e DENSO; BEM disciplinado pelo pente, o bigode exato, o olhar penetrante. A cara larga que se abre com facilidade em uma sonora gargalhada: "Sou um gaúcho urbano. E estou de botas hoje porque choveu".

Autor de um bem-humorado levantamento de usos e costumes do Rio Grande — prática que já lhe valeu críticas iradas de tradicionalistas ortodoxos — **Sampaulo** (Paulo Brasil Gomes de Sampaio, 47 anos) faz aqui um depoimento sobre seu trabalho de cartunista e chargista. Ele que, na década de 50, introduziu a charge política no estado e chegou a influir, com elas, no resultado das urnas.

O próprio Brizola reconheceu dever-lhe 10 mil votos por uma charge em que destruía seu adversário Euclides Triches, nas eleições de 1958 à Prefeitura de Porto Alegre.

Criador de um personagem — o Sofrenildo — que há 12 anos é publicado no mais tradicional jornal gaúcho, o *Correio do Povo*, Sampaulo é o mais antigo profissional do traço no estado. Com a qualidade do seu trabalho convenceu os jornais a dedicarem mais espaço à charge e ao cartum, influenciando toda uma nova geração de desenhistas de humor. Sampaulo fez este depoimento aos cartunistas: Edgar Vasques, Batsow, Tarso e Ferré e à repórter Angélica de Moraes.



Sampaulo: "Esses AI-5 da vida castraram todo o mundo"

"Hoje qualquer soldado manda a gente pra cadeia"

Qual a diferença que existe em fazer charge agora e antes da Revolução de 1964?

Não houve revolução antes, nem depois de 1964. Houve dissidência militar. Eu comecei a fazer charge em 1954, quando existia a Lei de Imprensa e não esses AI-5 de agora. Gozávamos os poderosos como agora eles continuam sendo gozados. Mas com uma diferença: agora pode chegar qualquer soldado raso e dizer para o chargista: "Me ofendeu e vai para a cadeia".

Antes de 1954 eu já trabalhava em jornal, como redator de notícias de *O Dia*. Lá a minha participação como chargista era gratuita, ilustrando futebol. Eu vibrava com esporte e fazia aquilo como um divertimento. Comecei profissionalmente como chargista em *O Clarim*, jornal político de propriedade de Leonel Brizola. O jornal foi criado para elegê-lo Governador do Estado. Quando Brizola se elegeu, o jornal deixou de circular. Depois, foi comprado e exterminado pelos *Diários Associados*.

Nessa época já tinhas personagens?

Não. Os meus personagens eram secretários de Estado, prefeitos, políticos em geral. Eu só tenho um personagem, que criou vários outros na mesma história: o *Sofrenildo*.

Não foste tu que criaste o mosqueteiro do Grêmio?

Não. Mas o crioulo do Internacional é criação minha. Quiseram botar um saci como símbolo do Inter. Eu logo pensei: botar como símbolo de um time de futebol um nego de perna só? Aí fiz o crioulo... Mas eu falava do final do *Clarim*, em 1954. Aí me convidaram para trabalhar em *A Hora*, fazendo ilustração, diagramação e charge. Fiquei até que (era depois de 1964) uma pessoa começou a perseguir meus colegas. A redação estava virando um cesto de caranguejos. Aquele ambiente tenso... Aí fui para a Caldas Júnior.

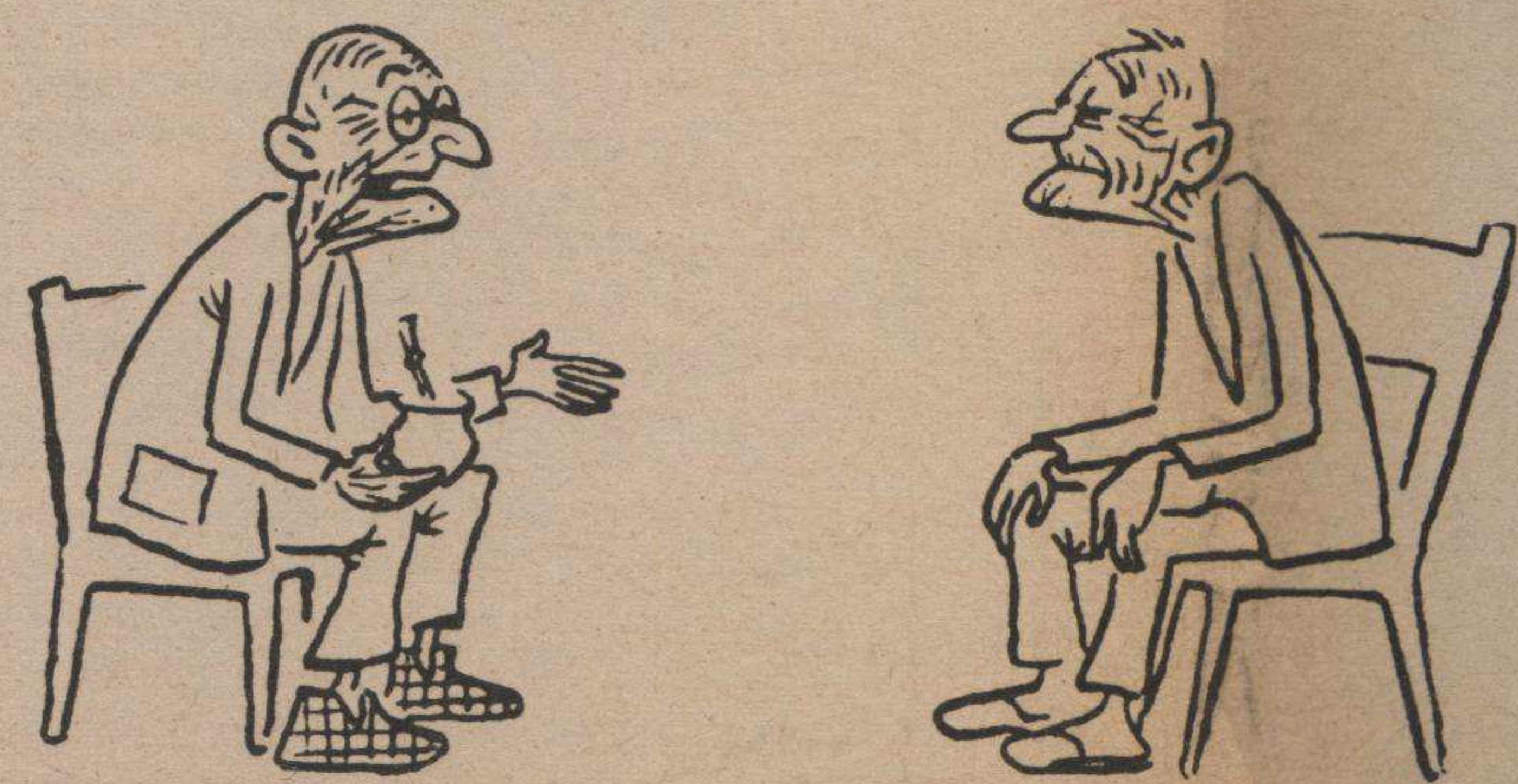
Houve pressão sobre o teu trabalho?

A direção cortava. Mas não foi isto que me desgostou ao ponto de sair. Foi essa pessoa comprometida com o Governo. Aí, como há mais de oito anos a Caldas Júnior

... O "PEZINHO"



AS DESAPROPRIAÇÕES FEITAS EM NOME DA REFORMA AGRÁRIA DERAM MUITO O QUE FALAR EM TODO O RIO GRANDE



"IMAGYME SÓ, CEL. TIBÚRCIO, ENTREGAR TERRAS PARA QUALQUER RAPAZOLLA DE APENAS CINCOEMPTA ANOS..."



me convidava, resolvi conferir. Fui para lá em 1966 e estou até hoje: 12 anos. Transferei para o *Correio do Povo* o *Sofrenildo* e para a *Folha da Tarde* a charge diária.

Fazias também um texto de humor na página dominical de A Hora. Por que deixaste de escrever?

Fui para a *Folha da Tarde* e me prometeram aumento pelo fato de eu fazer texto e charge. Mas acontece que o aumento não vinha e eu fui diminuindo o texto, diminuindo... No final só restou a charge. Eles não reclamaram, nem eu. Foi uma greve gradativa.

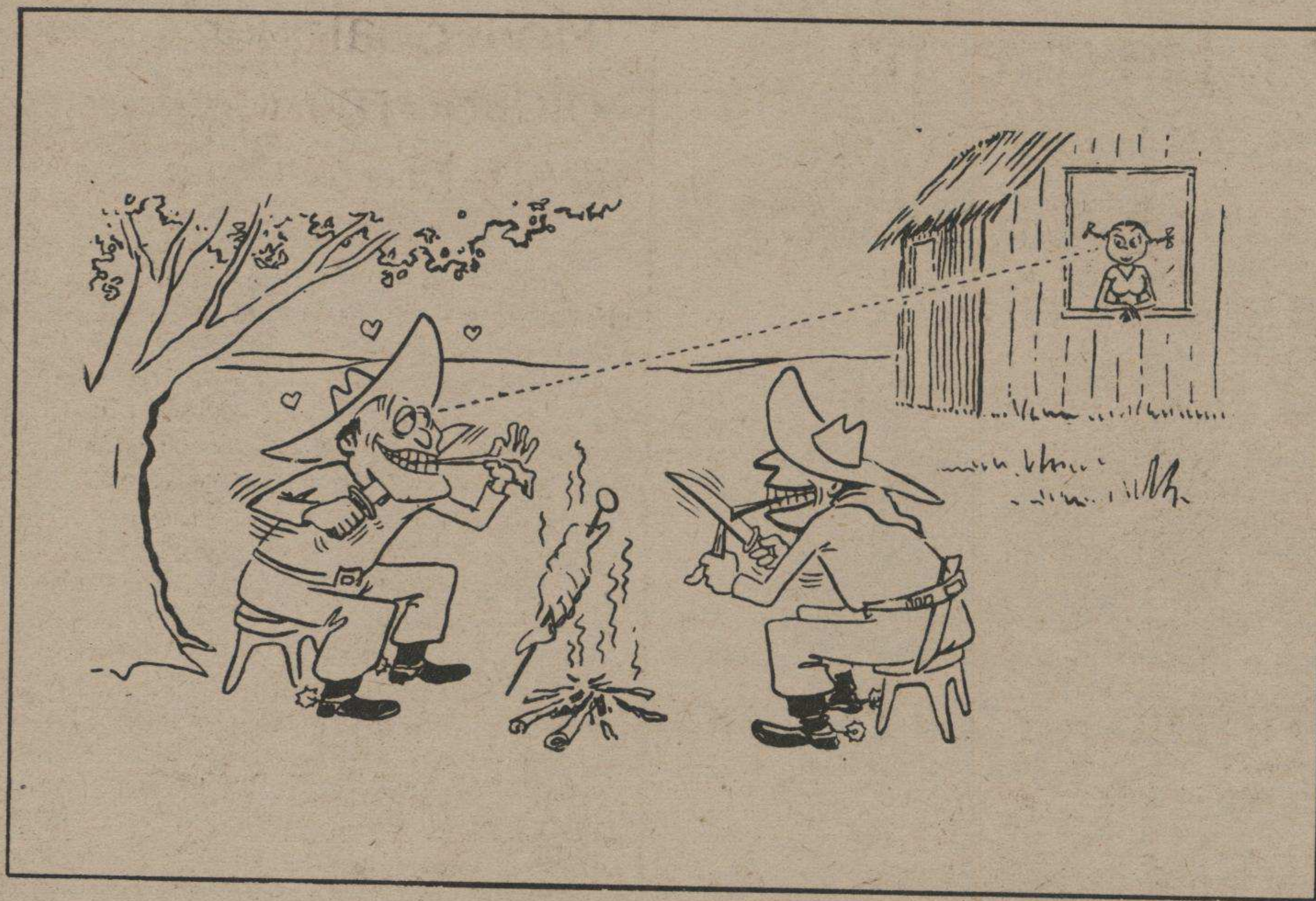
“Não posso mais olhar nos olhos da minha mãe”

Como nasceu o Sofrenildo?

Nasceu todo errado. Aliás, como ele é. O editor do caderno literário do *Diário de Notícias* (Celito de Grandi, atual secretário de relações do trabalho do Ministério do Trabalho, em Brasília) precisava fechar uma edição e faltava matéria para quatro colunas de alto a baixo. Era um sábado, 11 horas da manhã. Aí ele apelou para mim. E criei o *Sofrenildo*, ainda sem esse nome. Era apenas um cara que sempre dava azar. No outro sábado, o Celito me procura de novo querendo que eu repetisse a dose. Na terceira vez, ele ficou fixo e foi batizado por mim de *Sofrenildo*. O Celito quis mudar porque o nome do Governador do Estado na época era Ildo (Meneghetti). Mas ficou esse nome mesmo. E há 15 anos sofro com o *Sofrenildo*.

Por que ele te faz sofrer?

Sabes o que acontece na sexta-feira para o seu amigo Sampa? Como todos os dias, às sete e meia da manhã estou no jornal para fazer a charge quentinha, que sai junto com a notícia. Depois tenho que fazer a seção *Coisas Nossas, Coisas Deles* para a *Folha da Tarde* de sábado, utilizando um assunto que tenha duração maior. E depois disso ainda tenho que fazer o *Sofrenildo* para o *Correio do Povo* de domingo, com um fato importante da semana. E aí está todo o sofrimento. Às vezes eu fico até as duas e meia, três horas da madrugada... sozinho naquela redação.



Aí chega o guarda e diz: “Vamos apagar a luz!” Tu vê!

“Guarda assassinado a golpes de pincel”.

Ah, eu fico puto da cara.

Quando fizeste o primeiro Sofrenildo tinhas a intenção de criar um personagem sempre azarado?

Não. Fui fazendo e saiu. O *Sofrenildo* é um cara comum, um funcionário que sofre. Não boto bandeira nenhuma na mão dele. E é por isso que as pessoas se identificam com ele.

Quando começaste a fazer charge tinha mais alguém que fizesse isso aqui no estado?

A charge diária só existia no Rio de Janeiro, em São Paulo... Aqui em Porto Alegre, sem falsa modéstia, quem começou a charge política diária fui eu. Isso é um dado histórico que em depoimento não posso mudar. Agora, o primeiro cartunista aqui foi o meu irmão Zeca, na antiga *Revista do Globo*. Depois ele abandonou a *Revista* e eu assumi o lugar dele. Fiquei na *Revista do Globo* até 1958, quando ela fechou. Reuni toda essa produção no livro “*Humor do Primeiro ao Quinto*”, lançado pela Livraria do Globo dia cinco de março de 1964. Pouco depois... bem, isso já é

outra história. Mas não tocaram no livro. E ele tinha coisas sobre os movimentos militares todos, os golpes feitos pelo Jango, pelo Lacerda... Esse foi o primeiro livro de charges lançado no estado.

Quantas edições teve?

Só uma, de 10 mil exemplares. Recebi adiantado 10% do preço de capa. Um bom dinheiro para a época. O livro saiu pela *Coleção Catavento*, que tinha como carro-chefe o Érico Veríssimo e o Somerset Maugham. Mas os livros deles alcançavam tiragens só de três mil exemplares.

Por que não publicaste mais nenhum livro?

Estou devendo e não posso mais olhar nos olhos da minha mãe. “É este ano, Paulo, que vais fazer outro livro?”, pergunta ela sempre. Falta tempo.

“Os tradicionalistas não entendem o espírito gaúcho”

O gaúcho foi teu tema desde o início?

Tenho muita vivência do interior do es-

tado. Criei um personagem que seria um ancestral do *Macanudo Taurino* do Santiago. Se chamava Tio Grossura e foi publicado pela primeira vez há uns 12 anos atrás, naqueles folhetos que se distribuía nas entradas dos cinemas do centro de Porto Alegre com a programação da semana. Mas o Tio Grossura era mais grosso que o Taurino. Tio Grossura chegava numa cabine telefônica e dava uma cagada. Afinal, era uma casinha... Essas coisas causaram muitos protestos entre os tradicionalistas, o pessoal de CTG.

Então aquele teu cartum da roda de chimarrão causou um abalo...

Pediram minha cabeça. Aquela charge mostra uma coisa que às vezes acontece. Nem por isso estou criticando os costumes gaúchos. Apenas estou vendo de uma forma bem-humorada. Os tradicionalistas encaram isso como sacrilégio, não entendem o espírito gaúchesco. Que não é essas gauchadas de Centro de Tradições.

Tua terra é Uruguiana, não?

É, mais vim de lá há muitos anos. Com quatro anos de idade eu já estava em Porto Alegre. Mas conheço todo o Rio Grande. Depois de gurizote e até hoje nunca perdi contato com o interior.

Normalmente a idéia que se tem no Brasil sobre o gaúcho e sua cultura é mais na base do preconceito da grossura, do machismo. Esses caras que têm mais sensibilidade não são os mais conhecidos. A não ser os caras urbanos como o Mário Quintana. Tua intenção ao tratar esse tema do gaúcho no teu trabalho foi mostrar esse outro lado do homem do Sul, essa sensibilidade?

Fui. Porque a primeira coisa que se publicou em cartum sobre costumes e usos gaúchos foi na *Revista do Globo*, por mim. Muita gente só ficou sabendo como o gaúcho corta carne de churrasco (prende uma ponta nos dentes e corta o pedaço com a faca rente à boca) quando fiz aquele cartum em que o cara está se degolando enquanto olha a chinoca passar. As danças gaúchas também. O pezinho: fiz uma baita colona pé 48 dançando... Isso foi a primeira coisa que se fez sobre humor regionalista.

“O famoso senso de humor do carioca, onde está?”

Achas que o humor gaúcho tem alguma coisa especial que o diferencia do resto do País?

Eu acho que tem. Mas esse humor que eu faço em cima do gaúcho, como faz o Santiago, não é só daqui. Na Europa pode não sensibilizar, mas nos Estados Unidos sensibiliza. Porque o Sul norte-americano (Texas, Alabama, Arizona) tem os gaúchos deles: os vaqueiros. A mentalidade deles é a mesma do nosso gaúcho.

Sim, mas tu achas que esse humor gaúcho teria uma característica especial? Ele seria mais agressivo que o humor carioca, por exemplo?

O humor carioca... eu tenho restrições contra todo o cara que mora no Rio de Janeiro. O carioca é mau caráter. O famoso senso de humor do carioca, onde está? Cita alguns humoristas. Henfil é mineiro, Ziraldo é mineiro...

Falo no espírito do povo. Aquele carioca gozador de tudo.

O carioca está sempre procurando botar a mão no bolso do outro. Carioca para merecer diploma de carioca tem que passar alguém para trás.

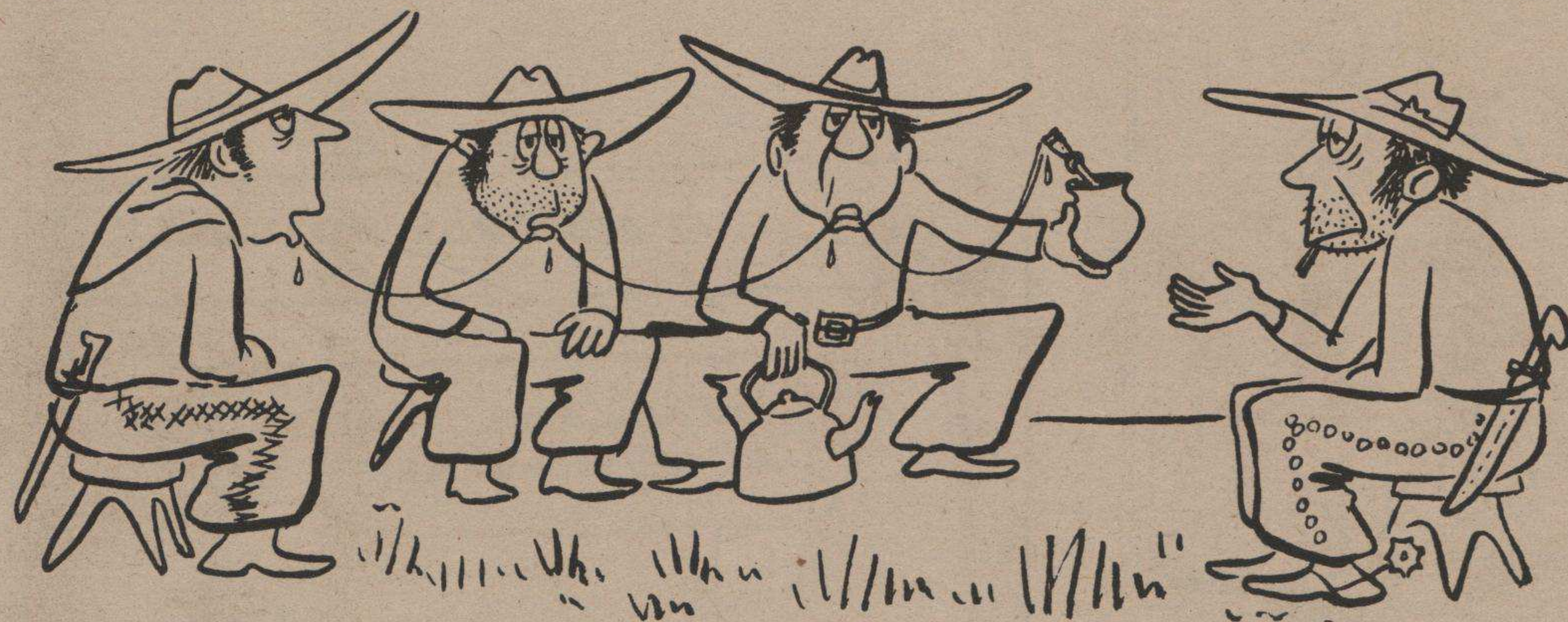
Nunca pensaste em sair da província?

Não. Gosto do Rio para passear. O Rio é tão bonito que não consigo imaginar como é que um cara lá pode trabalhar. Acho que é por isso que eles não trabalham... Ficam naquela de chamar mineiro, chamar baiano. Baiano é solidário, logo cha outro baiano. Mas gaúcho se instala e depois faz olho branco para outro gaúcho. Não conhece.

Conta tua bronca com a Elis Regina.

A Elis chega aqui em um programa na Rádio Gaúcha para ser entrevistada. Cinco minutos depois começaria um programa com o Teixeira e ele já estava no estúdio. Então o entrevistador faz a última pergunta: “Elis, tu cantaria uma música do Teixeira?”, (*Imitando sotaque carioca*). “Jamaixx. Eu tenho exxcrúculos”, responde ela. Opa! Aquilo acho que doeu mais em mim do que no Teixeira. Pela falta total de exxcrúculos. O Teixeira entrou logo depois no ar, ofegante: “Que barbaridade! Essa menina não me respeitou nem como colega”. Um baiano não faria

HORA DO CHIMARRÃO



isso para outro baiano. Gaúchos só são solidários no câncer.

A política parou de dar tipos bons para um trabalho de humor?

Esses AI-5 e 477 castraram todos. Os caras dizem cassaram, eu digo castraram. Os líderes políticos deste País foram todos castrados. E o chargista perdeu as figuras caricaturáveis. Agora só tem esses caras do Piauí que o Governo Federal resolveu ouvir em vez de ouvir o resto do País: Francelino Pereira e Petrônio Portela. Mas essas são lideranças fracas demais. Me nego a fazer caricatura deles.

Qual foi a melhor época de se fazer humor?

Para mim toda época é boa. Desde que comecei até agora tudo bem. Porque quando endurece eu pego o campeonato nacional e futebol. Depois volto à política.

Na Caldas Júnior chegaste a sofrer pressões para manear teu trabalho?

Desde 1966 isso só aconteceu uma vez. E não foi por problemas políticos. Outras

vezes a charge simplesmente não sai... Mas aí é outra história.

(Brizola disse que lhe dei 10 mil votos com uma charge)

Como é que as grandes figuras da política gaúcha como Meneghetti, Brizola e Loureiro da Silva viam teu trabalho? Eles tentavam te ganhar?

O velho Meneghetti nunca me aturou. Eu enfurnizei a vida dele. Agora os outros tentavam amenizar as coisas. Tentavam, porque sou incorruptível. Essa palavra está em desuso...

Qual era o político que absorvia melhor as críticas?

Era o Loureiro da Silva, o índio velho. Eu gostava muito dele. O Brizola era outro

que assimilava muito bem as minhas charges.

Outro aspecto é que esses políticos não tinham o poder absoluto que depois os governantes adquiriram.

Exatamente. Eles não podiam chegar e botar um chargista na cadeia. Hoje eles podem fazer isso. Naquela época eles dependiam do voto popular.

Podias nos fazer uma análise do crescimento da profissão de chargista no estado? A que atribue essa explosão de cinco anos para cá?

Recentemente (para mim cinco anos é recente), o Edgar Vasques e o Fraga criaram na *Folha da Manhã*, o Quadrão, uma feira-livre para todos os chargistas da vida publicarem seus trabalhos. Aí apareceram novos talentos. Alguns ficaram, outros não. O Quadrão acabou. Mas dessa peneira e graças a ela apareceram caras muito bons.

Mas acho que tem um fenômeno que corresponde a isso: durante muito tempo, foste o único que badalou a profissão de chargista, com o teu trabalho. Tanto que os jornais começaram a admitir que charge atraía leitores. E passaram a valorizar o desenhista.

E foi aí que fizeram o Quadrão e abriram para um monte de gente boa.

Atribuem a derrota de Euclides Triches à Prefeitura de Porto Alegre a uma charge tua. Como foi isso?

Essa charge é do tempo do *Clarim*. Ela saiu no jornal três dias antes das eleições e trazia o Peracchi Barcellos (um dos articuladores da campanha do PSD e, portanto, de Triches) ensinando o candidato: "Triches, aqui é a Rua da Praia, ali é a Galeria Chaves...". Explorei o fato do Triches ser do interior. Aí o Brizola pegou a charge e mandou publicar em todos os jornais de Porto Alegre até o dia das eleições. Depois que ganhou a Prefeitura, o próprio Brizola disse para mim que, devido àquela charge, ele tinha ganho 10 mil votos a mais.

Foste um dos primeiros chargistas brasileiros a ganhar concurso internacional, não?

Ganhei meu primeiro prêmio internacional em 1966, em Montreal (Canadá). Aí os caras esqueceram que tinha um brasileiro na parada e em 1967 ganhei de novo. Montreal é o maior concurso internacional de charge. São 600, até 800 ou mais caras concorrendo. Cada um com um trabalho só.

Quais foram teus trabalhos premiados em Montreal?

Em 1966 foi sobre a criação do mundo. A outra foi sobre a invasão do iê-iê-iê na Igreja.

Nunca te interessaste em participar de concursos nacionais?

Esses não porque é tudo panelinha. Mas aqui no estado já perdi a conta dos prêmios ARI (Associação Riograndense de Imprensa) que ganhei.

"Não sou caranguejo para andar pra trás"

Foste sempre um intuitivo para desenhista ou tiveste alguma formação, algum aprendizado?

Não. Meu pai tentou uma vez me botar no Instituto de Belas Artes. Mas, como eu não tinha idade (estava com uns 13 ou 14 anos) acabei tendo aula noturna de desenho com um professor do Instituto. Mas eu fui só umas duas ou três vezes. Já na quarta noite eu ficava batendo bola de meia com a rapaziada da rua.

E a observação do trabalho de outros cartunistas? Quem te influenciou?

Acredito que a grande influência que tive foi a de Wilhelm Busch, criador de *Max and Moritz*, traduzido aqui pelo Olavo Bilac como *Juca e Chico*. Eu acho que aquele desenho solto dele é que me influenciou. Continuo fã do Busch até hoje.

Já tiveste experiência na televisão, até um programa só teu, não foi?

Tive. Eu fazia charges na hora. Era o tempo em que não havia vídeo-teipe. Fiz esse programa durante um ano e meio. Chamava-se *Sampaolo e seus Bichões*. Porque na mesma emissora tinha um programa infantil chamado *Gladiis e seus Bichinhos*. Foi na TV Piratini, dos Diários Associados, a primeira estação de TV a se instalar aqui em Porto Alegre. Como eu tratava dos políticos da época, os bichões, daí o título. Eu ia desenhando e conversando com o público. Foi entre 1961 e 1963 mais ou menos, todas as segundas-feiras, logo depois do *Repórter Esso*, às oito e vinte da noite. Para preparar o programa eu pegava de manhã todos os jornais, repassava o que tinha acontecido de importante na semana e mentalizava um roteiro. No estúdio, tinha um papel de um metro e meio por seis ou sete de comprimento. Eu enchia aquilo tudo de desenho, no ar, batendo papo. Para o final do programa eu deixava sempre um espaço no papel que era rabiscado na hora por uma personalidade do momento. Daquele risco eu fazia a charge da semana. Um dia vem o resultado do Ibope: primeiro lugar em audiência o meu programa, em segundo *Repórter Esso*.

Como acabou o programa?

Acabou porque compraram o horário dele para propaganda política e passaram o Sampaolo para o horário das três da tarde. Nesse horário eu ia desenhar para quem? Aí falei com meu patrocinador e combinamos terminar o programa. Depois de ser campeão de audiência, ficar às moscas não era comigo.

Por que abandonaste a Faculdade de Arquitetura?

Porque os camaradas mudaram as regras do jogo no meio da partida. Determinaram que todos os que tinham duas dependências teriam que voltar para o terceiro ano. Era só eu que estava nessa situação em toda a Faculdade. Aí eu disse: "Não sou caranguejo para andar para trás". E saí do curso.

Essa pressão seria consequência do fato de seres filho de um ex-candidato da coligação socialista-comunista ao Governo do Estado?

Acho que foi: modificaram uma lei para atingir apenas um cara. E eu que pretendia seguir a carreira fui barrado.

Qual foi a pior época para o chargista? Achas que agora tem mais abertura?

O arrocho maior deste País foi no Governo do "Presidente amigo da gente": Médici. O que liquidaram de gente, o que desapareceu de cara... Mas já comentei qual é a "abertura" do general Figueiredo. É cavalo do rei três torre: xeque.

**UMA NOVA
INFORMAÇÃO
MENSAL**

NAS BANCAS

SINGULAR &

PLURAL

**AL CAPONE E CHAGAS FREITAS
por HÉLIO FERNANDES**

"Lugar de Mulher é na Cama" por Herbert Marcuse

**Cara-a-cara com Erasmo Dias,
por Wagner Carelli**

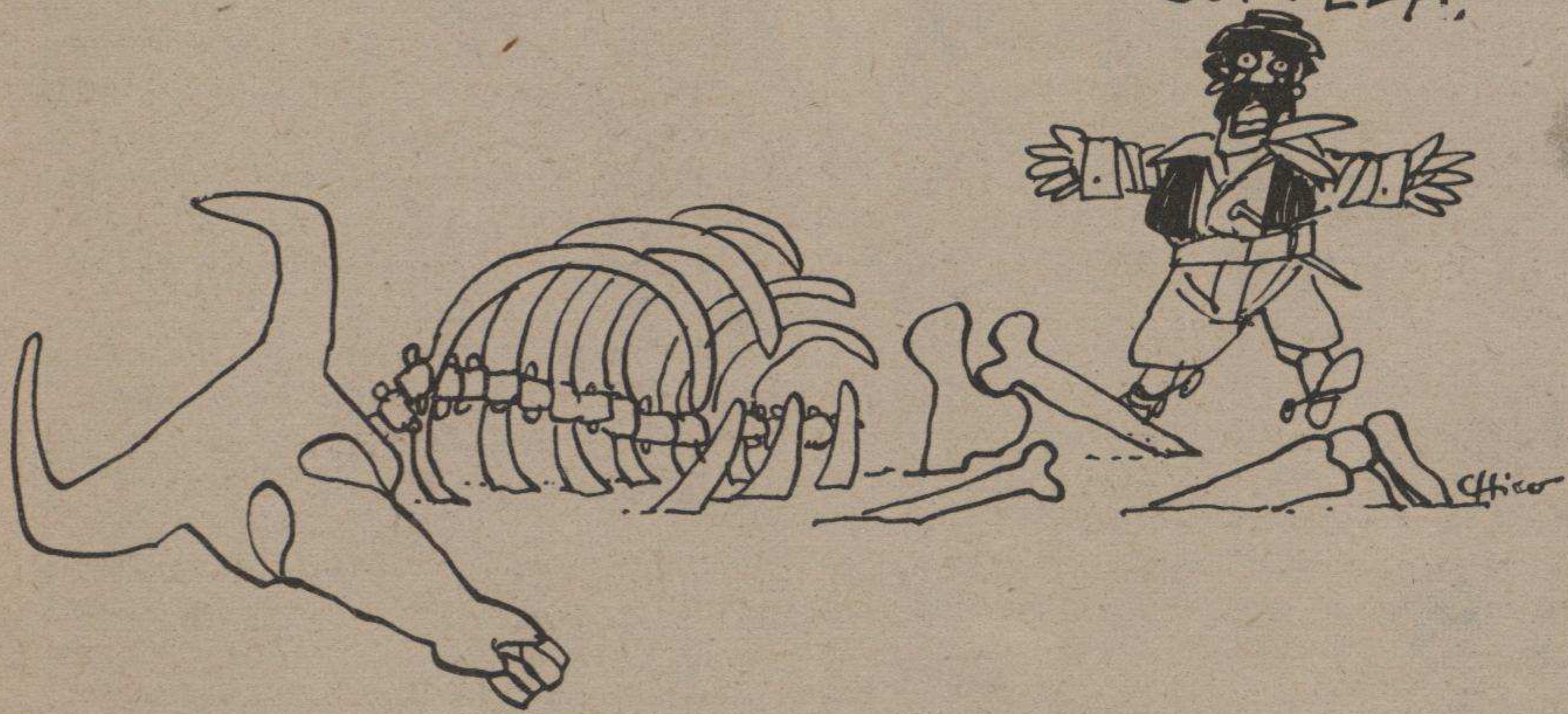
Na Luta Pela Democracia: Bresser Pereira



Todos estão em SINGULAR & PLURAL: AUDALIO DANTAS, MARCOS FAERMAN, MÁRCIO DE SOUZA, RUTH ESCOBAR, MARCUS PEREIRA, REINALDO CABRAL, PERCIVAL DE SOUZA, AGUINALDO SILVA, HÉLIO FERNANDES FILHO, LUIS FERNANDO VERÍSSIMO, RODOLFO KONDER, MARCO ANTONIO ROCHA, MOACIR SCLAR,...

fin-hab
Caruso

AI MEU DEUS!
LENTA E GRADUAL
ME ACABARAM
COM ELA!



ÊLES
QUE NÃO ME
VENHAM QUERENDO
EMANCIPAR MINHAS
GANADERIAS
TAMBÉM...



No
fundo,
o importante
é a garantia

Ninguém vive seguro sem um fundo de reserva para qualquer eventualidade. Pense nisso e abra a sua Caderneta de Poupança FIN-HAB. É a maneira mais garantida de você colocar suas economias num fundo que valoriza sempre, com os bons rendimentos da Caderneta de Poupança FIN-HAB.

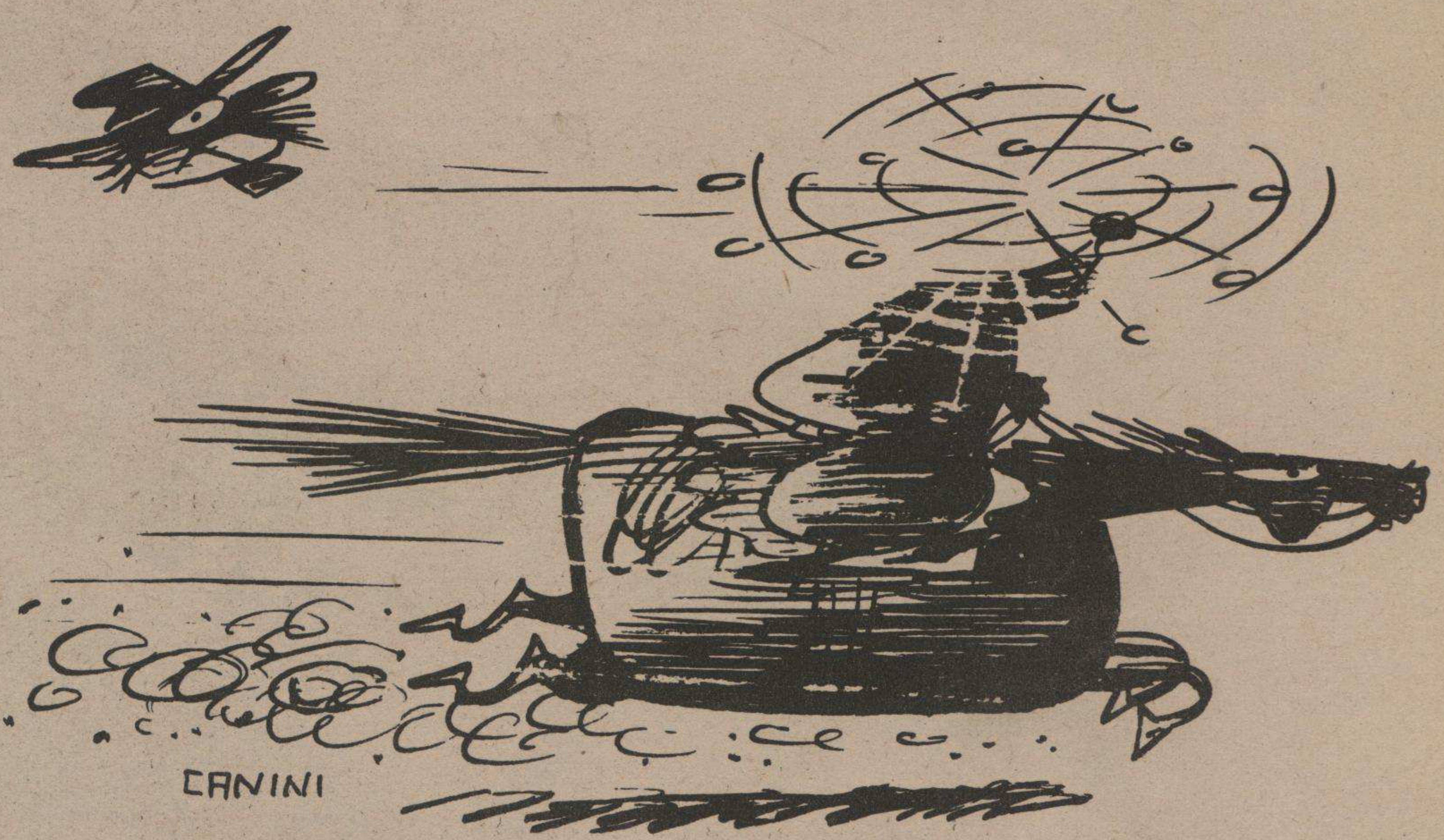
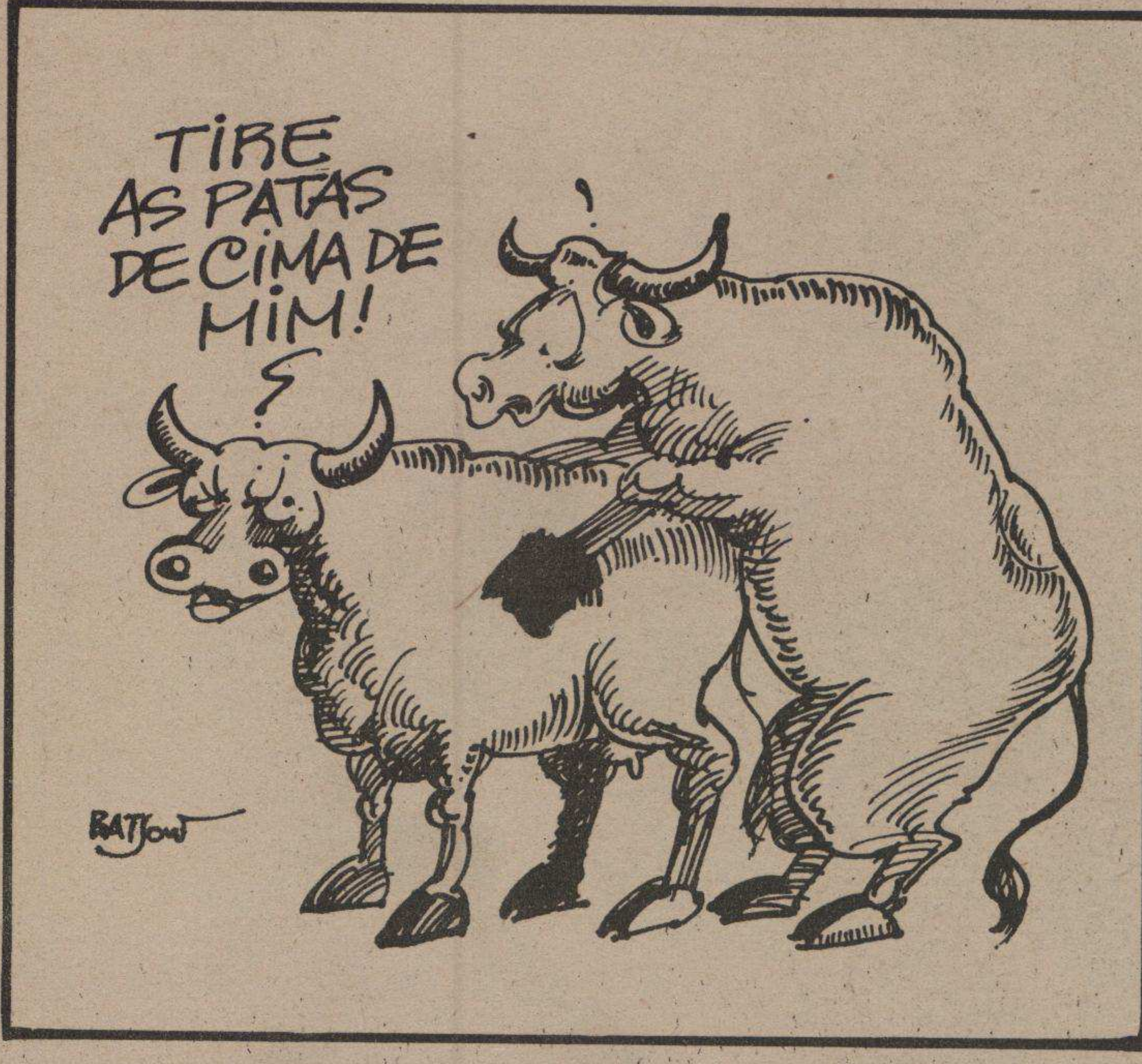
Caderneta de Poupança e Poupança Programada

fin-hab 

• Porto Alegre • Pelotas • Rio Grande • Canoas • Santa Maria
• Novo Hamburgo • Livramento • Caxias do Sul • Uruguaiana

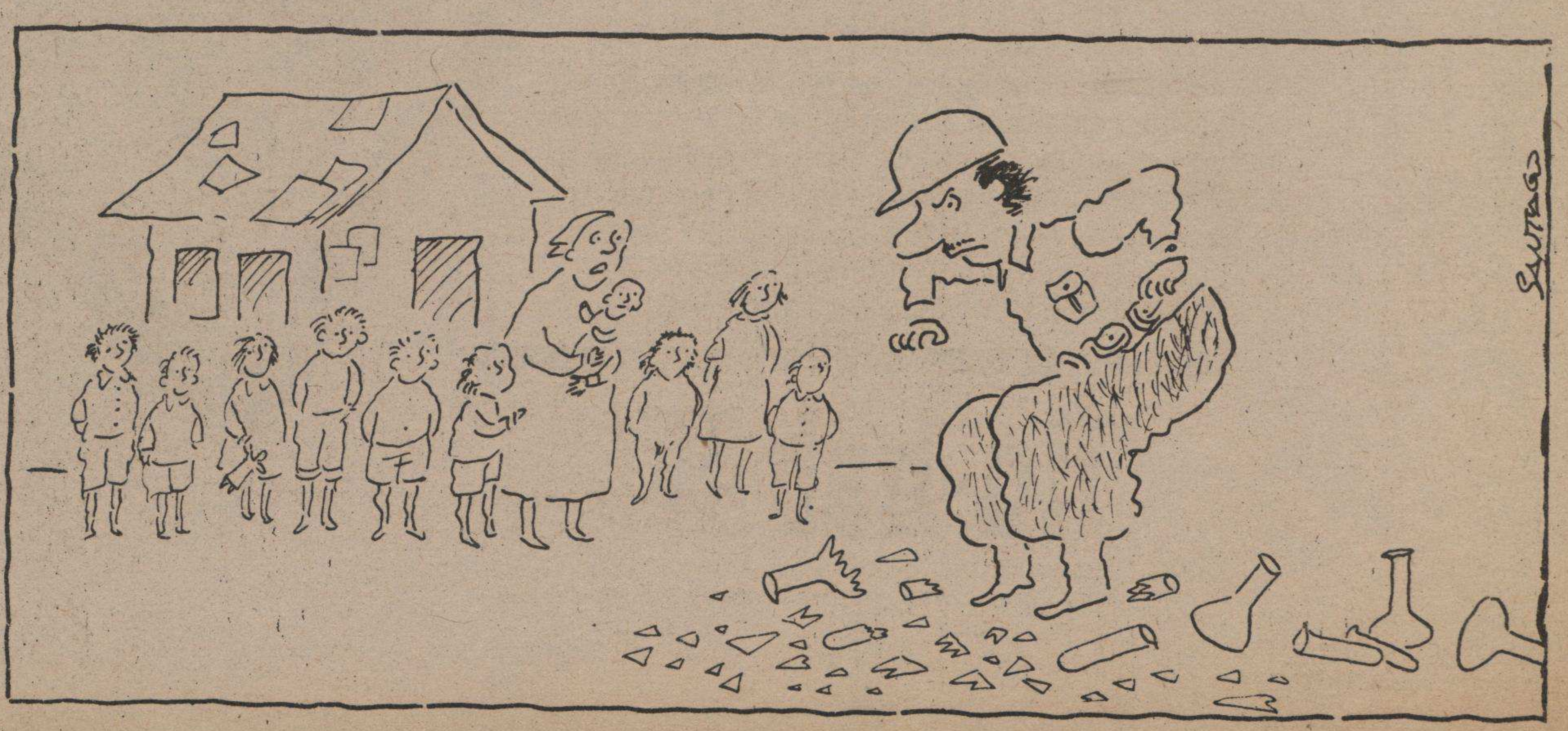


studio



AGRIPINO

SANTIAGO

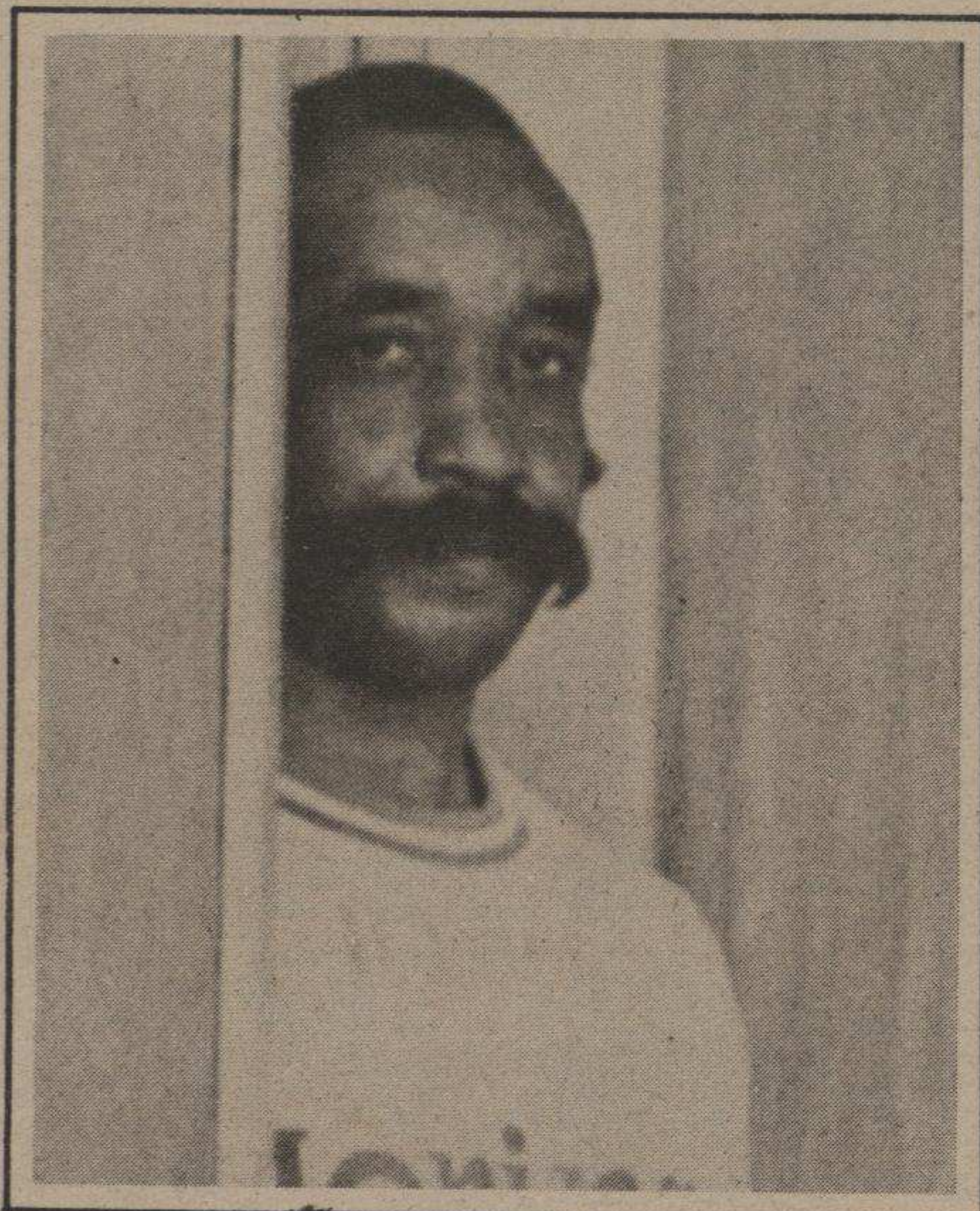


Tã rindo do quê? II

Nossa reportagem continua perguntando de quê as pessoas riram em 78:

"Cheguei a me doer de tanto rir. O Didi e o Zacarias dos Trapalhões pulando em cima daquela rede era uma coisa triste de se ver. Um subia na rede, o outro caía, aí eles se embolavam. Nunca se acertavam"
(A graça do ano, na opinião de João Vicente dos Santos, 46 anos, solteiro, verdureiro)

"É, sou tenente reformado do Exército, mas não quero meu nome aí, não. Mas esses dias eu comprei aquela famosa pomadinha japonesa, que dizem que dá três dias de tesão. Aí eu tô no quarto com a mina e fui antes no banheiro. Passei a pomadinha e saí assobiando do banheiro, tranqüilo. Cheguei perto dela e ela lascou: "Que cheiro de Vic Vaporub é esse, bem?". Brochei na hora. Que três dias que nada!"
(Tenente reformado, 46 anos)



"O gaúcho comeu carne podre este ano. Esta carne congelada. Isto foi o mais engraçado"
(Osmar Machado, Bigode, 41 anos, casado, massagista do Sport Club Internacional)

"Aquele os rapazes não esperavam. Eles costumavam mexer com a moça. Aí um dia o namorado dela, um mecânico, veio junto. Chegou armado e começou a dar tiros. A turma se escondeu num edifício ali da Botafogo, assim mesmo ele acertou um tiro num. Aquele eu morri de rir. Eu li na crônica policial."

...

"Eu fui no Gigantinho ver os Globetrotters. Tem um moreno bem comprido que faz palhaçada. Aquilo eu também achei muito engraçado"
(Gladis Armani, 48 anos, casada, dona de boteco)

— É menino ou menina? — perguntou o pai do recém-nascido.

— É um homenzinho — respondeu a enfermeira, docemente.

— Menino, é?

— Pois é. Mas o senhor vai ter que ter muito cuidado com ele. Ele não vai poder estudar. Vai precisar de cuidados médicos, muito carinho e ... A enfermeira estava quase se desmanchando de dó e o pai atalhou logo a conversa:

— É mongolóide?

— Pois é...

— Não tem problema. Eu já tenho uma filha mongolóide — disse o pai com a maior tranqüilidade do mundo.

(Caso narrado pelo atendente Jovino Salines Duarte, 26 anos, solteiro)

ALTO PODER AQUISITIVO



Se o produto ou serviço que sua empresa vende é destinado ao público classe "A", utilize uma emissora que convive com a classe "A" nas 24 hs. do dia.

RADIO UNIVERSAL FM STEREO

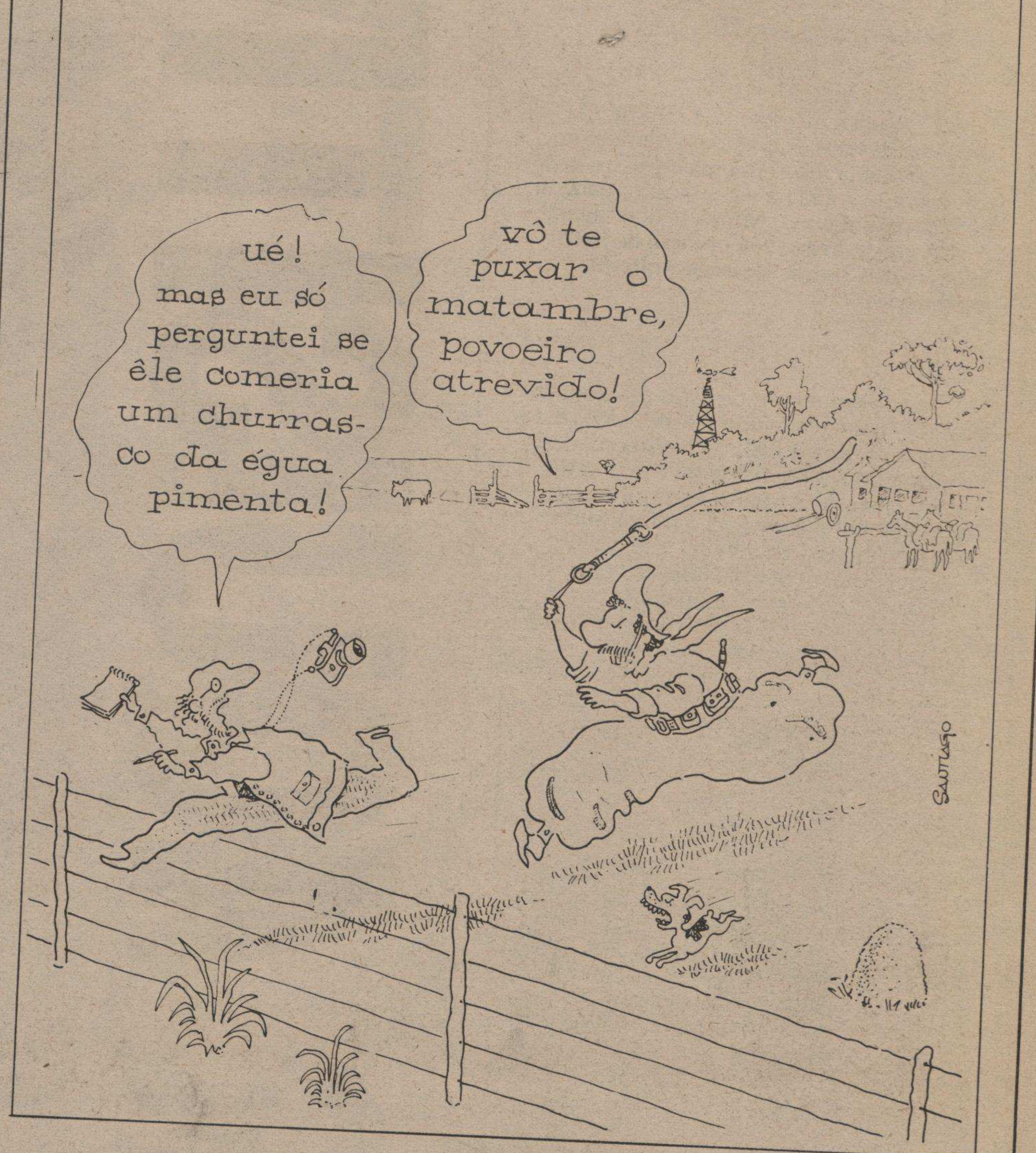
Peça sem compromisso a presença de nosso contato pelos fones: 23.80.11 ou 23.07.53 e multiplique suas vendas na classe "A".

As voltas que o Santiago dá

O MACANUDO TAURINO ÀS VOLTAS COM O VESTIBULAR



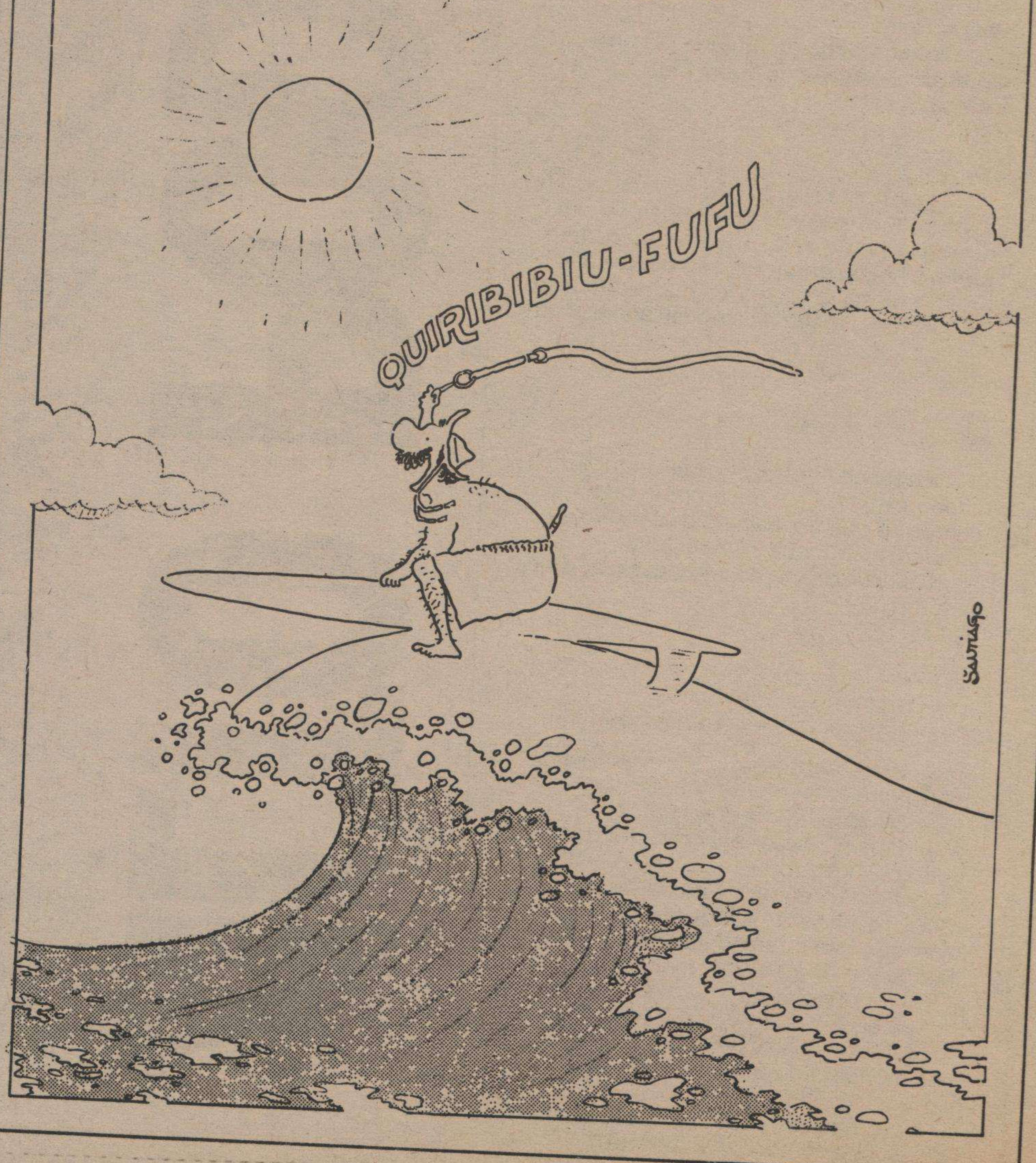
O MACANUDO TAURINO ÀS VOLTAS COM A REPORTAGEM



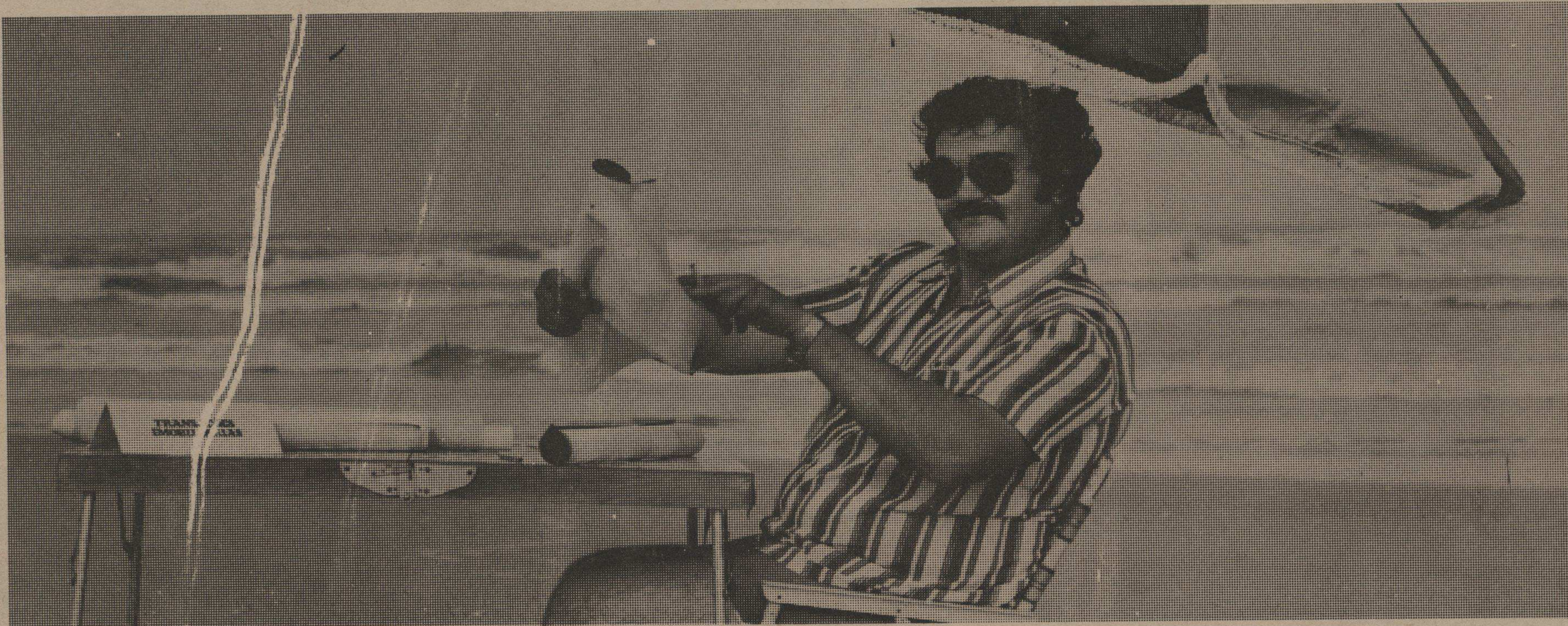
O MACANUDO TAURINO E A SUA CARAVANA VÃO À CAPITAL PARA A "EXPOINTER"



O MACANUDO TAURINO ÀS VOLTAS COM O OCEANO



É nesta época que começam a aparecer os negócios da China.



No verão é comum em cada canto ter alguém oferecendo terrenos maravilhosos pra você.

Verdadeiros negócios da China.
Planos e projetos mirabolantes.

Cuidado.

Antes de comprar um terreno na praia, veja muito bem que praia e que tipo de loteamento estão lhe oferecendo.

Vá ao local e confirme se a infraestrutura que falam é infraestrutura mesmo, ou só infra. Ou nada.

Quem está aconselhando é Nova Tramandaí. Porque Nova Tramandaí cumpriu com o que prometeu: água, luz, arborização e calçamento, tudo pronto e funcionando.

Valorização comprovada.

Só quem cumpre o que promete tem o direito de falar assim com você, francamente.

E só há uma maneira de cumprir: trabalhando.

Pode ficar certo, milagres imobiliários não existem.

Nem aqui, nem na China.

AMPLA

Se você
pode acertar,
não erre.



Empreendimento
Kury & Padilha Ltda.

Vendas:

ZONA NOVA SERVIÇOS IMOBILIÁRIOS

Porto Alegre: Rua 24 de Outubro, 1280

Fones: 22.3411 e 22.3414

Tramandaí: No local

IMOBILIÁRIA GOLFINHO

Tramandaí: Fone 76 e no local

Ei, Sebastião Nery: vê se agüenta nosso folclore político

A fama de Estado mais politizado do Brasil (que cada vez se justifica menos) dá a impressão de que no Rio Grande do Sul a política anda só de colarinho duro. Nada mais incorreto, como prova um levantamento feito pelo cartunista e repórter político Paulo de Tarso Riccardi. Seleccionamos alguns dos melhores casos levantados por ele.

Em sua campanha para o Senado, nas últimas eleições, o arenista Mário Ramos se auto-proclamou "o galo de espora forte". De São Sepé, o emedebista Jarbas Moreira mandou a resposta num improviso: "Eleição não é rinha (esta é opinião minha) Homem vota em Homem Quem vota em galo é galinha"

No tempo de Borges de Medeiros na Presidência do Estado, o Partido Libertador não ganhava eleições. Se ganhasse, não levava. Pelo causuismo da época, as atas eleitorais dependiam da aprovação da Assembleia Legislativa, onde o Borges tinha maioria, claro.

Por descuido, o PL ganhou num municípiozinho desses. O peão correu contente a contar para o patrão:

— Dotô, tô tão satisfeito que sô capaz de me degolá só pra chegá no céu e contá pro dotô Gaspar Martins que ganhemo aqui!

Passaram-se as semanas e as atas foram fraudadas, anulando a vitória maragata. Olho arregalado, voltou o peão:

— Dotô, já pensô se eu me percipito?

No Governo Castello Branco, David Nasser reproduziu em sua coluna na revista **O Cruzeiro** trechos do escritor português Camilo Castello Branco contra as ditaduras.

Da tribuna da Assembleia, o deputado Lino Zardo sacode a revista para os arenistas:

— Olhem aqui. Até os parentes do homem estão contra ele!

Encontram-se no elevador da Assembleia o deputado arenista e coronel Pedro Américo Leal e seu colega Celestino Goulart, afamado talento na arte da negociação política.

Leal: "Celestino, com o teu talento e a minha inteligência, eu estaria longe!"

Celestino: "Pois eu, com o meu talento e a tua farda iria ainda mais longe..."

Ex-tropeiro, pouca instrução, Marcial Terra fez fortuna, virou fazendeiro e deputado à Constituinte de 1946, pelo PSD.

Para sua estréia na tribuna pediu que o culto Francisco Brochado da Rocha lhe escrevesse um discurso.

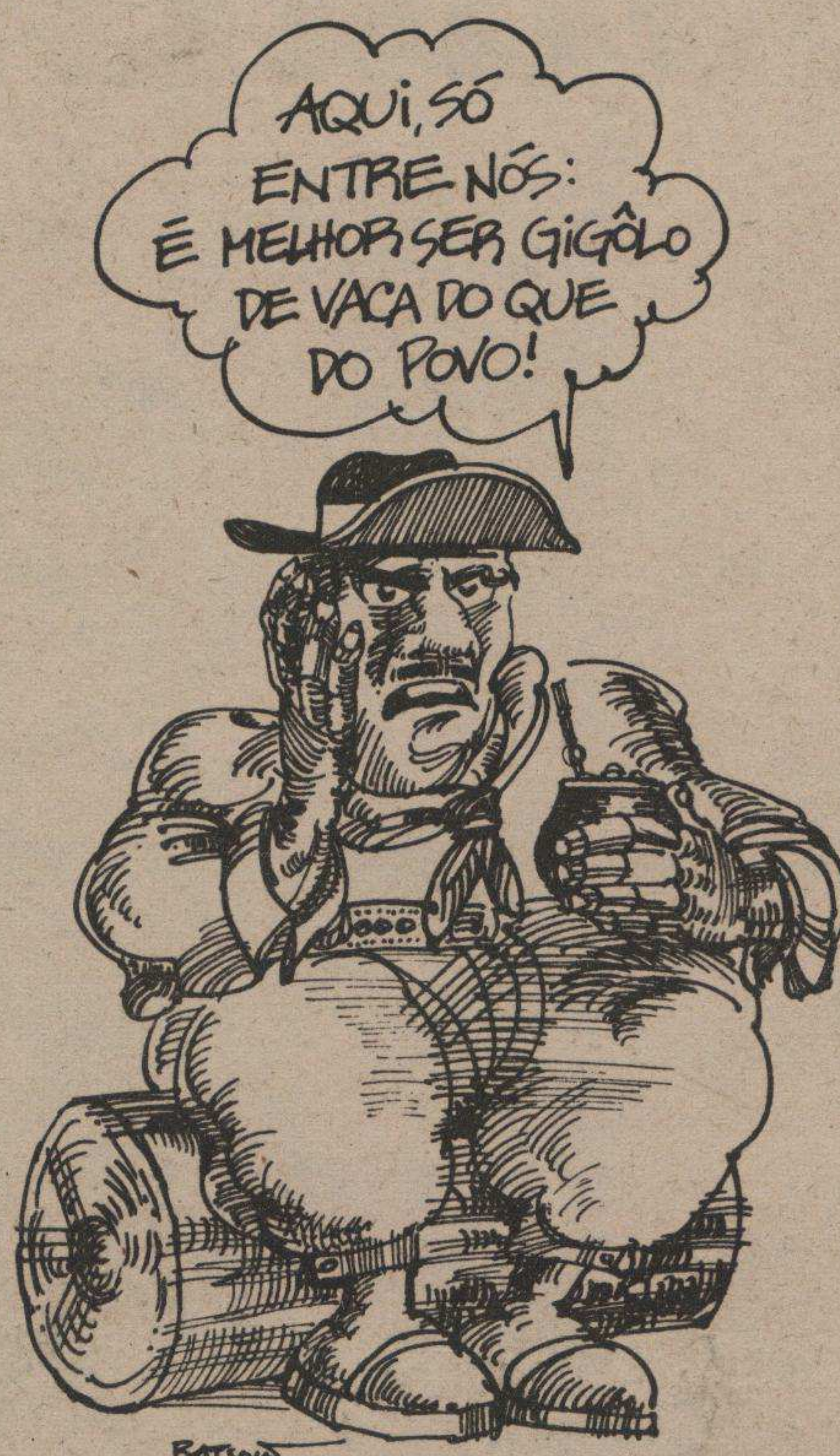
Na tarde da estréia, está chegando a vez do Terra e nada do Brochado aparecer com o discurso. Finalmente aparece o líder pessedista, em cima da hora. Mal dá tempo para entregar as laudas.

Tranqüilizado, Marcial Terra faz brilhatura na tribuna. Uma bela peça oratória. Perfeita no trato da flor do lácio. Exata nos dados. Um magistral apanhado da história da agropecuária gaúcha.

Muito ao seu estilo, a certa altura Brochado da Rocha havia introduzido uma passagem de humor. Um **causo** de tropeiro.

Todos desatam o riso. Marcial Terra mais ainda:

— Essa é boa. Essa eu não conhecia!



O general Samuel Alves da Silva assume o comando do III Exército e faz a visita protocolar aos chefes dos três poderes.

Na Assembleia é recebido por Nivaldo Soares, Pedro Simon junto. Tateando, falam de tudo menos de política. Tentam o futebol. O general opina:

— Neste ano o Grêmio deve vencer.

Simon goza:

— Deve? Bem, se é uma ordem...

Nos primeiros dias de abril de 1964 prenderam Vicente Rao, presidente da combativa Federação dos Bancários do Rio Grande do Sul e Rei Momo de Porto Alegre.

Da tribuna da Assembleia, o petebista Fontourinha ataca os carcereiros:

— Para completar o carnaval, agora prendem o Rei Momo!

Mário Miguel, do PTB, e Ivo Ramos, do PL, disputam a liderança do distrito de Passinhos—Osório. 1962. Os dois, suplentes de vereador, são chamados a assumir a Câmara.

Ivo Ramos vai à tribuna para seu primeiro discurso: uma longa listagem de obras que diz ter feito durante sua gestão como subprefeito de Passinhos.

Mário Miguel pede um aparte. Ivo concede:

— Vossa Excelência tem o aparte. Mas pode falar sentado que o Regimento Inter-no permite.

— Não, muito obrigado. Eu quero chamar Vossa Excelência de mentiroso em pé mesmo.

General Flores da Cunha interventor no Rio Grande do Sul. Estado Novo.

Aparece no Palácio Piratini um gaúcho. Quer falar com o homem. Pedir favor. Os oficiais de gabinete enrolando, dando chá de banco, desconversando, a

agenda está lotada, quem sabe amanhã...

No quarto dia o gaúcho encheu os tubos. Hoje eu falo com o general. Não pode entrar aí, gritavam os moços de paletó e gravata. Mas o gaúcho tomou a reta da porta do gabinete do general e foi derrubando gente. Meteu o pé na porta. Quero falar com o senhor e essa gente não me deixa.

Flores olha o quadro: o gaúcho gravateado por três brigadianos, cercado por outros tantos. E ainda esperneando. O interventor então grita para sua gente:

— Não reconhecem um *homem*? Soltem o bicho! O que o senhor quer comigo?

— Eu tô necessitado, general. Tenho seis filhos e não consigo emprego.

— Pois está nomeado Fiscal da Higiene. Façam a portaria de nomeação.

No Rio de Janeiro, Flores hospedava-se no Hotel Itajubá. Quase de manhã ele volta abatido, arrasado na mesa de jogo.

— Vou dormir. Não me chamem nem para o almoço. Não estou para ninguém.

De manhã mudou o pessoal da portaria e a turma da noite esqueceu de passar a ordem do general. Às 11 horas tocam para seu quarto. Não atende. Logo o hotel é sacudido por pesado tiroteio.

Todo mundo corre ao quarto de Flores. Batem. Ninguém atende. Botam a porta abaixo.

Na cama, displicentemente, o general recarrega o revólver. No chão, o telefone destruído.

— Matei esse inconveniente.

Apareceu na mesa um paulista bom no pôquer. Em meia hora já ia pelando o general Flores. Numa mão o centro da mesa está forrado de fichas. Rodada forte.

O paulista paga para ver. Flores abre o jogo e não tem nada. Cachorrão. O paulista avança a mão para as fichas enquanto ri:

— O que é isso, general?!

— O que é isso pergunto eu, moço. Ganhei.

— Mas como, general?

Revólver sobre a mesa, Flores explica: — As cinco cartas diferentes uma da outra aqui chamamos de farroupilha. O jogo mais alto.

E recolheu as fichas. Assustado, o paulista engoliu.

Quase pela manhã, o paulista apresenta um farroupilha. Mas é atalhado no caminho das fichas pelo revólver de Flores:

— Não, seu moço. Farroupilha é jogo tão forte que só vale um por noite.

Flores da Cunha era apaixonado pelo jogo. Qualquer tipo.

Em Rivera foi ao cassino. Perdeu tudo. Sobrou uma única nota de cem mil réis, que colocou no 17, revólver em cima.

Suando, olho grudado na arma, o crupiê girou a roleta e cantou o número:

— Vermelho 36. E negro 17 para o general Flores.

Numa roda de pôquer, no Clube do Comércio, Flores recebe de mão um **four** de damas. Às suas costas, um puxa-saco delira.

Impassível, Flores dispensa o **four** e pede outras quatro cartas. O puxa-saco se surpreende e deixa escapar um "Oh!".

O general se vira, vingado:

— Sofre, peru filho da puta!

Ao lado da tribuna da Assembleia velha (na Rua Duque de Caxias) havia um janelão, que dava para o Palácio do Governo Estadual.

Cândido Norberto — hoje fora da política por ação do AI-5 — está na tribuna, atacando o Governo Ildo Meneghetti. O pessedista Hed Borges intervém:

— Vossa Excelência só sabe fazer isso: ofender, destruir, ridicularizar as pessoas. Por que não olha para si próprio: um instável. Começou no Partido Libertador; do PL passou para a ARS; da ARS para o MTR. Agora está no MDB. Vossa Excelência vive mudando de partido, vive pulando de flor em flor. Vossa Excelência é o beija-flor da política!

Cândido corta rápido, apontando para o Palácio do Governo que se vê através da janela:

— Por isso eu posso dizer: essa gente aí não é flor que se cheire...

1963. Francisco Kid concorria à Câmara de Vereadores de Santana do Livramento pelo PTB. Ia levando bem o discurso até o bêbado opositor provocar:

— Desce daí, pelego!

Chico Kid desandou:

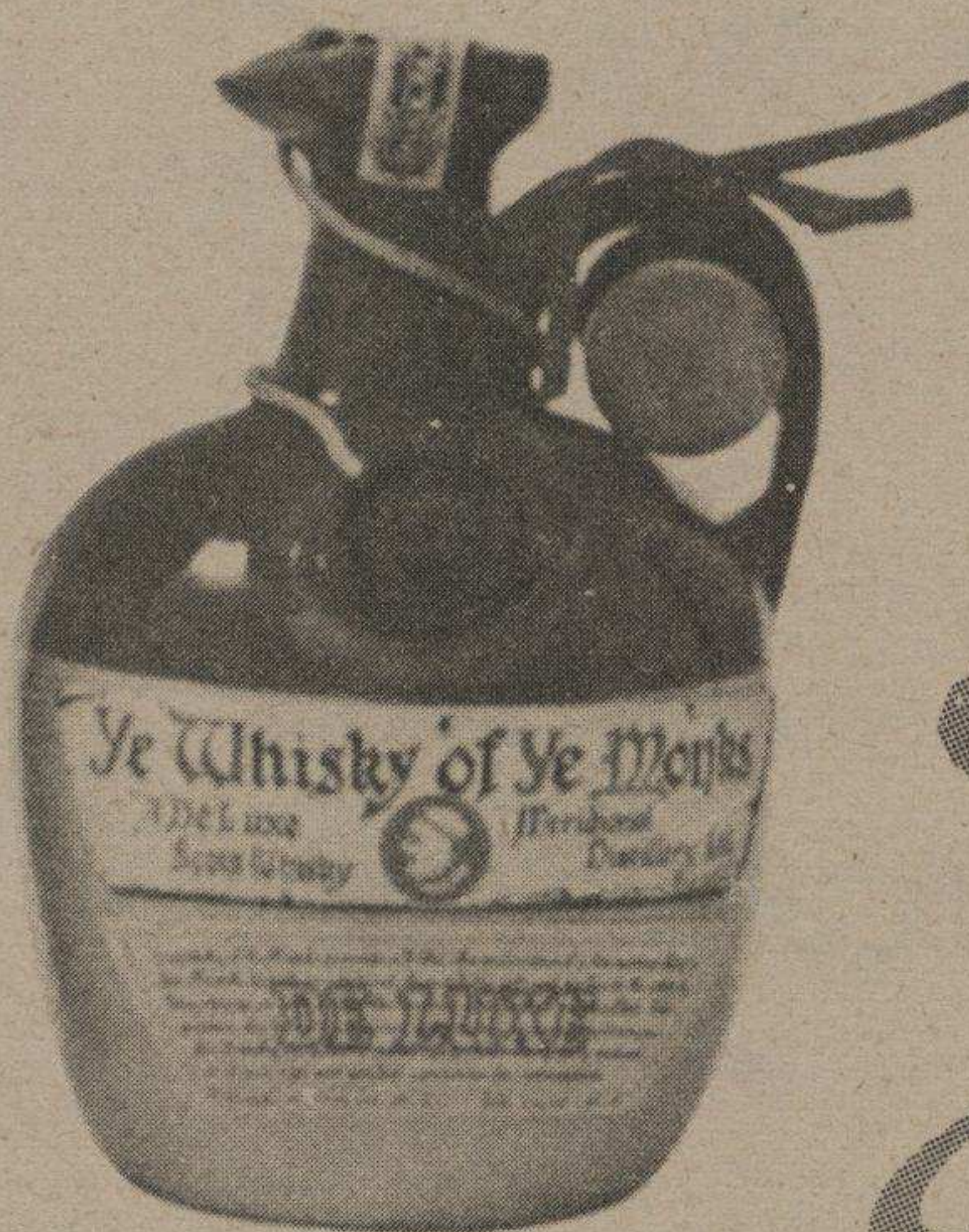
— Me chama de pelego. Sou pelego, sim, mas de tanto andar montado no lombo de muito filho da puta da Frente Democrática.

1950. Vargas de volta ao poder. Manda chamar um político de São Leopoldo que assinara ficha no PTB.

— Em 1945 o senhor assinou um manifesto contra mim. A política gosta da traição. Mas líquida os traidores. Raspe-se do meu partido.



Todo escocês é pão-duro,
menos na hora de beber Ye Monks!



Ye Monks'
Meridional Distillery

Andradas, 1234 - 6º andar
Fones 24-2760 e 24-2761 - Porto Alegre - 90.000



Causo V

O povo da campanha tem uma maneira toda especial para dizer as coisas. Numa conversa de sala, regada a chimarrão, um dos participantes quis saber por que o jovem casal não tinha filhos. A mulher ficou meio encabulada, mas o homem respondeu de pronto:

— Pois não sei: ela já parou de tomar as pastilhas e eu já tou com as unhas dos pés tortas de tanto treinar. E até agora nada.

Causo VI

O gauchão de Bagé desembarcou na rodoviária em São Paulo e entrou num táxi:

— Me leve nos Pinheiros.
O motorista sentiu o sotaque e resolveu se deitar:
— O sr. quer que pegue o Minhocão?

O bicho velho se esparramou no banco e não teve dúvida:

— Ué, se tu te garante guiar com uma mão só, pode pegá.

Causo VII

No bolicho se discute a rixa do Augusto com o Apolinário. Desentenderam-se e o pessoal apartou, mas o Apolinário jurou:

— Da próxima vez que te encontrá, te passo o facão.

Agora a peonada está ali, contando e recontando a briga, rindo e bebendo caña. Nisso entra o Augusto, bombachinha fina, alpargata, chapéu velho.

— Tão dizendo que tu não passa mais lá pela casa do Apolinário de medo do facão dele.

Ogusto puxou um cepo, sentou, começou a picar um palheiro e respondeu com voz calma:

— Tenho medo mas é que ele se vire em merda e me cague os dedo.

Você jamais vai esquecer os 25 anos do Real.

O Real, Kastelão e Comes & Bebes estão sorteando dois Corcel por mês. Um jeitão todo especial do Real comemorar seus 25 Anos. Um acontecimento tão importante, que o Real quer torná-lo inesquecível.



REAL **comes & bebes** **KASTELÃO**
SUPERMERCADOS

Proc. n.º: 1080-05340/78 - Sec. Rec. Federal MF, Brasília - Autorização N.º 01/553 de 06.07.78.

Uma seleção de humor para você!



Se você gosta ou não de televisão não importa. Você vai gostar de Chico Anísio escritor. Jorge Amado disse dele que "é um escritor dotado de prosa límpida, cheia de amor ao ser humano e à vida". Leia e veja por quê:

- 1H — **O Batizado da Vaca** — São vinte contos que Chico Anísio nos oferece: vinte histórias que refletem de maneira descontraída e gostosa as tragédias e comédias cotidianas do Rio e São Paulo. Um sucesso permanente: já na 16ª edição. — Cr\$ 80,00.
- 2H — **O Enterro do Anão**: Pequenas histórias em linguagem coloquial. O humor do dia a dia transposto do teatro para a prosa. 14ª edição. — Cr\$ 80,00.
- 3H — **A curva do Calombo** — Um novo Chico Anísio cheio de humor, sabedoria popular e malandragem carioca. — Cr\$ 80,00.
- 4H — **O Melhor de Stanislaw Ponte Preta** — Sérgio Porto. Os melhores momentos de Stanislaw: Tia Zulmira, Primo Altamirando, Garoto Linha-Dura, Febeapá, Crioulo Doido. Uma coletânea que você não pode deixar de ler. — Ilustrada com desenhos de Jaguar. Cr\$ 90,00.
- 5H — **O Popular** — Luís Fernando Veríssimo e o humor sutil. Um extraordinário poder de síntese, de observação, de forma, de acuidade mental. Um escritor inteligente, ferino e irônico. — Cr\$ 85,00.
- 6H — **A Grande Mulher Nua** — Luís Fernando tanto maneja a pena de escrever como a de desenhar. Com uma simplicidade extraordinária ele transforma uma simples crônica em uma aguda visão universal. — Cr\$ 90,00.
- 7H — **Amor Brasileiro** — A grande qualidade do autor está em nos fornecer um produto cada vez mais raro: o humor. — Cr\$ 75,00. Escolha e peça hoje mesmo pelo Reembolso Postal. Basta preencher o cupom abaixo.

ponha logo no correio

Agência Literária Veritas Ltda.
Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre

Queiram enviar-me os livros abaixo assinalados com X:
1H...2H...3H...4H...5H...6H...7H...

Nome: _____
Rua: _____
Cidade: _____ CEP: _____ Estado: _____
Data: _____ Assinatura: _____

* Não envie dinheiro. Só pague ao receber os livros.
Não cobramos despesas de remessa.